

# **Cultura e política: o antirracismo na literatura periférica**

**Boris Calazans dos Santos**

**Versão corrigida**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Lima

São Paulo

2022

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

S237c Santos, Boris Calazans dos  
Cultura e política: o antirracismo na literatura  
periférica / Boris Calazans dos Santos; orientadora  
Márcia Lima - São Paulo, 2022.  
139 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,  
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São  
Paulo. Departamento de Sociologia. Área de  
concentração: Sociologia.

1. Literatura periférica. 2. Literatura marginal.  
3. Saraus periféricos. 4. Relações raciais. I. Lima,  
Márcia, orient. II. Título.

**ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE**

**Termo de Anuência do (a) orientador (a)**

**Nome do (a) aluno (a):** \_\_Boris Calazans

**Data da defesa:** \_\_31\_\_\_\_/ \_\_08\_\_\_\_/ \_\_2022\_\_

**Nome do Prof. (a) orientador (a):** Márcia Regina de Lima Silva

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, \_07\_\_\_\_/ \_\_02\_\_\_\_/ \_\_2023\_\_\_\_



---

(Assinatura do (a) orientador (a))

SANTOS, Boris Calazans. **Cultura e Política: o antirracismo na literatura periférica.** Dissertação (Mestrado) apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Aprovado em: 31/08/2022

Banca Examinadora

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição \_\_\_\_\_

Julgamento \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição \_\_\_\_\_

Julgamento \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição \_\_\_\_\_

Julgamento \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição \_\_\_\_\_

Julgamento \_\_\_\_\_ Assinatura \_\_\_\_\_

**ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE**

**Termo de Anuência do (a) orientador (a)**

**Nome do (a) aluno (a):** \_\_Boris Calazans

**Data da defesa:** \_\_31\_\_\_\_/ \_\_08\_\_\_\_/ \_\_2022\_\_

**Nome do Prof. (a) orientador (a):** Márcia Regina de Lima Silva

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP.**

São Paulo, \_07\_\_\_\_/ \_\_02\_\_\_\_/ \_\_2023\_\_\_\_



---

(Assinatura do (a) orientador (a))

## AGRADECIMENTOS

Acho que a conclusão dessa dissertação me permite afirmar com tranquilidade que não caminhei sozinho. Se não fosse por todas e todos que me acompanham, certamente não chegaria ao fim dessa jornada e sou muito grato a todas essas queridas pessoas.

Primeiramente, agradeço à minha orientadora Márcia Lima, por todo apoio, amizade, compreensão com as dificuldades e contribuição com ideias e orientações essenciais para seguir adiante sobre como abordar o tema que tanto me interessava pesquisar. Agradeço ainda à Flávia Rios por todo apoio que me deu desde quando decidi essa jornada de me enveredar pelos caminhos da sociologia, sem o qual talvez não esteja certo se teria arriscado. Flávia também foi de enorme ajuda durante qualificação, momento em que também agradeço muito a Matheus Gato de Jesus. Ambos foram essenciais para rumos importantes do trabalho. Agradeço ainda a todos os amigos e amigas do grupo de estudos conduzido pela professora Márcia Lima, desde meu ingresso no programa de pós-graduação e por toda minha passagem lá, o que recebi dos colegas foi acolhimento, generosidade, e um ambiente instigante e companheiro para troca de ideias muito frutífera, criativa e estimulante. Meu amadurecimento com eles foi enorme. Para este trabalho, destaco a ajuda de Paulo Ramos e as contribuições tão importantes. Ele foi essencial para minha reflexão sobre a ideia de periferia enquanto uma categoria política. Também fica meu agradecimento à Jaqueline Lima, que eu admiro muito pelo grande conhecimento sobre hip hop, o que certamente proporcionou um excelente debate crítico sobre o trabalho. Pensando sobre essas pessoas tão queridas, só tenho a agradecer pela sorte que tive em minha passagem pelo programa. Todas elas foram muito importantes para o que consegui produzir, sendo os eventuais equívocos e erros de tudo que está escrito de absoluta responsabilidade minha, obviamente.

Devo muito ainda às queridas Tata e Jenyffer Nascimento. Logo que pedi ajuda para atuarem como fontes na pesquisa, atenderam prontamente com grande entusiasmo. A colaboração delas foi imprescindível para o avanço da pesquisa, ainda mais nos tempos em que os fechamentos dos espaços culturais impediam um contato direto com os atores da literatura periférica. Elas me introduziram a pessoas maravilhosas que adorei entrevistar. Agradeço a Alessandro Buzo, Akins, Cokão, Dinha, Esmeralda, Fofão, Jennyfer Nascimento, King Abraba, Luan Luando, Márcio Barbosa, Raquel Almeida, Sandro Indaíz, Santos Drummond, Sérgio Vaz, Thiago Peixoto e Vagnão pelas conversas tão ricas de conteúdo e que também apresentaram histórias de vida incríveis que sempre servirão de inspiração para mim.

Conciliar a pesquisa com uma rotina de trabalho intensa representou um enorme desafio para mim. Não foram poucas as ocasiões em que achei que não conseguiria e, para além do apoio de minha orientadora, amigos de longa data também foram essenciais para o suporte moral e seguir o trabalho em momentos difíceis. Agradeço ao Leandro, irmão de caminhada, a qual seguimos juntos desde a tenra infância. Seu incentivo tanto para o início da jornada do mestrado quanto ao longo dela foram um combustível muito importante para seguir. Nossas caminhadas da sanidade durante a pandemia também garantiram muita serenidade em momentos necessários. Beatriz Ricci, minha querida companheira de trabalho que se tornou uma imensa amiga, sou muito grato por todo apoio que me deu nas parcerias do dia a dia, por escutar minhas aflições e achados com a pesquisa, e pela maravilhosa companhia que é sempre. Para Dalisa, colega de trabalho que rapidamente virou uma querida amiga, também agradeço pelo apoio e por tornar sempre os dias do trabalho algo muito alegre. Adriana de Cássia, pela parceria na vida e na Uneafro, Natália Takeno, querida amiga, e um apoio sempre importante. A Camila Volpi por toda amizade e companhia sempre imprescindível, e por ser minha dupla de visitas aos saraus. Talita Melo por toda a troca de ideia e experiências de vida que sempre contribuíram muito para meu crescimento. Ao Henrique Xavier, pela amizade de sempre e pela ajuda muito importante com os mapas que usei na dissertação. Tem ainda a Mariana Kz, pessoa extremamente querida, com quem divido aventuras, agonias, empolgações, angústias e descobertas. E a Beatriz Lourenço, hoje minha atual chefe, mas amiga de longa data a quem devo bastante por todo apoio que me deu durante esse período. Não posso deixar de mencionar também a equipe do Quilombo, que sempre torceu por essa dissertação e foi muito compreensível com tudo. Agradeço ainda à Raquel Costa e todo o tempo que passamos. O companheirismo e apoio dela foram essenciais pelos momentos mais difíceis e decisivos da dissertação. A todas essas pessoas, agradeço muito!

Por fim, aos meus pais, por tudo e sempre. Às pessoas da Uneafro que me ensinam tanto e preenchem demais os sentidos da minha vida,

## RESUMO

Santos, Boris Calazans dos. *Cultura e Política: o antirracismo na literatura periférica*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022

Esta dissertação de mestrado tem o objetivo de investigar o antirracismo no movimento de literatura periférica, que engloba tanto a produção literária oral e escrita, como também o conjunto formado por produtores culturais, escritores, organizadores de saraus e slams, e público frequentador. Para analisar o antirracismo, considerei como sua principal característica a ação de afirmar a raça como constructo social, para que as pessoas negras possam, a partir dessa afirmação, se identificarem positivamente, bem como denunciar as práticas racistas da sociedade. Ao longo do trabalho, analiso as origens do discurso antirracista na literatura periférica e o como essa prática se dá no movimento. Para tanto, me vali da bibliografia já produzida sobre literatura periférica, a fim de identificar o que já foi dito sobre raça nesses estudos. Também busquei comparar o que os estudos urbanos dizem sobre periferia com: i) as elaborações sobre raça nos estudos das relações raciais e; ii) a utilização do termo periferia pelo movimento hip hop. A comparação dos três buscou erigir uma genealogia, com o fim de identificar os significados que carregam a ideia de periferia quando este termo é utilizado pelo movimento de literatura periférica. Por fim, também utilizei de entrevistas a partir da técnica de amostragem em bola de neve, pela qual localizei potenciais entrevistados do movimento de literatura periférica para tratar do tema do antirracismo. Pelo caminho de identificar o que já foi dito sobre a questão racial, erigir uma genealogia e entrevistar membros do movimento, tentei compreender as características e dinâmicas das práticas antirracistas, para além de seus elementos mais visíveis e pronunciados.

**Palavras-chave:** literatura periférica; literatura marginal; antirracismo; cultura e política; periferia



## ABSTRACT

Santos, Boris Calazans dos. *Culture and Politics: the anti racism in the peripheral literature*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022

This master's dissertation aims to investigate anti-racism in the peripheral literature movement (in São Paulo, Brazil). which includes both oral and written literature. A group formed by cultural producers, writers, organizers of slams competitions and soirées, as well as the public. To analyze anti-racism, I have considered as its main feature the action of affirming race as a social construction, as a way to allow black people to positively identify themselves and also to denounce racist practices in society. During the research, I have analyzed the origins of anti-racist speech and the anti-racist practice in the peripheral literature movement (of São Paulo). For that purpose, I have identified what the bibliography on peripheral literature has said about race. I have also compared what the urban studies said about periphery to i) formulations about race by racial relations studies and; ii) the use of the word periphery by the hip hop movement. The comparison among these three aimed to produce a genealogy of the word periphery based on the meanings used by the peripheral literature movement. I have also recorded interviews using the snowball sampling method, by which I have identified potential interviewees to talk about anti-racism. By identifying what has been said about racial issues in peripheral literature studies, making a genealogy of that term, and interviewing participants of the movement, I have tried to understand the features and dynamics of the anti-racist practices beyond its more visible and pronounced elements.

**Keywords:** peripheral literature; marginal literature; anti racism; culture and politics; periphery

## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	10
<b>Capítulo 1 - O antirracismo, a periferia, a margem e a literatura</b> .....	19
1.1 – A identificação do antirracismo.....	17
1.2 – Vinte anos depois: uma visão panorâmica do movimento de literatura periférica.....	23
1.3 – Entre marginal e periférico.....	32
1.4 – A raça nos estudos de literatura periférica.....	36
<b>Capítulo 2 – A periferia vista de fora</b> .....	43
2.1 – Introdução.....	43
2.2 – Década de 1970: Os processos de formação do espaço.....	45
2.3 – Décadas de 1980 e 1990: Mobilização política.....	52
2.4 – Década de 2000: As transformações econômico-sociais.....	56
2.5 – O grande desencontro.....	65
<b>Capítulo 3 – A periferia vista de dentro</b> .....	73
3.1 – Introdução.....	73
3.2 – Hip hop: pioneiro na visão de dentro.....	75
3.3 – Hip Hop no Brasil.....	79
3.4 – O hip hop, o rap, o discurso antirracista e da periferia.....	83
3.5 – Uma categoria social antirracista.....	92
<b>Capítulo 4 – A literatura Periférica e o antirracismo</b> .....	96
4.1 – Introdução.....	96
4.2 – A literatura periférica amefricana: herdeira do Atlântico Negro.....	102
4.3 – Negociações, conexões e alianças: o pacto de construção do antirracismo na ideia de literatura periférica.....	116
4.4 – Literatura negra, literatura periférica, literatura negra periférica.....	120

4.5 – A interseccionalidade enquanto conteúdo do antirracismo na literatura periférica.....	125
4.5.1 – As mulheres e o antirracismo na literatura periférica.....	127
4.5.2 – A afirmação nordestina e o antirracismo.....	132
4.5.3 – Outras interseccionalidades.....	135
4.6 – Considerações da análise: de categoria territorial a categoria social, de categoria analítica a categoria política.....	137
<b>Conclusão.....</b>	<b>148</b>
<b>Referências.....</b>	<b>155</b>

## INTRODUÇÃO

Minha primeira visita a um sarau, o Sarau da Cooperifa, me deu consciência de uma questão que sempre me rondou em lampejos de pensamentos perdidos. O despertar se deu em algum momento em que olhei ao redor e percebi a quantidade de pessoas negras que estavam naquele boteco do Jardim Ângela, Zona Sul de São Paulo, o Bar do Zé Batidão. Não se reuniam para beber e jogar conversa fora ou vidradas numa partida de futebol. A cerveja circulava, é claro, no entanto, o objetivo da reunião era ouvir e ovacionar as poesias que saíam de um microfone no canto do bar, cheias de críticas ácidas ao sistema capitalista, ao racismo e ao machismo. A inquietação que despertou em mim naquele momento era sobre esse engajamento político no fazer artístico.

A literatura sempre me interessou e já havia me deparado algumas vezes, em círculos literários, com o debate sobre a necessidade dessa arte ser ou não engajada. Naquela noite, me dei conta que para algumas expressões artísticas, à primeira vista, essa discussão não parecia fazer nenhum sentido. Pensei assim diante da tamanha espontaneidade com que as denúncias políticas partiam da poesia naquele espaço. Essas poesias críticas se intercalavam com outras de temas cotidianos, romance, infância. Mas, em momento algum parecia haver qualquer preocupação com o peso das declamações que atacavam o genocídio negro ou a exclusão social e racial. Diante dessa cena, foi inevitável me lembrar do rap e como ele fazia algo parecido. Os raps tratam de questões políticas e é assim que a música sai: não aparenta haver por parte de músicos e público uma pré-reflexão ou dilema sobre a necessidade ou não de engajamento político na arte. Na verdade, diante da história do hip hop, arriscaria até que o conteúdo politizado compõe a forma em certa medida. Pensando um pouco mais sobre o assunto, me dei conta que muita coisa da produção cultural negra era assim, conteúdo político que constitui autenticamente a forma do produto artístico. Foi dessa forma que tomei consciência daquilo que era evidente: para negras e negros, a arte é uma ferramenta de denúncia e enfrentamento ao racismo.

A partir dessa inquietação, decidi que gostaria de explorar mais esse entrecruzamento entre cultura e política, me valendo do universo dos saraus como um caso a ser compreendido. Vi nos saraus uma ótima oportunidade de pensar sobre essa relação, que embora evidente, me parecia um pouco

misteriosa. Tinha o palpite de que essa enunciação politizada aparentemente espontânea deveria ter uma explicação. Como e por quê surgiam esses discursos contra o racismo na música e na poesia? Passei então a frequentar saraus e eventos da literatura periférica, atraído por aquilo que se apresentava para mim como um verdadeiro mistério.

Embora a sociedade brasileira viva num momento de maior questionamento do mito da democracia racial, ele ainda fundamenta muito do senso comum que nega a existência de racismo ou a necessidade de seu enfrentamento. Por isso, ainda hoje, tratar de racismo nos mais variados ambientes, em todos os espectros de classes sociais, causa desconforto, desconfiança, questionamentos e até o furor e indignação de alguns. Racismo ainda é uma ficção ou pauta tabu para o dia a dia de muitos.

Discursos potentes como os recitados nos saraus inquestionavelmente desafiavam o senso comum, de modo que me despertou uma enorme curiosidade compreender como é possível se criar as condições para eles aparecerem. É instigante pensar como na periferia surgiram espaços em que a poesia é um canal potente de afirmação negra, e mais interessante ainda perceber que há uma adesão a esse discurso de outros grupos raciais no mesmo espaço.

Dessa constatação, fui em direção à bibliografia já produzida sobre saraus e literatura periférica. Em um primeiro contato, percebi que muita coisa havia sido pesquisada. A literatura marginal periférica era um tema de bastante interesse de variadas áreas das ciências humanas, em especial, ciências sociais, letras e estudos culturais, e o interesse parecia estar ainda em crescimento.

As leituras, desde o início, apontaram todas para a constatação de que a presença negra e de sua afirmação naquele movimento literário eram muito fortes, porém não encontrei as explicações que buscava sobre a relação aparentemente harmônica entre negros e brancos nesses espaços. O que configura o antirracismo da literatura periférica? Quais as ideias que informam esse antirracismo? O que pensam agentes brancos e negros desse movimento a respeito do problema da raça? Como esses agentes se articulam com outras ações coletivas antirracistas? Desse modo que me pareceu haver uma possibilidade de contribuição para o tópico.

Aqui, vale uma explicação sobre o objeto de observação da pesquisa, o qual denomino como movimento de literatura periférica. Com essa expressão, estou considerando o bloco de mobilização coletiva que se formou a partir do final dos anos 90 com iniciativa de escritores isolados à princípio, mas que acabam por se encontrar com a repercussão de seus produtos literários, dando marcha à um movimento dinâmico, complexo que se espalhou pelas periferias de São Paulo e de diversos centros urbanos do Brasil.

No conjunto do movimento de literatura periférica, incluo a produção literária escrita e oral; os saraus periféricos e slams; as empreitadas para produção, circulação e comercialização do material literário; a organização e produção de eventos culturais de fruição e divulgação da literatura periférica; a rede de articulação com outras linguagens artísticas da cultura auto-identificada periférica e, por fim, a mobilização político-cultural desses agentes.

Considero tantos elementos na análise porque, ao observar o “movimento”, nota-se que ele nunca se articulou apenas em torno de uma proposta puramente literária, embora esta seja o centro de sua organização.

Um contato breve com alguns desses componentes citados revelará para o observador que há uma forte mobilização de um discurso político sobre periferia. Este, não é unívoco, mas se atém a um eixo bem identificável de auto-afirmação, visibilidade e reivindicação de direitos para a população periférica e para os artistas periféricos.

Aprofundando o contato, é possível ver ainda que esse eixo de atuação disputa a legitimação no campo literário<sup>1</sup>, mas promove ações que extravasam

---

<sup>1</sup> A ideia de legitimação no campo literário aparecerá algumas vezes ao longo deste trabalho e está baseada principalmente na ideia de disputa do campo literário, desenvolvida pela teoria de Pierre Bourdieu. Com a teoria dos campos, Bourdieu procurou desenvolver um modelo analítico para pensar sobre sociedades estratificadas (Lahire, 2017). A ideia de campo é desenvolvida por Bourdieu como um microcosmos, dentro de um macrocosmos social maior (geralmente o macrocosmos nacional), em que a relação de interação entre os indivíduos se dá pela disputa dos bens distribuídos de maneira desigual (Lahire, 2017).<sup>1</sup> Esse microcosmos inserido dentro de uma sociedade que se diferencia a partir da autonomização das ocupações que nele se inserem. No caso da literatura, o campo literário surgiria com o desenvolvimento de um mercado consumidor das obras, o que que autorizaria a produção independente do autor (não sob a forma de mecenato), e por decorrência, a autonomização da produção literária. Assim, a legitimação dentro desse campo autônomo decorre do reconhecimento de suas regras e disputa entre seus participantes dos bens materiais e simbólicos que ele proporciona e que são distribuídos desigualmente. Se legitimar no campo literário representa tanto a possibilidade de ser reconhecido como um ator do campo que disputa os bens, como também a própria disputa em si de modo a buscar a prevalência sobre outros disputantes. Quem se legitima no campo literário é um participante deste, seja como escritor, crítico, editor, etc. Quem assim é reconhecido passa a ter a possibilidade de disputar os bens simbólicos e materiais tais como vendagem, valor

a literatura, direcionadas à denúncia social e identificadas com pautas de um espectro amplo dos movimentos de esquerda. Ademais, constantemente, o fazer literário se apresenta como uma atividade coletiva não só pelas apresentações dos saraus e slams, mas também por uma parcela considerável dos discursos proferidos em eventos, pelos manifestos publicados, e pela própria dinâmica de relações.

Outra característica bastante evidente nesse conjunto é a forte presença de pessoas negras, de poesias com o tema de negritude, de falas que reivindicam a negritude e homenageiam figuras negras. A presença racial negra é marcante das mais diversas formas, mas isso não significa que o sentido da presença e afirmação negras sejam inteiramente compreendidos à primeira vista, muito menos a explicação para a presença dessas pessoas, ou as implicações dessa presença. Em resumo, diante da constatação de tantas pessoas negras com poesias afirmativas, surgem questões: porque se reúnem ali, como chegaram a esse discurso e literaturas afirmativas, como se relacionam com as pessoas não negras?

A hipótese deste trabalho é de que presença e afirmação negra no espaço de um movimento literário que se declara politizado decorre de articulações e mobilizações que não estão necessariamente explícitas, as quais esperamos revelar ao menos em parte. Afinal, aquilo que é conhecido por literatura e o respectivo reconhecimento literário se erige por uma hierarquização social, cuja a raça está entre as chaves de ascensão e reconhecimento.

No tocante à técnica, é necessário acesso às capacidades de leitura e escrita, além de domínio dos recursos estilísticos que serão avaliados pelos “gatekeepers” do campo literário. Para pessoas negras, essas barreiras constituem desafios nada simples quando considerados os dados estatísticos de acesso à educação no Brasil, que mostram a segregação racial no acesso à uma educação de qualidade. A população negra está consideravelmente excluída ou sobrerrepresentada no acesso à educação de qualidade ruim. Veja-se por exemplo quando consideramos os dados de alunos inscritos no programa de Educação de Jovens e Adultos - EJA, voltado para aqueles que não tiveram

---

estético, valor da proposta do artista enquanto detentor de um “projeto intelectual”, valor social da própria imagem pública e de sua opinião etc.

acesso à educação escolar no período considerado ideal, no qual há uma gritante sobrerrepresentação de pessoas negras<sup>2</sup>.

Após as dificuldades básicas, há ainda a necessidade de se garantir as demandas estruturais para o fazer literário, que se traduzem principalmente em tempo de qualidade, que se torna mais escasso quanto mais baixa for a posição do indivíduo na estratificação social. Aqui também se encontra um enorme empecilho para a população negra, dada sua condição histórica de exploração a que está submetida, sendo a raça um dos elementos centrais e organizadores das classes no Brasil.

Por fim, passadas tais dificuldades, é necessário ainda o reconhecimento e aclamação da obra e da crítica. Esse processo também é fruto de uma complexa operação que passa por investidores, editores, críticos e acadêmicos que devem legitimar a obra para que então seja reconhecida como autenticamente literária. Análises como aquela feita por Karl Erik Schollhammer no livro *Ficção brasileira contemporânea* em que classifica obras de Ferrez como “de importância literária mínima” (*apud*, Tennina, 2017), quando recepcionada pela opinião pública pode significar a eliminação do escritor e sua obra da cena literária. Essa legitimação não está livre da chave do gênero e da raça, como mostra o estudo de Regina D’Alcastagne (2012) que trata da predominância no do trabalho de homens brancos da região sudeste no mercado das publicações literárias brasileiras.

Tantas barreiras fazem da legitimação literária uma tarefa hercúlea para pessoas pobres, especialmente as negras, mas, ainda assim, essas figuras existem e têm recebido cada vez mais destaque. Suas trajetórias, entretanto, dada a singularidade que constituem, merecem uma investigação sociológica por si. Mário Augusto Medeiros da Silva (2011), por exemplo, enfrenta esse desafio, buscando explicar como surgem figuras literárias a despeito de tais dificuldades, o que seria algo verdadeiramente insólito. Um estudo profundo que

---

<sup>2</sup> Informação extraída do Resumo Técnico do Censo Escolar de 2021, p. 32: “Quanto à cor/raça, percebe-se que os alunos identificados como pretos/pardos são predominantes na educação de jovens e adultos do ensino fundamental e médio. Pretos e pardos representam 76,7% da EJA – fundamental e 69,1% da EJA – médio em relação à matrícula dos alunos com informação de cor/raça declarada. Os alunos declarados como brancos representam 21,1% da EJA – fundamental e 29,5% da EJA – médio (Gráfico 22).”



permite a compreensão das estratégias e contextos sociais para a existência da literatura auto-declarada negra e periférica.

Entretanto, junto com as próprias existências e surgimentos desses escritores, acredito haver um problema sociológico digno de investigação no sentido de compreender a circulação de ideias e as redes que contribuem para a auto-afirmação negra coletiva, e para o discurso literário e político adotado a partir desta. É aqui que reside a razão de investigar o antirracismo na literatura periférica.

Embora o tema já estivesse decidido, a forma de pesquisa passou por muitos percalços até chegar em seu formato final. Influenciado por trabalhos que tratavam da literatura negra, iniciei com a ideia de analisar obras da literatura periférica e fazer pesquisa de campo e entrevistas com atores chave. Porém, o momento da pesquisa coincidiu com a chegada da Pandemia de COVID-19 e o fechamento dos saraus. Este fator, aliado ao resultado das primeiras entrevistas, me fizeram optar estas últimas como o melhor caminho para obter as respostas que procurava.

Decidi então me restringir à entrevistas em profundidade para extrair das conversas informações que buscava compreender.

Dessa forma, procurei identificar duas fontes iniciais, com forte relação nas redes da literatura periférica e, a partir delas, buscar indicações para as entrevistas. A primeira semente foi a escritora Jenyffer Nascimento, atuante e bastante conhecida no movimento de literatura periférica. Como colega de trabalho<sup>3</sup>, além de me conceder entrevista, a poetisa Jenyffer me ajudou com a indicação de participantes do movimento e a intermediação para a realização de outras entrevistas, das quais mais indicações surgiram. Além dela, contei com a colaboração como semente de Thaís Santos, a Tata como é conhecida, participante das organizações negras Quilombaque e Uneafro Brasil<sup>4</sup>. Não

---

<sup>3</sup> Jenyffer Nascimento é poeta tendo iniciado suas atividades no sarau da Cooperifa, de origem nordestina, mãe, auto-declarada negra, bastante atuante e conhecida na cena de literatura periférica, participou de coletâneas do Sarau do Binho e *Pretextos de Mulheres Negras*, da Editora Mjiba, editora pela qual também publicou seu livro solo *Terra Fértil* em 2014. Atualmente eu e Jenyffer trabalhamos como assessores técnicos na mandata da bancada coletiva Quilombo Periférico, da vereança da cidade de São Paulo (ela como articuladora política e eu como assessor jurídico).

<sup>4</sup> Thaís Santos é integrante da Comunidade Cultural Quilombaque, onde coordena um núcleo de cursinho popular da Uneafro Brasil. Participa do sarau promovido pelo Quilombaque, o Sara D'Quilo, ajudando em sua organização e participando com poesias próprias, embora não se considere poeta. A possibilidade de ter Tata como semente se deve ao fato de nossa proximidade enquanto militantes da Uneafro Brasil.

entrevistei Tata, mas, com a mesma gentileza e presteza que Jenyffer, ela construiu a ponte para que eu pudesse entrevistar mais um grupo de poetas que igualmente indicaram outros a serem entrevistados.

A princípio, minha ideia era realizar entrevistas semiestruturadas de duração não maior do que uma hora, para as quais criei o roteiro com perguntas que buscavam direcionar aos assuntos de que eu tratava. No entanto, após as primeiras entrevistas, percebi que poderia obter melhores resultados deixando os entrevistados falarem livremente a partir da minha provocação. Isso fez com que as entrevistas durassem entre uma hora e meia e duas horas, e que nem todas as perguntas fossem realizadas, embora a maioria das respostas que eu procurasse surgissem espontaneamente das falas.

A ajuda de Jenyffer e Tata, e a amabilidade dos entrevistados me garantiu muito mais nomes do que eu poderia de fato entrevistar para este trabalho, ainda mais considerando a extensão das conversas. Desse modo, acabei me deparando com a dura tarefa de escolher entre as possibilidades de entrevistas que faria. Ao todo, realizei 16 entrevistas, sendo que a escolha dos entrevistados, entre os nomes que apareceram, passou pelos seguintes critérios: participantes do movimento de literatura periférica em diferentes posições (escritores de prosa e poesia, organizadores de sarau, participantes de slam, organizadores de slam); homens e mulheres; pessoas negras, não negras e brancas<sup>5</sup>, de faixa etária e orientação sexual diversas, de gerações diversas do movimento. Nas conversas, busquei identificar aspectos do antirracismo na cena de literatura periférica, segundo a impressão dos entrevistados.

A dissertação se divide em quatro capítulos cuja a organização busca fazer uma análise do antirracismo no movimento de literatura periférica, passando pelo seguinte percurso: primeiro uma revisão de pesquisas já produzidas, depois, uma tentativa de genealogia do termo periferia e do antirracismo na ideia de periferia e, por fim, as impressões do antirracismo a partir dos integrantes do movimento de literatura periférica.

Nessa trilha, no primeiro capítulo, busco apresentar melhor o objeto de pesquisa e o recorte de observação. Assim, apresento o conceito de antirracismo

---

<sup>5</sup> Para a seleção utilizei o critério de heteroclassificação, considerando a minha impressão dos entrevistados a respeito de como provavelmente se classificariam. Depois passei a considerar sua própria auto-identificação, conforme eles próprios a revelassem na entrevista.

com o qual trabalharei ao longo da dissertação. Ainda faço uma apresentação panorâmica dos 20 anos do movimento de literatura periférica e, a partir de uma revisão bibliográfica do tema, o que já foi dito a respeito da questão racial.

O segundo capítulo faz um exercício de apreensão do sentido do termo “periferia” nos estudos urbanos, para depois comparar com o sentido utilizado pelo movimento de literatura periférica. Essa análise considera que boa parte dos sentidos do termo periferia advém de ideias construídas no meio acadêmico, principalmente dos estudos urbanos e de violência. Tal genealogia é acompanhada de uma breve trajetória do pensamento sobre relações raciais no Brasil em período paralelo àquele analisado nos estudos urbanos, mostrando o desencontro entre os temas.

No terceiro capítulo, abordo a ideia de periferia a partir do movimento hip hop, que considero ser o responsável por agregar o antirracismo na ideia de periferia. Também demonstro que essa atuação do hip hop não está descolada de um fazer cultural negro que sempre considerou a política no âmbito de suas manifestações.

O quarto e último capítulo trata propriamente do antirracismo na literatura periférica. Neste, procuro relacionar os sentidos do antirracismo no movimento, apoiando-me na herança do hip hop, mas buscando também a evolução e as transformações promovidas no âmbito da literatura periférica. É nesse capítulo que se centrará a análise das entrevistas, que serão a fonte privilegiada para formar minhas constatações a respeito da dinâmica, ações e percalços das práticas antirracistas na literatura periférica.

A realização das entrevistas me colocou em proximidade com pessoas que já admirava nos saraus, e me possibilitou conhecer aspectos fantásticos de suas trajetórias de vida e perspectivas sobre literatura, periferia, o movimento, suas próprias artes e nossa sociedade. Os saraus, as recitações e os textos são espetáculos fabulosos que traduzem um universo real e imaginado dos artistas que transformam a realidade das mazelas sociais urbanas em mais esperança, concretizam a humanidade na política, tão abundantemente enunciada quanto esquecida.

Espero que essa pesquisa possa dar sua parcela de contribuição para que o interesse acadêmico na literatura periférica continue ampliando e nutrindo as energias desse movimento tão potente e transformador.

## Capítulo 1 – O antirracismo, a periferia, a margem e a literatura

### 1.1. A identificação do antirracismo

Para a investigação a ser feita no presente trabalho, podemos ainda partir de algumas premissas já reveladas pelos estudos das relações raciais. O racismo, enquanto construção social, adota características específicas conforme região e contexto histórico, e o mesmo ocorre com o antirracismo. Desse modo, considerando que investigarei um fenômeno na grande São Paulo, importante partir dos aspectos característicos do antirracismo no Brasil. Para tanto, pretendo me valer principalmente das ideias de Antônio Sérgio Alfredo Guimarães em seu livro *Racismo e Antirracismo no Brasil* (2012).

A compreensão da ideia de raça no Brasil encontra parte de sua explicação na construção da nacionalidade brasileira, a qual se deparou com uma questão crucial a ser superada frente às teorias do racismo científico vigentes entre o século XIX e início do XX. A alta miscigenação presente na sociedade brasileira trazia uma dificuldade para o Brasil em sua intenção de se firmar e ser reconhecido como uma nação civilizada frente a Europa e Estados Unidos. Dessa forma, a teoria desenvolvida por Gilberto Freyre em *Casa Grande e Senzala* (1933, *apud* Guimarães, 2012a) constituiu um ponto de inflexão no pensamento brasileiro sobre raça e a grande resposta necessária para se contrapor às teorias racistas.

Na citada obra, Freyre desenha um período escravocrata brasileiro de relações bem mais brandas entre senhores e escravos do que em outros países. Para ele, havia uma zona de confraternização entre senhores e escravos, cujo elemento de ligação era o campo do erotismo (Hanchard, 2000). Segundo Freyre, a escassez de mulheres brancas levou a uma harmoniosa miscigenação que permitiu um equilíbrio das tensões raciais naquela sociedade e deu origem à civilização brasileira, composta pela colaboração de três elementos – o branco, o negro e o índio – cada qual com suas contribuições. Para tal narrativa, essa mistura que originou o brasileiro seria a justificativa para termos um povo bastante promissor, dotado de características mais plásticas que os povos

brancos europeus, formando uma sociedade que seria livre de tensões e hierarquias raciais.

A concepção de Freyre obteve ampla aceitação entre as elites nacionais, pois afastava o incômodo do racismo que levaria à conclusão de inferioridade brasileira. Ela negava a existência de raças, reafirmava as diferenças culturais entre os povos, mas trazia um tom altamente elogioso das contribuições culturais dos africanos.

Os conceitos de Freyre têm seus antecedentes na construção da ideia de excepcionalidade do Brasil, surgida entre as elites nacionais a partir da primeira metade do século XIX para justificar a permanência da escravidão frente às potências nacionais Europeias e EUA (Hanchard, 2000). A ideia de excepcionalidade preconizava essa relação harmônica e menos violenta entre senhores e escravos. Outro antecedente são as ideias desenvolvidas no pós-abolição quanto a busca das elites pela construção da nacionalidade brasileira, que passava pela assimilação de negros e índios como potenciais candidatos à miscigenação, mas não como cidadãos plenos (Guimarães, 2012).

Nesse sentido, o discurso racista brasileiro se desenvolveu de modo a não admitir a auto-afirmação negra ou indígena. É um jogo perverso em que, por um lado, a crença na diferença racial está presente na sociedade brasileira nas mais diversas e mínimas práticas cotidianas, de modo a, silenciosamente, afirmar, preservar e reproduzir a supremacia branca. Mas, por outro, vive-se - apenas no campo discursivo - uma afirmação de negação de diferenças, de modo que não cabe negros e indígenas se auto afirmarem como tais, para denunciar o racismo e reivindicar seus direitos.

Conforme as bases freyrianas, haveria, então, diferenças culturais entre esses grupos, mas não propriamente raças que dividiriam os humanos. A sociedade brasileira forjou sua cultura com contribuições dos grupos indígenas, africanos e europeus, de modo a fundar uma civilização única. Admite-se, assim, algum preconceito baseado nas diferenças de cor, mas se trataria de condutas individuais, sem qualquer relação com a estratificação social brasileira. Seria essa visão que fundamenta o conhecido argumento de que no Brasil não haveria um problema de racismo, mas de pobreza. Não haveria propriamente preconceito de raça, mas sim de classe.

A prática discursiva prega que o racismo estaria naqueles que falam de raças, dado que geram divisão e segregação. Não estaria, contudo, nos atos cotidianos que negam a humanidade de negros e indígenas, lhes impedem a cidadania plena e o acesso justo à produção material nacional com a qual contribuem. A simples existência dos direitos formais, dados a todos, seria suficiente para demonstrar a inexistência de racismo. Os mecanismos que impedem negros e indígenas de terem igualdade de dignidade e oportunidade seriam irrelevantes para classificar nossa sociedade como racista.

Pelo discurso que sustenta esse racismo, não há raça, há apenas a civilização brasileira, e a cor é uma questão acidental, um diferencial menor. Porém, como explica Guimarães (2012 a), é justamente a cor que funciona como chave para a hierarquização racial. Vale transcrever sua leitura:

“Assim é o racismo brasileiro: sem cara. Travestido em roupas ilustradas, universalista, tratando-se a si mesmo como antirracismo, e negando, como antinacional a presença integral do afro-brasileiro ou do índio-brasileiro. Para este racismo, o racista é aquele que separa, não o que nega a humanidade de outrem; desse modo, racismo, para ele, é o racismo do vizinho (o racismo americano).”

Dadas essas características da base discursiva e prática do racismo, seu enfrentamento no Brasil pressupõe justamente o discurso racialista, ou seja, a afirmação da construção sociológica de raça, com o intuito de levantar o véu que oculta o problema. Seria o que Guimarães (2012) considera um discurso racialista de auto-defesa:

“Apenas para os afro-brasileiros, para aqueles que se chamam a si mesmo de “negros”, o antirracismo deve significar antes de tudo, a admissão de sua “raça”, isto é, a percepção racializada de si mesmo e do outro. Trata-se da reconstrução da negritude a partir da rica herança africana - a cultura afro-brasileira do candomblé, da capoeira, dos afoxés, etc. -, mas também da apropriação do legado cultural e político do “Atlântico negro” - isto é, do Movimento pelos Direitos Civis nos Estados Unidos, da renascença cultural caribenha, da luta contra o *apartheid* na África do Sul, etc.”

O antirracismo trata a raça como constructo social utilizado de ferramenta de estratificação social. Pressupõe ainda a valorização da herança cultural africana como forma de enfrentamento à ideia racista de hierarquização moral inata às diferenças culturais de cada povo. É uma estratégia, em suma, que, reafirmando a existência da raça, denuncia os mecanismos sociais do racismo e busca desarmar discursivamente suas justificativas morais e culturais.

Há ainda mais um ponto que entendo necessário situar para o prosseguimento do debate, que é a ideia de protesto negro.

A expressão protesto negro tradicionalmente é utilizada por pesquisadores para indicar as diversas formas de manifestação de afronta ao racismo do final dos anos oitocentos até o centenário da Abolição (Rios, 2012). Porém, ele também pode ser compreendido como repertório de ação do movimento negro, tal como proposto por Rios (2012). Nesse sentido, afirma Rios, a utilização da expressão nesses termos permite separar o protesto das práticas coletivas no interior de organizações e espaços negros. O protesto tem objetivo franco de ser público e assim chamar a atenção da opinião pública.

Então, o antirracismo significa a oposição ao racismo de maneira ampla. Já o protesto negro será aqui entendido como o corpo de ações públicas coletivas de estratégia política de enfrentamento ao racismo no âmbito do movimento negro. A diferenciação vale, porque a ideia de antirracismo que utilizarei se aproxima muito do que diversos pesquisadores clássicos, como Florestan Fernandes, Roger Bastide e George Andrews entendem pela expressão em questão, ou seja, as diversas formas de manifestação contrária ao racismo produzidas pelos negros (Rios, 2012). Nessa trilha, entendo que o objeto da pesquisa fica melhor caracterizado por antirracismo por duas razões.

A primeira é porque o movimento de literatura periférica não é apenas composto por pessoas negras, e nosso intuito é observar a oposição ao racismo considerando também os grupos não negros. A segunda, porque, aderindo ao proposto por Flávia Rios (2012), a separação do protesto das práticas coletivas no interior de organizações e espaços negros se mostra mais útil para análise de mobilizações contemporâneas. Desse modo, preferível o uso da expressão protesto negro para repertório de ação, ou seja, ações de caráter público, com o intuito de ter visibilidade e chamar atenção da sociedade, autoridades, imprensa, etc (Rios, 2012).

Assim, antirracismo, ainda que expressão de conotação mais genérica, apreende melhor o que será observado. Ao longo da exposição, será possível perceber que o antirracismo na literatura periférica tem pontos relevantes de intersecção com o protesto negro, pois o protesto negro está contido no antirracismo, embora não sejam coincidentes para os fins dessa dissertação.

Da introdução e desta explicação, fica evidente que o trabalho se centra na oposição ao racismo anti-negro. Isso não significa que não existam outras expressões de antirracismo no movimento de literatura periférica, especialmente

em defesa da questão indígena, o que será levado em conta na medida do que os achados de pesquisa revelaram.

Consideramos o antirracismo o conjunto de práticas e posturas que visam se opor ativamente ao racismo. No Brasil, por necessidade, ele assume a característica de ser racista, o que se traduz pela assunção da existência de raças enquanto construção social, com a finalidade de denunciar e combater as práticas racistas. Entre as práticas do antirracismo encontra-se a auto-afirmação negra com o fim de enfrentar a desumanização e a hierarquização cultural das raças. A partir desse ponto, as estratégias de mobilização incorporadas ao repertório de manifestação pública, constituirão o protesto negro.

Nós nos deteremos especialmente a compreender o antirracismo no âmbito interno do movimento de literatura periférica, mas há inegável intersecção o protesto negro.

## **1.2. Vinte anos depois: uma visão panorâmica do movimento de literatura periférica<sup>6</sup>**

O movimento de literatura periférica tem sua gestação ao longo da década de 90, quando escritores das regiões da periferia de São Paulo iniciaram sua produção literária. Em Taboão da Serra, Sérgio Vaz<sup>7</sup> publica de forma independente *Subindo a ladeira mora a noite* em 1988; *A margem do vento* em 1991 e *Pensamentos Vadios* em 1994 (Reyes, p. 40). Binho<sup>8</sup>, na Vila Pirajussara, zona sul de São Paulo organizava as *Noites da Vela* em meados dos anos 90; entre 1996 e 1997 dá início ao projeto *Postesia*, pelo qual colava posters nas

---

<sup>6</sup> As apresentações e informações a respeito dos escritores aqui citados são fruto das várias fontes que compõem a referência bibliográfica, bem como informações prestadas diretamente no caso dos entrevistados.

<sup>7</sup> Escritor periférico, agitador cultural, fundador do Sarau da Cooperifa e uma de suas principais lideranças. Nasceu em Ladainha, Minas Gerais, em 1964. Publica livros desde o final dos anos 80, entre obras próprias e coletâneas. Seus livros mais conhecidos são *Literatura, pão e poesia*, de 2011, e *Flores de Alvenaria*, de 2016 (ambos pela Global editora). Junto com os demais organizadores do sarau Cooperifa, idealizou a Semana de Arte Moderna da Periferia (2007) e a Mostra Cultural da Cooperifa. Atua também em diversos projetos que visam o estímulo à leitura.

<sup>8</sup> Robinson Padial, escritor periférico, agitador cultural e organizador do Sarau do Binho, nascido em São Paulo em 1964. Morador do Campo Limpo, autor de diversos livros e organizador de coletâneas de seu sarau. Também idealizou e organizou a Expedição Donde Miras, uma caminhada cultural que tinha o objetivo de circular pela América Latina, alcançando diversas cidades do Brasil. É uma das referências da literatura periférica com diversas iniciativas culturais com o objetivo de estimular a leitura.



ruas com poesia, gerando mais tarde a publicação independente do livro de mesmo nome, *Postesia*, em 1999. Também na zona sul, em 1997, Ferréz<sup>9</sup>, com patrocínio de sua empregadora à época, publica de maneira independente *Fortaleza da desilusão*, e em 1999 funda o movimento cultural 1daSul. Na zona leste, ainda no final dos anos 90, Alexandre Buzzo<sup>10</sup> redigia fanzines para distribuir na estação de trem, contando criticamente o cotidiano vivido pelos passageiros durante as viagens ferroviárias (Duarte, 2014 p. 56). Na mesma época, Dinha começava a cursar letras e participava da fundação da Posse de Hip Hop Poder e Revolução<sup>11</sup> na região do Parque Bristol (sudeste da cidade).

Até o fim dos anos 90, nenhum desses nomes tinha conhecimento um do outro, nem suas propostas estéticas literárias estavam articuladas em uma mobilização coletiva maior. Não podemos dizer, então, que nesse momento já existia um movimento, mas não tardaria para esses escritores se encontrarem na virada do século dando início aquela nova literatura.

No ano 2000, Ferréz publica seu livro *Capão Pecado*, pela editora Labortexto. No mesmo ano, Buzzo publica *O trem: baseado em fatos reais*. Em 2001 também que Sérgio Vaz e Marco Pezão<sup>12</sup> fundam o Sarau da Cooperifa. Desses feitos, aquele que recebe maior repercussão é certamente a publicação de *Capão Pecado*, o qual atraiu interesse do jornal Folha de São Paulo antes mesmo de sua publicação (Nascimento, 2006). Com o lançamento do livro,

---

<sup>9</sup> Reginaldo Ferreira da Silva, criador do termo literatura marginal, nascido em 1975 em São Paulo. Estreou na literatura com o livro *Fortaleza da Desilusão*, vindo ganhar notoriedade após o romance *Capão Pecado*. Foi o organizador da Coletânea lançada *Literatura Marginal*, lançada pela revista Caros Amigos, considerado por muitos um dos marcos fundadores da literatura periférica/marginal. Fundou o movimento 1daSul, que atualmente se destaca como marca de roupa.

<sup>10</sup> Escritor periférico e produtor cultural nascido em São Paulo em 1972, sendo um dos pioneiros da literatura periférica, adquiriu notoriedade após a publicação do livro *O trem: baseado em fatos reais*, desde então publicou diversos livros e dirigiu filmes. Fundou em 2007 a livraria Suburbano Convicto, onde ocorria o Sarau Suburbano. Atualmente a livraria funciona apenas de maneira virtual. Também atuou como apresentador no quadro Buzão, do programa Manos e Minas, da TV Cultura e participação no quadro SP Cultura do SPTV da Rede Globo, onde trata da cultura de periferia paulistana.

<sup>11</sup> Posses são agrupamentos de praticantes do hip hop, que terão uma melhor explicação mais adiante.

<sup>12</sup> Marco Antonio Ladocicco, poeta e agitador cultural. Nascido na zona oeste da cidade de São Paulo, em 1951, falecido em outubro de 2019. Participou de coletâneas e tem os livros próprios *Nós é ponte e atravessa qualquer rio*, de 2013, *Pés no chão*, de 2015, além de participar de outras coletâneas. Era conhecido também pela alcunha de *poeta da bola*, por seu envolvimento com o futebol de várzea, pelo que era apaixonado. Em 2011 fundou o sarau A Plenos Pulmões, realizado na Casa das Rosas.

Ferréz ganha considerável visibilidade através entrevistas, reportagens e palestras (Nascimento, 2006, Tennina, 2017).

A relativa notoriedade rende à Ferréz a oportunidade de se tornar colunista da Revista *Caros Amigos*, um periódico iniciado em 1997 pela Editora Casa Amarela, que circulava nos meios de esquerda com projeto de elaborar reportagens de profundidade em crítica ao neoliberalismo. Nessa posição, Ferréz propõe uma parceria de publicação com a Editora Casa Amarela, o projeto *Literatura Marginal*, que sairia como edições especiais da revista *Caros Amigos* (Nascimento, 2006; Reyes, 2011; Tennina, 2017).

A ideia central do projeto *Literatura Marginal*, foi de reunir textos literários de diversos autores de periferia do Brasil. Nas palavras do editorial, buscava mostrar “as várias faces da caneta que se manifesta na favela, pra registrar o grito verdadeiro do povo brasileiro” (*Apud* Nascimento, 2006 p. 23). A parceria previa uma estratégia própria de distribuição e editoração, privilegiando bancas localizadas em bairros de periferia e buscando atrair leitores dessa região. Queria alcançar público fora do leitor convencional da revista (Nascimento, 2006; Tennina, 2017). A edição especial teve três volumes, Atos, I, II e III, publicados respectivamente em 2001, 2002 e 2004, editando, ao todo, 80 textos de 56 autores, sendo 13 rappers, oito mulheres (Leite, 2014), e ainda dois indígenas e dois presidiários (Nascimento, 2006). Entre os rappers, alguns deles bastante conhecidos, como Mano Brown<sup>13</sup>, GOG<sup>14</sup> e Kascão<sup>15</sup>, e entre os autores alguns já reconhecidos pelo cânone, como João Antônio, Plínio Marcos, Solano Trindade, Paulo Lins e Lima Barreto. Havia ainda um texto do Subcomandante Marcos, liderança do Exército Zapatista de Libertação Nacional do México (Nascimento, 2006; Leite, 2014).

---

<sup>13</sup> Pedro Paulo, rapper nascido em 1970 na zona sul de São Paulo. Líder do conhecido grupo Racionais MC's, sendo um dos principais compositores, suas letras tiveram enorme contribuição e influência na construção do léxico a respeito da ideia de periferia e antirracismo para a juventude a partir dos anos 90, como se verá no capítulo 3.

<sup>14</sup> Gabriel Oliveira Gonçalves, rapper nascido em 1965 na cidade de Sobradinho, satélite do Distrito Federal. Conseguiu grande reconhecimento no meio do hip hop e também considerável fama para além dele. É autor de um dos versos que será comumente utilizado por movimentos de cultura para sintetizar a unidade social em relação a ideia de periferia: “periferia é periferia em qualquer lugar”, da música *Brasília Periferia*, do álbum *Dia a Dia da Periferia*, de 1994.

<sup>15</sup> Djalma Oliveira Rios rapper nascido em 1972 na zona sul de São Paulo. Líder do grupo Trilha Sonora do Gueto, o qual fundou em 1999 logo após ter cumprido oito anos de pena preso por assalto a banco. No período inicial do grupo, suas letras tinham forte referência ao cotidiano da periferia de São Paulo. Formado em Direito e Teologia, atualmente sua música tem forte relação com a temática gospel.

A partir das edições especiais da *Caros Amigos*, é possível perceber que uma rede de autores da periferia passa a se articular, bem como a tomar consciência daquela produção literária maior, saindo do isolamento.

A partir desse momento, surge também um projeto literário que se evidencia não apenas pelos manifestos de abertura das edições, pelas opções estéticas fortemente ligadas ao movimento hip hop e pela temática dos textos, mas também pela escolha dos autores a serem publicados, onde se verifica mesmo a reivindicação de uma trajetória histórica a partir de autores como Lima Barreto, Solano Trindade, João Antônio, Plínio Marcos e Carolina Maria de Jesus. A articulação feita por Ferréz inaugurou a rede estabelecendo contato entre escritores que formariam o novo movimento, entre eles, já estavam personagens centrais para a propulsão daquela nova literatura, como Alan da Rosa<sup>16</sup>, Sacolinha<sup>17</sup>, Alexandre Buzzo, Sérgio Vaz. Por essa razão, a publicação dessas edições, é considerada um marco fundamental, possivelmente o marco fundador do novo movimento literário, até ali auto-intitulado literatura marginal.

No mesmo ano de publicação do Ato I da edição especial, é fundada a Cooperifa, no mês de outubro, pelos poetas Sérgio Vaz e Marco Pezão, como uma iniciativa de apresentações artísticas de música, teatro e poesia. O projeto iniciou suas atividades em uma fábrica abandonada em Taboão da Serra, porém, logo tiveram que mudar, se instalando em um bar também em Taboão da Serra, o Garajão, onde passaram a desenvolver as atividades do sarau, com apresentações mais centradas em literatura. Suas ações permaneceram até 2003, quando o bar foi vendido e tiveram que novamente procurar um lugar para se instalar. A nova casa viria a ser o Bar do Zé Batidão, onde as atividades permanecem até a data de hoje. Nas palavras de Sérgio Vaz, escolheram um bar para realizar suas atividades culturais, porque o bar é o único lugar de acesso público e possível de fazer um evento assim. Nesses mais de vinte anos de vida,

---

<sup>16</sup> Nascido em 1976 em São Paulo, é escritor, historiador e educador. Participa do movimento de literatura periférica desde seus primórdios, trazendo relevantes contribuições para sua construção. Entre suas publicações estão o livro de poesias *Vão* (2005) e *A calimba e a flauta* (2012, em conjunto com Priscilla Preta), a peça de teatro *Da Cabula* (2008), o livro de contos *Reza de mãe* (2016) e o livro infanto-juvenil *Zumbi assombra quem?* (2017).

<sup>17</sup> Ademiro Alves, escritor e agitador cultural nascido em São Paulo, em 1983. Participante do movimento de literatura periférica desde seu início, autor dos romances *Graduado em marginalidade* e *Estação Terminal*, o livro de contos *85 letras e um disparo*, entre outros. Fundou a Associação Cultural Literatura no Brasil, com a finalidade de fomento à leitura e à escrita, dedica-se ainda a diversos projetos de intervenção em territórios periféricos.

Marco Pezão deixou a organização do evento, outras pessoas se aproximaram e depois se afastaram, enquanto outras se aproximaram e permanecem. Por todo esse período, a Cooperifa, logrou desenvolver uma atividade de sarau consistente, uma vez por semana, no período da noite, com horários de início e fim bem definidos.

Dezenas de poetas se apresentam a cada sessão, que não raro abriga centenas de pessoas como espectadores, das quais, assistindo e recitando, a maioria é negra. Seus organizadores classificam a Cooperifa como um Quilombo Cultural, no qual “*professores, metalúrgicos, donas de casa, taxistas, vigilantes, bancários, desempregados, aposentados, mecânicos, estudantes, jornalistas, advogados, entre outros, exercem a sua cidadania através da poesia*” como conta o poema *Literatura das Ruas*, de Sérgio Vaz. Nesses anos, a Cooperifa também se tornou mais do que um evento de Sarau, publicando uma coletânea, organizando os mais diversos eventos culturais, entre mostra de cinemas, grupos de leitura, apresentação em escolas, promoção debates em torno da literatura e cultura periférica e, destacadamente, organizando uma Mostra Cultural da Periferia, com apresentação de artistas de diversas linguagens culturais.

Poucos anos depois da fundação da Cooperifa, em 2004, surge o Sarau do Binho, enquanto um evento de formato acabado após uma série de experiências de eventos culturais realizadas por Robinson Padial, o Binho. O sarau se realizava no espaço intitulado BBinho, Bar do Binho, localizado na Região do Campo Limpo (Jardim Guarujá). O evento era realizado todas as segundas-feiras, sem um formato de horários de início e fim bem definidos nem quanto às linguagens artísticas, embora centrado na poesia (Duarte, 2016; Tennina, 2017). Assim como o Sarau da Cooperifa, o Sarau do Binho ganhou adeptos, colaboradores e frequentadores assíduos, se desenvolvendo em projetos culturais diversos, como atuação em bibliotecas, promoção de debates, apresentações culturais, uma biblioteca ambulante e até mesmo uma caminhada cultural, projeto intitulado *Expedición Donde Miras: caminhada cultural pela América Latina*, que tinha o intuito de realizar uma caminhada cultural saindo do BBinho passando por diversos lugares da América Latina e realizando intercâmbio cultural com artistas locais.

Ao longo de suas trajetórias, Cooperifa e Sarau do Binho ganharam considerável notoriedade, atraindo a atenção da grande mídia, além de se mostrarem exemplos de enorme sucesso de atividade cultural na periferia de São Paulo. Eles contribuíram para fortalecer a rede de escritores iniciada por Ferréz, da qual muitos foram fundamentais para o desenvolvimento desses saraus e fixação da nova cena.

Os saraus cativaram um grande número de frequentadores assíduos e de militantes colaboradores. Motivou a aparição de dezenas de novos escritores, especialmente poetas, que passaram a se apresentar nas sessões. Os dois saraus ainda inspiraram a reprodução da experiência por outros poetas e produtores culturais, de modo que, a partir da segunda metade dos anos 2000, uma série de novos saraus passaram a pipocar pelas periferias de São Paulo.

Embora cada um desses saraus tenha características próprias de organização, eles se unificam no projeto literário em termos de concentração temática, forma, atores, concepção de como se dá o evento literário: microfone aberto para qualquer um que queira se inscrever e declamar, temas relacionados à periferia, a denúncia social, o antirracismo, tudo sob uma fortíssima influência do hip hop, embora englobe também outras influências poéticas. O gênero e a sexualidade são temas que cada vez mais se firmam dentro da concentração temática, muito embora não tenham surgido desde o início, sendo objeto de disputa e enfrentamento das mulheres como se verá no capítulo 4 desta dissertação.

A preferência por realizar o sarau em bares também é algo notório, sendo o espaço de muitos deles e, possivelmente, a referência preferida como é o caso do Sarau Segunda Negra e Sarau Elo da Corrente. No entanto, outros locais também servem de abrigo aos saraus, como espaços culturais, o Sarau d'Quilo, o Sarau da Vila Fundão e atualmente do sarau do Binho. Há ainda saraus em espaços públicos, equipamentos públicos ou escolas, como o Sarau da Praça e Sarau dos Mesquiteiros.

O modelo dos saraus não tardou de sair de São Paulo, surgindo saraus em outros centros urbanos do Brasil como o Sopapo Poético em Porto Alegre no Rio Grande do Sul (Fontoura, 2016), o Sarau Bem Black (Reyes, 2014) e o Sarau da Onça, ambos em Salvador na Bahia. Esses últimos exemplos, todos com forte enfoque na questão negra, mostram a força do antirracismo dos espaços de

saraus. Tão forte, a ponto de serem implementados também em organizações ligadas ao movimento negro, como o Sarau Palmarino, promovido pela sede do Círculo Palmarino de Embú das Artes e seu núcleo de Vitória no Espírito Santo; ou o Saraula e os saraus esporádicos promovidos pela Uneafro.

Os saraus, em regra, constituem reuniões abertas e festivas, muito embora o silêncio durante a declamação dos poetas seja algo bastante cultivados. Apresentam-se como um evento de lazer e produção cultural, sendo a distração, as interações sociais, o consumo de bebida e comida parte do evento. É difícil dizer quantos saraus periféricos existem na cidade de São Paulo. A par dos mais tradicionais e sólidos, como alguns citados acima, é muito frequente a criação de novos saraus e também o esvaziamento de outros ao longo do tempo. De todo modo, é inegável que existe uma enorme rede entre eles com intenso diálogo entre os escritores, dos quais muito frequentam mais de um ou vários saraus.

A proliferação dos saraus fortaleceu a poesia da literatura periférica e também colocou a oralidade em igualdade de relevância com a forma escrita. A performance passou a ser um elemento relevante desse movimento, sendo que muitos dos textos passaram a ser produzidos se pensando primordialmente na apresentação nos saraus (Tennina, 2017). A íntima relação com o hip hop também reforça essa característica, além da influência da literatura de cordel (Nascimento, 2011; Duarte, 2014; Silva, 2017; Tennina, 2017).

Apesar da alta relevância da oralidade e da poesia, nem a prosa nem a forma escrita deixaram de existir. Na verdade, houve uma proliferação de ambas, com a continuidade da produção de pioneiros como Ferréz, Sacolinha, Buzo e Allan da Rosa, além da proliferação de novos autores, muitos iniciados com poesia, mas que a evolução levou a experimentações em prosa, como Raquel Almeida, escritora e organizadora do Sarau Elo da Corrente.

Um marco relevante para a literatura impressa foi a fundação das Edições Toró, por Allan da Rosa em outubro de 2005, com o lançamento do livro de sua própria autoria, *Vão*. O lançamento se deu na ocasião do I Encontro da Literatura Periférica que reuniu em torno de 200 pessoas, muitas pertencentes às redes do Sarau da Cooperifa (Leite, 2014). O evento foi realizado pelo próprio Allan da Rosa, com apoio da ONG Ação Educativa representou um ponto de inflexão na

preponderância da utilização da nomenclatura literatura periférica, frente à literatura marginal (Leite, 2014; Tennina, 2017).

Assim como os primeiros saraus, as Edições Toró, enquanto editora criada para publicar os autores periféricos a preços acessíveis com distribuição nas periferias, impulsionam mais ainda o movimento e incentivam empreendimentos semelhantes, dando início nos próximos anos a uma onda de selos editoriais com a mesma proposta.

Virada a primeira década dos anos 2000, a cena de literatura periférica já se encontrava bem sedimentada, com obras em prosa, poesia, literatura infantil e até quadrinhos. Já contava com publicações frequentes, espaços de produção e reprodução, redes de circulação e propagação da literatura, promoção de debates, uma livraria especializada, a atenção periódica da mídia, o interesse acadêmico em áreas variadas das ciências humanas (inclusive teoria literária) e uma repercussão internacional digna de consideração. Já possuía também uma proposta política bem definida posicionada à esquerda e uma proposta estética dedicada a retratar o cotidiano, dilemas, demandas e problemas da periferia. Do movimento, partia uma rede de interconexões ampla e complexa que abarca artistas periféricos de outras linguagens, passa pelo terceiro setor e poder público, alcança atores dos movimentos sociais e da política partidária e institucional.

Tudo isso, e sua evolução prosseguiu, alcançando nova dimensão com a chegada de mais um elemento que se integrou à extensa rede de intercâmbio entre saraus e escritores.

Foi na década de 80 em Chicago, nos Estados Unidos, que surgiu o que viria a ser a nova modalidade literária periférica. Sua idealização original é atribuída a Marc Kelly Smith, conhecido por *Slampapi*. A ideia de Smith era dinamizar o meio da poesia com uma proposta de oralidade arrojada, baseada na performance e em 1990 cria o *National Poetry Slam*, um campeonato anual que ainda ocorre nos EUA. Um programa de televisão da rede HBO, *Russell Simmons Presents Def Poetry*, que figurou no canal entre 2002 e 2007 contribuiu para uma grande popularização do modelo, que hoje ocorre em diversos países do mundo.

O Slam pode ser definido por algumas características: as poesias são feitas para serem performadas, embora não haja forma obrigatória; a intenção

da poesia de slam é provocar emoções no público através de versos de impacto; alguma atuação é possível e bem recebida, embora não se permita nos slams acompanhamento musical, figurinos ou adereços.

Foi em 2008 que Roberta Estrela D'Alva trouxe o primeiro Slam do Brasil, o ZAP - Zona Autônoma da Palavra. As sessões seguem o formato de competição, com as regras da Copa do Mundo de Slams, um campeonato patrocinado por uma iniciativa francesa, onde, além da proibição já citada, cada poeta tem 3 minutos para se apresentar e os jurados são escolhidos entre participantes da plateia (D'Alva, 2011; Rios, 2020).

Os slams em geral já tinham a crítica social como uma de suas temáticas privilegiadas, além também de uma forte influência da estética hip hop em sua prática. Desse modo, após sua introdução, rapidamente se difundiram no Brasil e em São Paulo, encontrando um terreno muito fértil no movimento de literatura periférica. Escritores periféricos passaram a promover Slams, alguns poetas periféricos que se apresentavam nos saraus passaram a participar de slams, assim como poetas que iniciaram sua vida literária nos slams passaram a frequentar saraus. O slam estava, assim, incorporado no movimento, como podemos ver nos exemplos Santos Drummond e King a Braba<sup>18</sup>, poetas slammers que frequentam os saraus e se consideram sua obra como parte da literatura periférica.

Esse movimento continua seu enorme dinamismo que não cessou com a pandemia de COVID-19, iniciada em 2020. Naquele ano, muitos eventos deixaram de ocorrer presencialmente, mas não demoraram para se reorganizarem e prosseguirem suas atividades de maneira virtual. Ao fim de 2021, pouco a pouco atividades presenciais foram voltando, e essa lenta abertura ainda está em andamento. Mas, o movimento não arrefeceu, inclusive prosseguindo com publicações, como a coletânea feita pelo Sarau Segunda Negra *Luta, Lut@, Luto: 2019,2020, 2021... Arte Periférica x Ganância e Pandemia* (2020), cuja arrecadação das vendas foi utilizada para ajudar famílias periféricas impossibilitadas de auferir renda na pandemia.

---

<sup>18</sup> Matheus Santos da Silva, nascido em São Paulo em 1998 e Kelly Pereira Pain da Silva, nascida em 2001 em São Paulo. Ambos estão entre os entrevistados para esta pesquisa.



Todos esses elementos mostram que o movimento de literatura periférica é provavelmente o que há de mais pujante na produção literária brasileira. Traz ainda uma peculiaridade inovadora de expressar a literatura enquanto um fazer coletivo, e tensiona de maneira única os limites das fronteiras literárias como muito bem defende Lucía Tennina (2017, p. 19, p.148).

Isso não significa que gozem de um amplo reconhecimento do campo literário hegemônico. Na verdade, a despeito de sua produção e esforços, a literatura periférica goza de grande dificuldade de obter reconhecimento por grandes editoras e da crítica literária (Tennina, 2017; Nascimento, 2010; Silva, 2011; Silva, 2017). Do mesmo modo, ainda que tenha construído um campo autônomo de circulação (Nascimento, 2006; Reyes, 2014; Oliveira, 2018), os ganhos comerciais não são suficientes para o financiamento dos projetos e sustentação dos artistas. O apoio de ongs e editais públicos acaba sendo imprescindível para a manutenção financeira das ações. Nesta seara, se destaca o papel de alguns atores e programas, entre eles a ONG Ação Educativa e o Itaú Cultural, o programa VAI da Prefeitura Municipal de São Paulo (Nascimento, 2011; Duarte, 2014; Leite, 2014; Tennina, 2017) e o programa “Concurso de Apoio a Projetos de Saraus Culturais no Estado de São Paulo”.

Apesar da grande dificuldade de sustentação financeira, a literatura periférica perpetua, segue sua marcha de enfrentamento sem dar quaisquer mostras de arrefecimento.

Junto com essa persistente caminhada, segue o antirracismo. A presença negra, já muito grande desde o início do movimento, se mantém. A temática racial, também sempre existente, parece se tornar ainda mais predominante quando olhamos para os Slams. Já foi citado o tensionamento das fronteiras artísticas provocadas pelos saraus, mas é possível dizer que há mais fronteiras sendo rompidas, que desafiam até mesmo conceitos clássicos produzidos pela modernidade como a separação entre cultura e política, como pretendemos demonstrar ao longo do trabalho.

### **1.3. Entre marginal e periférico**

Feita uma apresentação da cena da literatura periférica, é importante para esta pesquisa tecer algumas considerações a respeito da nomenclatura literária

periférica e a opção por privilegiá-la nesse trabalho. Isto, porque o movimento estudado, como já apresentado alhures, iniciou-se com a auto-intitulação de Literatura Marginal e, desde então, outras propostas de denominação, externas e internas ao movimento, surgiram.

A denominação inaugural do movimento se deu por iniciativa de Ferréz, a partir das publicações das edições especiais da revista Caros amigos com o intuito declarado de polissemia: uma literatura feita à margem do campo literário, por aqueles que estão nas margens da cidade, é feita pela parcela marginalizada da população que, pelo preconceito, são chamados de marginais, como sinônimo de criminosos. Denotaria assim a marginalidade social, editorial e jurídica (Nascimento, 2006).

Com o interesse acadêmico, aparecem propostas externas de classificação, Benito Rodriguez Martinez chama de *literatura de mutirão*, enquanto Heloisa Buarque de Hollanda propõe *literatura hip hop* (Tennina, 2017), título que Leite (2014) retoma dando um caráter de marcador temporal das fases do movimento. Ao mesmo tempo, conforme a cena foi se construindo, discussões internas dentro do próprio movimento também trouxeram outras propostas de nomenclatura, dado que nem todos os escritores se mostravam confortáveis com Marginal (Nascimento, 2006; Tennina, 2017). É assim que aparecem propostas como *literatura divergente*, *literatura-rua* e *literatura suburbana*, no entanto, a que pareceu de fato concorrer com *Marginal* foi *Literatura Periférica*.

O termo Literatura Marginal já havia sido empregado para designar um movimento literário do início da década de 70. Naquela ocasião, a semântica do nome orbitava em torno das ideias de marginal em relação à vida política do país, ao mercado editorial e ao cânone literário (Hollanda, 2001).

Érica Peçanha do Nascimento, pesquisadora pioneira da literatura das periferias, estudou, logo em 2006, os sentidos do marginal dentro deste movimento. Ao comparar as gerações intituladas Marginal da década de 70 e anos 2000, traça diferenças significativas no tocante a origem de seus representantes, o local de ocorrência do fenômeno, temáticas articuladas e redes de conexões.

O movimento setentista ocorreu centralmente no estado do Rio de Janeiro, era composto por representante das classes média e alta, com

conexões próprias desses meios e contando com patrocínio de famílias e amigos. A concentração temática era em sexo, tóxicos e cotidiano das classes médias e altas. Eles são marginais pois romperam deliberadamente com o mercado editorial, além de que o nome literatura marginal veio de uma classificação externa.

Já os “novos marginais”, constituem um fenômeno centralmente de São Paulo, com representantes de classes populares e moradores de bairros periféricos. O patrocínio principal é de ONGs, instituições privadas e editais públicos. A temática é centrada no cotidiano de problemas enfrentados pela periferia e na denúncia social. No exato oposto dos setentistas, há um desejo por parte dos autores em se integrarem ao mercado editorial e sua classificação é auto-atribuída (Nascimento, 2006, p.19). Em conformidade com o que vem sendo tratado no trabalho, acrescento ainda entre as temáticas da nova geração marginal a denúncia racial e a sua crescente interseccionalidade com questões de gênero também como temas centrais dessa literatura. Ademais, a Literatura Marginal setentista sequer conhecia ou não reconhecia a Literatura auto-declarada negra contemporânea a eles (Silva, 2011). Por outro lado, a nova Literatura Marginal tem um intenso intercâmbio com a literatura negra, como se verá, mantendo até mesmo uma zona de intersecção com ela. Os “novos marginais” reivindicam escritores negros como parte de sua genealogia, inclusive aqueles que criaram os Cadernos Negros, escritores contemporâneos aos antigos marginais.

O Primeiro Encontro de Literatura Periférica, um evento organizado por Allan da Rosa em conjunto com o lançamento de seu livro de estreia, *Vão*, parece ter sido o marco decisivo para a expressão que passou a prevalecer. É importante considerar, contudo, que o termo periferia já representava um importante significante antes mesmo do lançamento da coletânea *Literatura Marginal*.

O próprio livro *Capão Pecado*<sup>19</sup>, descreve nominalmente uma situação da periferia, palavra que utiliza em seu romance para designar o bairro do Capão Redondo. No texto em que explica o que o movimento 1daSul, o autor também localiza o povo de quem está falando, a periferia. A primeira edição, permeada

---

<sup>19</sup> Romance de Ferrez, publicado pela primeira vez em 2000 e que rendeu notoriedade ao autor e pode ser considerado um dos marcos iniciais do movimento de literatura periférica.

por textos de rappers demonstra seu pleno diálogo com termo periferia, o qual é caro ao hip hop, vez que esse movimento foi responsável por uma ampla mobilização e ressignificação do mesmo.

Como será apresentado no Capítulo 3, o hip hop permitiu o despertar de uma nova consciência na juventude, percebendo o território periférico enquanto o espaço em oposição e explorado pelas áreas centrais das grandes cidades. Não apenas isso, o hip hop ressignificou positivamente a ideia de periferia, que passou a designar uma categoria social (Guasco, 2001) e também um elemento aglutinador de ação política coletiva (Tiaraju, 2013)

É importante também se considerar que essa herança discursiva do hip hop afetará não apenas esse então novo movimento literário, mas toda uma cena de efervescência cultural nas regiões periféricas da qual ele não está descolado.

Tiaraju Pablo D'Andrea (2013) constata uma explosão de coletivos culturais a partir da década de 90 nas periferias de São Paulo, a qual se explicaria por quatro principais fatores, quais sejam, a luta por pacificação nos territórios; a necessidade de sobrevivência material; uma alternativa de fazer política em um momento de refluxo dos movimento sociais e dos partidos políticos e, por fim, a utilização da arte como forma de emancipação humana(D'Andrea, 2013).

A luta por pacificação, se dá pelo contexto de altíssima violência desse período, especialmente nas áreas de periferia, com alto índice de mortes, violência policial e ascensão do tráfico de drogas. Nessas circunstâncias, ocupar o espaço público com arte era uma forma de vencer o medo e também disputar um espaço de alternativa para os jovens. Essa possibilidade contou também com o forte apoio de ONGs e instituições privadas que sustentavam por princípio a capacitação artística como medida de afastamento dos jovens da violência.

Essas mesmas instituições também consideravam a importância do investimento em cultura nas áreas periféricas como estratégia de capacitação laboral daquela juventude e fomento a uma economia cultural, de modo que a necessidade de sobrevivência material se tornou mais um impulsionador. Para muitos jovens, a via profissional cultural foi encarada como uma possibilidade real, inclusive como uma alternativa às abusivas condições do mercado de trabalho, embora fossem poucos os casos de pessoas que garantiram uma viabilidade econômica sólida e consistente no tempo.

O fazer político encontra também uma alternativa na cultura, dada a descrença de representação política pela via partidária e demais formas tradicionais. O esgotamento dessas formas, com o arrefecimento das organizações militantes e fechamentos de núcleos de base do PT, levou à busca de novos modelos de organização que inovassem no fazer político e despertassem maior interesse.

Por fim, a compreensão da arte como forma de emancipação humana relaciona-se com uma espécie de espírito do tempo que permeia parte de uma juventude pobre, caracterizado pela desesperança em relação ao mundo e às possibilidades de ascensão pelo mundo do trabalho, bem como descrença no consumismo, levando a se refugiar na produção artística.

Esse mobilizadores apresentados por D'Andrea (2013), que entendo se aplicarem ao movimento aqui tratado, se estruturam em torno do termo periferia, o qual foi apropriado por essa produção cultural para servir como elemento aglutinador dos sentimentos gerais da juventude periférica (Guasco, 2001; D'Andrea, 2013), o mesmo se aplicando para o movimento literário (Nascimento, 2006). Logo, o maior consenso em torno de Literatura Periférica pode se justificar por esse processo, do qual Allan da Rosa demonstrava ter alguma consciência, pelo menos em parte, ao elegê-lo quando do lançamento do Primeiro Encontro de Literatura Periférica (Tennina, 2017).

Tal exposição não tem o intuito de demonstrar qual a terminologia seria mais acertada para essa literatura, mas sim justificar a escolha do termo Literatura Periférica como privilegiado neste trabalho. Ao meu ver, a palavra *periferia* concentra os sentidos semânticos dos discursos políticos e literários que mobilizam o movimento. Ademais, o contexto ora exposto sobre a ideia de periferia é de grande relevância para compreensão do antirracismo nesse movimento literário, como tentarei demonstrar no Capítulo 2 desta dissertação.

#### **1.4. A raça nos estudos da literatura periférica**

Há mais um ponto que vale retomarmos que consiste na articulação da Literatura Periférica com uma rede política. Os mais diversos atores do movimento de literatura periférica estabelecem rede de intenso contato com outros setores de mobilização política coletiva, entre movimentos sociais,

partidos políticos, figuras da política institucional, coletivos territoriais de ação política.

Esse aspecto nos permite afirmar que a politização está entre as características do movimento. Como já afirmado, essa politização se coloca no à esquerda esquerda, onde são construídas as redes de diálogo e cooperação. Esse posicionamento pode ser bem observado nas poesias recitadas que mobilizam um discurso que vai ao encontro daquele elaborado no âmbito político da esquerda.

Basicamente, todos os trabalhos de fôlego consultados a respeito da literatura periférica dedicam alguma menção à questão racial. Para além da forte presença negra entre autores e público, alguns outros elementos são apresentados por todos os pesquisadores, de modo a formar um consenso nos estudos sobre a literatura periférica. Basicamente eles se resumem: à íntima relação da literatura periférica com o hip hop, o qual é responsável em grande medida pelo discurso de orgulho negro e periférico; à reivindicação de escritores negros como parte da genealogia da literatura periférica; à afirmação da negritude, ressignificando marcadores pejorativos em marcadores positivos; o diálogo com elementos históricos e de ancestralidade africana. Embora tais constatações estejam em todos os trabalhos, a ênfase quanto a esses aspectos, bem como a leitura a respeito deles, é bem variada, valendo o destaque de alguns pelo maior enfoque de suas abordagens sobre a questão.

A já mencionada Érica Peçanha do Nascimento desenvolveu o que ela mesma chama de uma pesquisa de longa duração a respeito da literatura marginal/periférica e a cultura de periferia (2011, p.8), já que são temas de seu mestrado e doutorado respectivamente. Seu foco central não trata de relações raciais, mas, dada a enorme profundidade do estudo, aspectos importantes aparecem. Relata que desde o início o fator racial foi forçosamente importante para sua pesquisa, pois atribui ao fato de ser lida como negra pelos atores do movimento literário o de confiança para a aproximação etnográfica (2006, p.6). Esse fator não é especificamente explorado, mas as constatações de ambos estudos (mestrado e doutorado) são permeadas pela enunciação da questão negra, permitindo inferir seu destacado papel na literatura e cultura periférica.

Ela também fala de como a própria ideia de literatura marginal pressupõe sua elaboração por grupos marginalizados, entre eles, os negros. Na mesma

toada expõe como, desde o início, o projeto de literatura então marginal tem a intencionalidade por seus idealizadores de dar voz a escritores negros, que atuam como porta vozes de uma população negra e periférica (2006). Sua etnografia revela que muitos dos autores têm relação com o movimento negro, iniciativas culturais negras e com a literatura auto-declarada negra (2006, 2011).

Reyes (2011) também não enfoca a raça para pensar a literatura periférica, mas, faz elucubrações dão azo a reflexões importantes sobre relações raciais. Segundo o pesquisador, a cultura periférica estaria assumindo o papel de novo mediador cultural no Brasil entre cultura erudita e popular. Entretanto, ao contrário de outros movimentos culturais que exerceram esse papel - como a MPB - não há a intencionalidade de harmonizar ou escamotear os conflitos sociais. Pelo contrário, para Reyes, essa nova mediação constrói para si um local privilegiado para denunciar as fraturas e conflitos sociais e raciais. Dessa forma, a discriminação racial em nossa sociedade, pronunciada entre outras coisas pela violência policial e pela desigualdade material, encontrariam na literatura periférica um importante porta voz, com grande potencialidade para se articular com movimentos sociais e promover tensionamento político de mudanças.

Se a Literatura Periférica tem a literatura de escritores negros como uma de suas principais matrizes, conforme seus escritores reivindicam, Mário Augusto Medeiros da Silva certamente será o estudioso que traça de vez esse elo historiográfico e sociológico. Com o título de sua tese de doutoramento, *A Descoberta do Insólito: Literatura Negra e Literatura Periférica no Brasil (1960-2000)*, Silva anuncia sua intenção de analisar o fenômeno literário que para a sociedade seria considerado insólito: a produção literária, boa produção literária, por sujeitos desautorizados para tal, dada suas posições de classe e seus marcadores raciais. Seria uma literatura construída a partir da *negação da negação* - ou seja, negar a carga de negatividade que é imposta à pessoa negra e/ou pobre -, para surpreender a todos através de uma produção que reflete a positividade de sua auto-afirmação identitária e literária.

Silva faz uma profunda análise da trajetória, percalços e dilemas da literatura negra, estendendo suas elucubrações para a literatura periférica. Aproxima a literatura negra da periférica (usando ideias de Octavio Ianni sobre literatura negra), para afirmar que ambas se constituem em um imaginário que

se forma, articula e se transforma no curso do tempo. E seu objeto é sempre o próprio sujeito negro ou periférico, assumindo o periférico como um sujeito novo, um amalgama que incluiria os negros.

A tese faz uma análise de fôlego sobre os processos de intercâmbio dos grupos literários negros com outras redes e circulação de ideias. Analisa especialmente o diálogo intenso da literatura negra com a explicação sociológica das relações raciais e a indissociável relação com a imprensa e ativismos negros (este último também com aproximações e afastamentos). Fala ainda da aproximação com a imprensa revolucionária na década de 70 a partir do jornal Versus.

Silva, ao longo de sua tese, demonstra que a relação com sociólogos e grupos políticos negros nem sempre será harmônica, havendo choques e tensões, aproximações e afastamentos, porém o eco do discurso político dentro do projeto literário será uma constante. O próprio surgimento dessa literatura negra, a partir do lançamento da imprensa negra, já poderia demarcar um berço de origem e comum e constante diálogo entre a literatura e a luta pela emancipação negra.

A lacuna da crítica que há sobre as literaturas negras e periférica, especialmente a negra, também é questionada por Silva. Ele mostra não apenas o silêncio sobre as obras, mas também a própria falta de menção aos artistas, mesmo em dicionários e catálogos de literatura, o que valeria por si só uma sociologia da lacuna.

Porém, no tocante específico da literatura periférica, o tema da lacuna será abordado mais aprofundadamente por Lúcia Tennina (2017). Esta, pelo viés da teoria literária, acompanha Silva (na sociologia) sobre a questão do silêncio da crítica e das barreiras de acesso à consagração, quem seria mais determinada pelas posições sociais e raciais dos agentes do que pela potência literária da produção.

Ela avança em uma tentativa de análise crítica do campo e de alguns trabalhos periféricos. Considera que a identidade periférica é uma ideia geral por trás da qual se escoderiam uma grande variedade de posições de sujeitos, entre as quais o negro-periférico e o nordestino-periférico se destacariam. Porém o aspecto mais diferenciado colocado por Tennina é a revelação sobre o



protagonismo de mulheres negras para o enfrentamento ao machismo interno do movimento hip hop e de literatura periférica.

A interseccionalidade entre raça e gênero também já havia sido levantado por Elisabeth Figueroa Santos (2015), embora ela não se aprofunde sobre ele, dando apenas pistas da necessidade de estudos sobre o tema. O destaque de Santos, E. contudo é porque, ao lado de Silva (2011), sua pesquisa é outra que toma a raça como elemento central de análise. Para sua tese de doutoramento em Psicologia Social, *Das Margens, Escritos Negros: Relações Entre Literatura Periférica e Identidade Negra* (2015), ela entrevista poetas de três saraus: Sarau Palmarino, Sarau Elo da Corrente e Sarau da Brasa, buscando compreender a relação dos saraus e a construção da identidade negra de seus participantes.

Através de visita ao campo, análise de poesias e entrevistas, Santos, E. revela como a participação dos saraus reforçam positivamente a identidade negra em seus participantes negros, de modo que símbolos como cabelos, forma de vestir, origem social passam a ser sustentados de maneira positiva. Um ponto de destaque, é que suas entrevistas se centram principalmente entre os poetas ligados ao Sarau Palmarino, promovido pelo Círculo Palmarino, instituição criada com intuito deliberado de enfrentamento ao racismo.

Com seu estudo, Santos, E. aprofunda a discussão em torno de um dos pontos sempre citados nos outros trabalhos, a ressignificação positiva de elementos raciais tratados comumente como negativos. Ela mostra o papel que a participação nos saraus exerce sobre a construção de uma identidade positiva e reforço de auto-estima. Esse reforço na construção da identidade não se dá apenas pelo discurso literário, mas também pela constituição do espaço como um todo. Para alguns poetas e frequentadores, será a participação no sarau que lhes permitirá assumir suas identidades negras.

Outro estudo a se destacar é o feito por Livia Lima Silva (2017), que, na esteira do que já é colocado por Mário Augusto Medeiros da Silva (2011), aproxima as trajetórias das literaturas negra e periférica, partindo do princípio de que o marcador racial é um elemento dificultador de consagração e reconhecimento no campo literário para negros, reproduzindo-se o problema para os periféricos. Ela também evidencia o caráter histórico da exclusão racial no âmbito da consagração literária, destacando a importância das estratégias coletivas para superar essa dificuldade, tais como a imprensa negra e a

publicação *Cadernos Negros*. É interessante notar que entre os pontos de aproximação que a pesquisadora enxerga entre literatura negra e periférica está a consideração de que os dois movimentos se opõem a uma ideia universalista da literatura, sendo a negra a partir do contexto da diáspora africana e a periférica a partir de uma visão hiperlocal (2017, p.30).

Aspecto também bastante relevante para os fins desse trabalho, é que Silva (2017) reconhece o processo racializado de formação das periferias o que reflete no processo de formação do movimento, dada a posição racializada ocupada por esses escritores.

Desses trabalhos, percebe-se que a questão racial na literatura periférica orbita centralmente em torno da afirmação antirracista e o enfrentamento ao desafio de legitimação dentro do campo literário. Ou seja, trafega entre negar a negação, denunciar o racismo e reposicionar a identidade de uma forma positiva. Essas estratégias coincidem com as características de antirracismo traçadas no início do capítulo: afirmar a raça enquanto constructo social para ressignificá-la e enfrentar a discriminação.

Ademais, a ligação com o movimento negro de muitos escritores é também dado unânime, sem contudo haver uma maior aprofundamento nos trabalhos sobre em quais termos se dá essa relação para os escritores de literatura periférica.

Pude corroborar as constatações da bibliografia consultada a partir de visitas a saraus e sessões de slams, da leitura de obras e das entrevistas realizadas. Se por um lado não há dúvidas quanto à presença desses elementos raciais em relação à literatura periférica, nos parece que a circulação das ideias antirracistas podem ser objeto de maior investigação.

Essas fontes deixam muito evidente que o antirracismo é um dos principais elementos constitutivos da literatura periférica, na trilha do que D'Andrea (2013) havia constatado para a mobilização cultural de periferia como um todo. Porém, a pergunta que ainda permanece é sobre a matriz dessa articulação entre raça e periferia. Por essa razão, buscaremos nos aprofundar a seguir sobre a construção da relação que permitiu essa constituição tão pronunciadamente negra.

É muito relevante, por fim, notar que desde os pioneiros no estudo sobre a literatura periférica, a presença negra e a questão racial, ainda que não tenham

servido necessariamente como uma questão central, não passam despercebidos em sua existência. É notório também o fato de que, muito comumente, a constatação da questão racial advém da análise das falas feitas pelos escritores em entrevistas e do teor das poesias. Tais fatos não são triviais, ainda mais quando comparados com a temática da periferia nos estudos urbanos, como veremos no próximo capítulo.

## **CAPÍTULO 2 – Periferia vista de fora**

### **2.1. Introdução**

Hoje em dia, é difícil imaginar alguém que viva numa grande cidade como São Paulo e não tenha familiaridade com o termo periferia. A palavra é constantemente evocada nos mais diversos meios de comunicação televisivos, de imprensa e da internet. Sempre figura nas frases das mais variadas e inusitadas pessoas ao tratar da desigualdade. Está na palavra de ordem de movimentos sociais, presente em instrumentos jurídicos de políticas públicas e sintetiza as mais diversas construções de ideias nos debates políticos dentro e fora das instituições públicas. Essa aproximação ocorre até mesmo no mundo corporativo, seja pelas ações diretas de responsabilidade social seja por meio do investimento social privado.

Dada a ampla difusão, ao evocarmos a periferia, trazemos um conjunto de ideias que de uma forma ou de outra permite uma compreensão genérica do que se está falando, independentemente do emissor: a palavra periferia trata de um local e de uma população, marcados pela ideia relacional de desigualdade. Apesar disso, o termo, nessa miríade de usos, não carrega um sentido unívoco.

Este ponto importa, pois para o presente trabalho, a compreensão do sentido de periferia na literatura periférica é um ponto de crucial importância para a indagação a respeito da ação antirracista no âmbito dessa produção cultural. Afinal, como visto no primeiro capítulo, a literatura periférica tem como um de seus pilares a produção de e para os auto-intitulados periféricos. Assim é necessário identificar qual é sentido (ou sentidos) de periferia invocado pelos escritores e escritoras periféricos e, desse modo, como ele se relaciona com a luta e o discurso antirracista.

Existe uma prolífica produção acadêmica a respeito das periferias de São Paulo, nos mais diversos ramos das ciências humanas. O que não é de se surpreender dada a dimensão de um fenômeno de ocupação do espaço da cidade que tem proporções comparáveis à população de um país. Este capítulo apresenta uma revisão bibliográfica não exauriente do tema, que servirá de suporte para o debate que se pretende tratar, qual seja, a relação da ideia de periferia enunciada pelos escritores periféricos e a luta antirracista.

Ao longo dessa revisão tentaremos compreender a posição que a ideia de raça ocupa na leitura do denomina periferia. Uma vez que a literatura periférica, em muitas publicações, nos saraus e slams, se apresenta de maneira tão expressa como antirracista, considero que a compreensão do termo periferia, e o que ele carrega de raça, é uma das chaves para compreender como se articula e se mobiliza a ideia de raça nesses espaços.

As primeiras utilizações da categoria periferia datam da década de 70 e, desse ponto em diante, seu estudo atravessa fases de temas de interesses prevalentes, os quais determinarão os significados principais do termo.

O capítulo está estruturado cronologicamente, agrupados em ondas de concentração temática.

A década de 70 teria como foco de sua preocupação a definição do termo e os processos de formação das periferias. Também nesse momento se firmaria o problema da moradia, outras carências estruturais desses territórios e sua articulação com a forma de capitalismo que se desenvolvia no Brasil e sua correspondente forma de exploração do trabalho. As décadas de 1980 e 1990 seriam marcadas pela análise da experiência dos movimentos populares e reivindicação iniciadas no final da década de setenta, sua articulação com os movimentos operários e a luta mais ampla pela reabertura democrática. Já a partir dos anos 2000, muitos estudos se voltam para entender as mutações no mercado de trabalho decorrente das políticas neoliberais em plena implementação no Brasil, bem como a questão da criminalidade crescente e sua percepção pela população.

Nos anos 2000 surgem também as abordagens que constataam a ressignificação do termo periferia a partir da produção cultural, capitaneada pelo movimento hip hop (D'Andrea, 2013; Carril, 2006; Rios, 2011). Este ponto será objeto de análise quando tratarmos do movimento hip hop, no capítulo 3.

O título do capítulo, ao utilizar a expressão “vista de fora”, se remete a visão decorrente da produção acadêmica, norteado por pesquisas que terão um conjunto de autores que darão o tom do debate. Ela passará a ser “vista de dentro”, quando o termo passa a ter sentidos articulados por habitantes da periferia, que até então eram apenas o objeto de estudo, o que veremos no capítulo seguinte.

Ao longo dessas décadas, certamente, haverá também moradores de periferia que se lançarão à interpretação da ideia de periferia através da mediação acadêmica. Ademais, não são poucos os trabalhos que utilizarão de etnografia colhendo os próprios depoimentos dos habitantes de periferia para construção da ideia de periferia. Porém, a ideia de vista de dentro e vista de fora, ao nosso ver, ainda assim, se sustenta dado que a mediação da academia traz métodos formas e restrições que não se aplicam à produção cultural livre.

Acredito ainda que as ideias que informarão os conceitos do termo nas duas situações – vista de fora e de dentro – terão pontos de intersecção e pontos de diferenças, sendo estas últimas essenciais para se identificar como o antirracismo opera nas duas situações.

Como já trabalhado no primeiro capítulo, a ideia de antirracismo utilizada no trabalho consistirá em afirmar a diferença racial e a existência da raça.

A partir desse ponto, analisarei as fases da construção da ideia de periferia nos estudos urbanos e seu intercruzamento com a ideia de raça. Esse pequeno esboço, que não tem pretensão exauriente, mostrará que o caminho adotado se difere daquele do campo dos estudos das relações raciais, muito embora haja inegável intersecção dos problemas.

Por fim, no último tópico, buscarei trazer um breve esboço de estudos das relações raciais que caminhavam em paralelo aos estudos urbanos durante os períodos analisados. A comparação dos estudos urbanos com o das relações raciais será útil para identificar como a visão a partir da mobilização cultural produzida na periferia traz uma ideia racializada do espaço periférico, sintetizando em muitos momentos ideias produzidas nas duas esferas.

## **2.2. Década de 1970 – Os processos de formação do espaço**

Pode se dizer que os primeiros usos do termo passavam pela influência de correntes marxistas e estruturalistas (Tanaka, 2006). Elas decorrem de estudos das relações econômicas no Brasil e suas consequências para as relações sociais e de trabalho, buscando explicar como estas estariam refletidas na ocupação do território e formação da cidade de São Paulo.

No uso inicial, marcado pela forte expansão da cidade, os estudos se preocupavam em apresentar uma explicação estrutural da constituição do

espaço urbano. A condição política desse período, marcado pela repressão política da ditadura militar, não impediu por completo estudos dessa ordem no âmbito da academia, mesmo que endereçando a causa de processos sociais à mecânica capitalista. Neste momento, como veremos, o conceito expresso de raça não aparece.

Segundo Tanaka (2006), a formação da ideia de periferia durante as décadas de 1970 e 1980 contaram com a participação ativa do CEBRAP – Centro Brasileiro de Análise e Planejamento e o CEDEC – Centro de Estudos de Cultura Contemporânea. O CEBRAP, com publicações, entre outras, como “São Paulo, 1975: crescimento e pobreza (1976); “Emprego, produção e reprodução da força de trabalho (1976); São Paulo: o povo em movimento (1982), artigos publicados nos Cadernos CEBRAP desde 1971 e na revista Novos Estudos desde 1981. O CEDEC com publicações, entre outras, como Contradições Urbanas e Movimentos Sociais (1978); Cidade, povo e poder (1982) e Cadernos CEDEC desde 1978.

As obras de Francisco de Oliveira, especialmente *Crítica à Razão Dualista*, publicado primeiramente em 1972, serviram de grande influência para o desenvolvimento das ideias de aplicação do termo periferia para identificação dos processos urbanos (Tanaka, 2006)<sup>20</sup>. Será a partir da *Crítica* que se perceberá a transposição dos processos econômicos para a explicação da organização do espaço urbano.

O ensaio foi escrito em resposta à concepção dualista da CEPAL que dividia os setores modernos daqueles tradicionais da sociedade, com a ideia de que os últimos estariam atrasados em relação ao primeiros. Oliveira também buscava responder à ideia propagandeada naquele momento de que a seria necessário fazer o bolo crescer no setor modernizado para então dividi-lo com o setor atrasado (Schwarz, 2011). Nesses termos, Oliveira defende que entre as regiões modernas e as ditas tradicionais, haveria uma relação econômica orgânica, em que as áreas centrais dependem da produção desordenada das áreas mais depauperadas. Assim, ele retoma a relação centro-periferia entre as nações para descrever o mesmo processo no âmbito doméstico, estando aí a peculiaridade do capitalismo brasileiro:

---

<sup>20</sup> Tanaka também assevera que as ideias de Oliveira, como ele próprio admite, foram influenciadas pelo contato com urbanistas e seus estudos sobre mutirões de construção de casa.

“Ao enfatizar o aspecto da dependência – a conhecida relação centro-periferia -, os teóricos do “modo de produção subdesenvolvido” quase deixaram de tratar os aspectos internos das estruturas de dominação que conformam as estruturas de acumulação próprias de países como o Brasil: toda a questão do desenvolvimento foi vista pelo ângulo das relações externas, e o problema transformou-se assim em uma oposição entre nações, passando despercebido o fato de que, antes de oposição entre nações, o desenvolvimento ou o crescimento é um problema que diz respeito à oposição entre classes sociais internas. O conjunto da teorização sobre o *modo de produção subdesenvolvido* continua a não responder quem tem a predominância: se são as leis internas de articulação que geram o “todo” ou se são as leis de ligação com o resto do sistema que comandam a estrutura de relações. Penetrado de ambiguidade, o *subdesenvolvimento* pareceria ser um sistema que se move entre sua capacidade de produzir um excedente que é apropriado parcialmente pelo exterior e sua incapacidade de absorver internamente de modo produtivo a outra parte do excedente que gera.” (Oliveira, 2003, p.22)

Na descrição desse processo “simbiótico”, Oliveira descreve como o processo de acumulação capitalista nos centros urbanos brasileiros no pós-anos 1930 se deu justamente através da criação de condições associadas. Primeiro, medidas de seletividade de proteção de mercados, que implicaram em medidas protetivas da indústria e uma destruição de parte do setor rural que passa a ter seus preços fixados em valores mínimos para tão somente garantir a alimentação dos centros urbanos, transferindo assim excedentes do campo para a cidade. Para além disso, condições de super exploração da mão de obra, com a fixação do salário mínimo em patamares menores do que aqueles necessários para a subsistência. Tais processos explicariam então a constituição do espaço urbanos. Nas palavras de Oliveira (2011, p.39):

“(…) Ora, o processo de crescimento das cidades brasileiras – para falar apenas do nosso universo – não pode ser entendido senão dentro de um marco teórico onde as necessidades da acumulação impõem um crescimento dos serviços horizontalizado, cuja forma aparente é o caso das cidades. Aqui, uma vez mais é preciso não confundir *anarquia* com caos; o *anárquico* do crescimento urbano não é *caótico* em relação às necessidades da acumulação: mesmo uma certa fração da acumulação urbana, durante o longo período de liquidação da economia pré-anos 1930, revela formas do que se poderia chamar, audazmente, de *acumulação primitiva*. Uma não-insignificante porcentagem das residências das classes trabalhadores foi construída pelos próprios proprietários, utilizando dias de folga, fins de semana e formas de cooperação como *mutirão*. Ora, a habitação, bem resultante dessa operação, se produz por trabalho não pago, isto é, supertrabalho. Embora aparentemente esse bem não seja desapropriado pelo setor privado da produção, ele contribui para aumentar a taxa de exploração da força de trabalho, pois o seu resultado – a casa – reflete-se numa baixa aparente do custo de reprodução da força de trabalho de que os gastos com habitação são um componente importante – e para reprimir os salários reais pagos pelas empresas. Assim, uma operação que é, na aparência, uma sobrevivência de práticas de *economia natural* dentro das cidades, casa-se admiravelmente bem com um processo de expansão capitalista, que tem uma de suas bases e seu dinamismo na intensa exploração da força de trabalho.”

A ideia expressa no trecho irá nortear muitos dos estudos produzidos naquele momento. Eles tentarão identificar as relações de produção internas da



cidade que geram de forma orgânica os dois espaços: o central e o periférico. Nesses termos, em sentido amplo, podemos afirmar que periferia descreve a oposição de territórios que se diferenciam, por suas características, das áreas ditas centrais. A relação, entretanto, contém a ideia de que a periferia é produzida pelo processo capitalista de exploração promovida pelas áreas centrais.

Uma das primeiras utilizações do termo periferia para descrever um espaço urbano determinado foi na obra publicada em 1976 “São Paulo 1975: Crescimento e Pobreza” (Camargo e outros, 1982), a qual descreve problemas da cidade decorrente de seu crescimento e o associando ao processo econômico desenvolvido na cidade de São Paulo (Tanaka, 2006). Ao tratar do crescimento desordenado das regiões mais afastadas, ocupadas pela classe trabalhadora, traz o termo, utilizado entre aspas. Curiosamente, a descrição se inicia com a citação da escritora Carolina Maria de Jesus, sem qualquer menção a sua condição racial, muito embora a autora citada seja uma mulher negra, reconhecidamente um ícone da literatura periférica e citada diretamente como inspiração e referência de muitos dos escritores entrevistados para este trabalho:

“A distribuição espacial da população na cidade acompanha, assim, a condição social dos habitantes, reforçando as desigualdades existentes. Há muitos anos, uma favelada do Canindé escrevia que “a favela é o quarto de despejo da cidade”. Hoje em dia, a expressão “periferia”, que serve para designar os bairros afastados do centro, tornou-se sinônima, em certos meios, da noção de marginalização ou de exclusão social.” (Camargo e outros, 1982, p.23)

É interessante notar que a forma como o termo é referenciado, como uma expressão já empregada em algum uso corriqueiro, dá a entender que há uma prévia utilização do termo. Assim, não podemos indicar propriamente o marco inicial da expressão muito embora seus primeiros usos no meio acadêmico estejam entre os estudos desse ciclo da década de 70.

*A Espoliação Urbana*, de 1979, (reunindo estudos iniciados em 1973), escrito por Lúcio Kowarick é uma obra seminal e paradigmática a respeito do tema urbano na qual se vê a indubitável a influência das ideias de Oliveira. Nela, o autor relaciona o crescimento da cidade de São Paulo com a superexploração do trabalho pelo capital industrial e imobiliário. Para o autor, o caos produzido nos territórios mais pobres da cidade é decorrência direta de um modelo específico de crescimento econômico, baseado na superexploração de mão-de-obra, extraindo riqueza da classe trabalhadora das mais diversas formas

possíveis. Desse modo, o pretense caos territorial e a carência em que se encontra grande parte da cidade e sua população são antes o resultado de um plano do que da falta de plano, como intuitivamente se poderia imaginar.

Para Kowarick, a partir dos anos 1930, surgem e se expandem os bairros periféricos, os quais alojam a população trabalhadora junto com cortiços e favelas. Essa fase teria se iniciado com a aceleração da industrialização brasileira, que gerou uma valorização dos terrenos no entorno das fábricas. Esse movimento tornou economicamente desinteressante a manutenção das vilas operárias, as quais eram criadas pela própria empresa aos trabalhadores. Assim, ao deixar de oferecer tais vilas, a empresa transfere aos trabalhadores o custo da moradia, transporte e demais gastos de infra-estrutura de instalação.

“A partir de então, surge no cenário urbano o que passou a ser designado de “periferia”: aglomerados distantes dos centros, clandestinos ou não, carentes de infra-estrutura, onde passa a residir crescente quantidade de mão-de-obra necessária para fazer girar a maquinaria econômica.” (Kowarick, 1979, p.31)

A fixação da classe trabalhadora passou a seguir interesses do mercado imobiliário, sem qualquer interferência relevante do Estado a não ser muito tardiamente. Esse movimento teve caráter eminentemente especulativo, cuja lógica refugia a qualquer planejamento benéfico aos trabalhadores.

Em suma, os loteamentos não eram próximos às áreas de infraestrutura urbana já instalada e nem seguiam continuidade entre si. Entre um loteamento e outro, eram deixados enormes espaços de vazios, a fim de que a futura e obrigatória instalação de infraestrutura passando por eles gerasse a automática supervalorização dos terrenos. Esse mecanismo seguiu-se continuamente com a expansão da industrialização, inclusive ao longo da região metropolitana de São Paulo, gerando as cidades dormitório. Da mesma maneira, a especulação imobiliária agiria nas regiões centrais, deixando prédios e vazios em áreas estagnadas ou decadentes, no aguardo de melhorias promovidas pelo estado que novamente levarão à supervalorização.

Tais processos de valorização sempre resultam no incremento vertiginoso dos preços e custos, empurrando as populações mais pobres para áreas mais afastadas sujeitas ao mesmo processo. Soma-se ainda a distorção de políticas públicas promovidas para a aquisição de domicílios particulares que, também ditadas apenas pela lógica empresarial, beneficiaram os setores da classe média permitindo sua fixação em áreas centrais.

Esse processo será estudado por muitos autores, observada a questão sob os mais diversos ângulos. Como norte, sempre terão as relações de exploração que determinarão a constituição do espaço urbano de produção caótica deliberada. O problema da moradia será também um objeto privilegiado dos estudos urbanos nesse primeiro ciclo, entretanto não se encontra qualquer menção a raça nesses processos.

*A produção Capitalista da Casa (e da Cidade) no Brasil Industrial*, de 1979, de diversos autores, organizado por Ermínia Maricato e prefaciado por Francisco Oliveira, se detém na relação específica da economia imobiliária e como a produção da indústria moderna se associa perfeitamente ao modo de produção arcaico por autoconstrução das moradias na periferia. A coletânea de artigos, traz em cada um deles aspectos diferentes sobre economia imobiliária. Em seu conjunto, conclui que de fato o mercado imobiliário nas grandes cidades brasileiras se organiza para extrair mais valia da super exploração da mão de obra e fornecimento de terrenos impróprios para habitação. São terrenos sem a infra-estrutura adequada, cuja venda tem o preço calculado considerando que a casa será autoconstruída, podendo assim ser cobrado mais caro.

Nesta mesma obra, o artigo de Bolaffi (*in* Maricato, 1982; 1ª ed. 1979) discorre sobre o processo de participação do Estado na formação deliberada dos territórios periféricos. Em 1964, a habitação foi eleita como problema fundamental do Estado brasileiro, devendo ter prioridade de atenção. Com esse contexto criou-se o Serviço Federal de Habitação e Banco Nacional de Habitação, porém, essas estruturas operaram apenas para garantir a moradia da classe média, sem qualquer preocupação com as classes mais baixas, dado que a solução reservada para essas seriam de fato os cortiços, as favelas e os terrenos longínquos. Não apenas isso, o sistema elaborado para as políticas de habitação pelo governo federal na verdade atuaram como verdadeiros distribuidores de recursos para uma série de intermediários que, dada a completa falta de regulamentação, apenas intensificaram os processos descritos acima de criação da periferia. “Um processo industrial de favelamento” (Bolaffi, 1979)<sup>21</sup>.

---

<sup>21</sup> P.55

A utilização do termo *periferia* nesse artigo, em itálico, dá também pistas da construção do termo, que também já possuía nesse momento um sentido prático disseminado, destituído de qualquer elaboração racial:

“Em São Paulo a expressão *periferia* acabou por adquirir nova semântica, diferente daquela emprestada da geometria. Quando políticos e administradores falam em *periferia*, não se referem necessariamente às áreas exteriores mais distantes do centro urbano. Referem-se aos setores da cidade precariamente atendidos por serviços públicos, nos quais os valores imobiliários são suficientemente reduzidos para serem suportados pelas populações de baixa renda.”(Bolaffi, *in* Maricato, 1979, p.57)

No mesmo livro Ermínia Maricato, apresenta que o processo de autoconstrução vai além das residências alcançando mesmo igrejas, escolas primárias, creches, sede de sociedades de amigos de bairros, centros comunitários. A forma como também utiliza remete ao mesmo uso corrente do termo *periferia*:

“Um dos resultados dessa política de investimentos urbanos, diante do alto índice de crescimento das nossas cidades é o aparecimento em cena da chamada *periferia urbana*, entidade que tem lugar assegurado nos discursos que cortam por diversos grupos sociais: dos intelectuais acadêmicos aos tecnocratas do Estado, do político demagogo ao trabalhador, que apesar de integrar sua realidade, está em situação que propicia o distanciamento crítico, isto é, permite a consciência acerca do descaso da administração pública em relação às áreas de residência da classe trabalhadora.

Podemos caracterizar assim a *periferia urbana* como o espaço da residência da classe trabalhadora ou das camadas populares, espaço que se estende por vastas áreas ocupadas por pequenas casas em pequenos lotes, longe dos centros de comércio ou negócios, sem equipamentos ou infra-estrutura urbanos, onde o comércio e os serviços particulares também são insignificantes enquanto forma de uso do solo. Essa ocupação é urbana, mas pode-se dizer também que é desurbanizada à luz de certas formulações técnicas urbanísticas de planejamento ou mesmo à luz das histórias das cidades.(...)”<sup>22</sup>

Também em 1979, Rolnik e Bonduki publicam o trabalho *Periferias: Ocupação do Espaço e Reprodução da Força de Trabalho*. O objetivo era a compreensão do processo de formação na cidade de Osasco. O estudo dos autores acaba por revelar um processo muito similar na formação dos espaços urbanos periféricos em São Paulo, com loteamentos muito afastados das áreas centrais, loteamentos clandestinos e casas de autoconstrução. Ou seja, o processo vai para além de São Paulo, valendo para cidades da conurbação.

Como se vê, para os autores deste ciclo o problema habitacional e de ocupação desestruturada do solo seria decorrente da condição de exploração do trabalho e do processo que Kowarik denomina “*espoliação urbana*: o somatório

---

<sup>22</sup> P.83

de extorsões que se opera através da inexistência ou precariedade de serviços de consumo coletivo. A questão da moradia e da carência dessas regiões é o objeto privilegiado dos estudos.

Neste momento, o problema racial não aparece em qualquer análise ou estudo, sendo um elemento inexistente na ideia do termo periferia. No entanto, desde essa primeira fase, não passa despercebida a questão da migração como uma das chaves de compreensão do problema com a constatação de que muitos dos novos ocupantes da periferia provém da região nordeste (Kowarik, 1979). Este é um achado importante, dado que, como veremos adiante, uma das expressões do racismo na região sudeste se dará pela forma de discriminação contra nordestinos.

Por fim, ainda nesse período, Kowarik (1979) Rolnik e Bonduki (1979), embora não se debrucem sobre o tema, constataam a organização e atividade política dos moradores dos territórios periféricos, um movimento crescente que decorreria tanto da organização dos trabalhadores da indústria, como mobilização motivada pelas precaríssimas condições do território que habitam. Esse ponto é o tema central que mobilizará estudos do próximo ciclo.

### **2.3. Décadas de 1980 e 1990 – Mobilização Política**

A partir do início da década de 1980, é possível notar uma nova tendência nos estudos sobre a periferia. A partir deste momento, tomarão atenção as lutas sociais que surgem a partir de organizações no âmago dos bairros periféricos e sua articulação com as mobilizações operárias.

O processo de espoliação descrito no ciclo anterior trata de um período de forte industrialização na cidade de São Paulo. Neste momento, ainda que a melhoria material de condições de vida não tenha necessariamente revertido para todos os trabalhadores, é possível identificar que o desenvolvimento industrial trouxe alguma unidade à classe operária organizada em sindicatos (Caldeira, 2011; Feltran 2011; D'Andrea 2013; Sader 1988).

Da mesma maneira, mesmo a parcela moradora de periferia não inserida no contexto industrial passou por uma tendência de unificação e mobilização coletiva a partir das comunidades religiosas guiadas pelas ideias da teologia da

libertação<sup>23</sup> (Feltran, 2011; Caldeira, 2011; Sader, 1988). Desse contexto - de grupos organizados pela exigência de melhorias urbanas e classe operária organizada - surgirá uma nova força política, fazendo analistas olharem a periferia com atenção voltada para tais mobilizações, as quais terão participação importante no processo de reabertura democrática (Feltran, 2011). É desse movimento que surgirão lutas sindicais que darão origem ao Partido dos Trabalhadores e mobilizações que também serão cruciais para pressão por melhorias nesses bairros periféricos, até então destituídos de qualquer infraestrutura.

Talvez um dos trabalhos mais emblemáticos desse período seja o de Eder Sader (1988). Em sua obra *Quando os novos personagens entraram em cena: experiências e luta dos trabalhadores da Grande São Paulo 1970-1980*, o autor faz uma profunda pesquisa a respeito da conjuntura social do período e destrincha as origens das forças políticas organizadas que se formavam nas periferias da Grande São Paulo.

Os novos personagens seriam as organizações que surgem no cenário político sem uma prévia definição teórica e que teriam sua identidade enquanto ator político formada coletivamente. Para o autor, esses novos sujeitos políticos teriam ampliado o espaço da política ao rechaçar a política tradicionalmente instituída e inventarem novas formas do fazer político, a partir da politização de questões do cotidiano tanto nos espaços de trabalho como de moradia.

Tais movimentos foram se forjando na década de 1970, ao longo da qual o autor identifica que passaram por uma profunda transformação, também constatada em diversos outros estudos. Os novos sujeitos, no entanto, não formariam um bloco coeso, mas sim uma miríade de formações que, para Sader, poderiam se mobilizar por fatores diversos, a depender do modo como se articulam: por objetivos práticos, a partir de valores que dão sentido a existência do grupo ou de experiências vividas que ficaram plasmadas em certas

---

<sup>23</sup> Doutrina desenvolvida no âmago da instituição da Igreja Católica, cujo mote principal seria o compromisso radical com os pobres e excluídos. Entre seus marcos estaria o Concílio do Vaticano II. Dessa doutrina, se desenvolveram também as Comunidades Eclesiais de Base e outras iniciativas fomentadas pelos líderes católicos, mas que incentivaram seus seguidores, oriundos de camadas populares a questionarem criticamente sua posição de classe e se mobilizarem por direitos e emancipação.

representações, indicando seus objetivos, seus inimigos o mundo que os envolve (Sader, 1988).

Esses novos movimentos teriam sua formação pela unificação da experiência cotidiana de seus atores, com matrizes discursivas diversas que acabaram por se encontrar a partir do rompimento abrupto da cena política com o golpe de 1964. Sader identifica três principais agências que forneceriam as matrizes discursiva para esses novos sujeitos políticos. As três oriundas de instituições em crise que buscam novas elaborações.

A começar pela Igreja Católica, que sofria a perda de influência junto ao povo. Esta agência se apoia na teologia da libertação e em uma organização bem implantada, beneficiando-se do reconhecimento imediato a partir da religiosidade popular. A outra matriz, viria dos grupos de esquerda pré-64, desarticulados pela derrota política, buscando agora novas formas de integração com os trabalhadores. Apesar da dificuldade maior que enfrentava pela derrota desarticuladora com o golpe militar, trazia um corpo teórico sólido a respeito de temas da exploração e luta contra o capitalismo. Por fim, a terceira matriz provém da ideia de um novo sindicalismo, em oposição a estrutura sindical esvaziada de sentido durante o período ditatorial. É matriz que vai se organizando até meados da década de 70, são os mais imediatamente aderidos aos conflitos e mais atuais. *“Eles se constituem operando progressivos deslizamentos de significados nas fissuras dos discursos dominantes, produzidas nos enfrentamentos sociais.”* (Sader, 1988)<sup>24</sup>

Serão essas matrizes discursivas que se fundirão às mobilizações que ocorriam tanto na própria periferia quanto no interior das fábricas, levando à formação dos movimentos sociais. Na periferia, em muitas das articulações se destacarão as mulheres, a começar pelos Clubes de Mães, com forte base nas redes de igreja e incentivados pelos agentes pastorais. A predominância feminina também se encontrava nos movimentos de reivindicação de saúde. Esses movimentos que se organizavam a partir do território estavam em constante contato com a luta do operariado, na matriz discursiva do novo sindicalismo. Afinal, o espaço de habitação do operariado era a própria periferia.

---

<sup>24</sup> P. 45

Assim circulavam ideias e articulações para novas empreitadas, ligadas a reivindicações de transporte, escola, e ao custo de vida. Um período deveras marcado por grande agitação política e greves, cuja politização sempre partia de questões cotidianas tomando proporções políticas maiores, especialmente em relação à luta por maior democracia e garantias de direitos, ainda que muitos dos atores tentassem evitar essa ligação.

Também no ano de 1988, saíra a coletânea de artigos organizada por Lúcio Kowarick e reunida no livro *As lutas sociais e a Cidade*. Telles (*in Kowarick, 1988*), busca em seu artigo as lições deixadas por essas grandes mobilizações, que passaram a perceber seu esgotamento a partir de meados da década de 80.

Para ela, os locais de moradia no território periférico constituiriam “*um ponto de convergência e interação de experiências vividas em tempos e espaços diferenciados*”. Nesse sentido, ela identifica durante os anos setenta um campo comum de espaço e linguagem, construído de modo que os trabalhadores/moradores passaram a se reconhecerem enquanto sujeitos políticos. Conclui então, em feliz síntese, que nos anos 70 se deu a constituição do social como espaço político.

Assim, o que se percebe nesse ciclo é o deslocamento para a ação política dos habitantes da periferia. As características do espaço e a definição de periferia passam a ser o pano de fundo para a ação política coletiva empenhada por seus residentes. A característica posta neste momento pode ser colocada como a potência política. Não encontramos menção a condição racial desses atores e nem qualquer possibilidade de articulação entre raça e a condição laboral.

Tal evidência durante esse ciclo é ainda mais curiosa, considerando que o período de luta pela reabertura democrática coincide com a reorganização da luta negra mobilizada (Rios, 2012; Ramos, 2021). Desde o início da década de 1970 surgem diversas organizações negras, especialmente de cunho cultural, com uma gradativa evolução das ações coletivas até a fundação do Movimento Negro Unificado, em 1978, uma organização antirracista, com protesto político orientado pela luta classes, ativos no processo de luta pela reabertura democrática e com muitos de seus membros entre os fundadores do Partido dos Trabalhadores. É também desse mesmo período o início da mobilização



autônoma de mulheres negras, a partir da interface entre o movimento negro e feminista (Rios, 2017).

#### **2.4. A Década de 2000 – As transformações econômico-sociais**

A força mobilizadora dos novos sujeitos políticos entrará em crise a partir do fim da década de oitenta, com a forte crise econômica, a hiperinflação que sucedeu à reabertura democrática e, mais contundentemente, com as políticas neoliberais implementadas a partir do governo FHC, nos anos noventa. O processo de desindustrialização acelerada levaria ao enfraquecimento das organizações sindicais, isso, somado a retirada da ação de base católica sob a teoria da libertação e a inserção de parte dos movimentos sociais na institucionalidade, levando a um refluxo das grandes mobilizações populares (Feltran, 2011). A partir de então, uma série de transformações sociais impactarão o olhar sobre a periferia e, por decorrência, o uso do termo.

A partir dos anos 2000 se vê então um novo ciclo de estudos buscando compreender tais transformações. Esses estudos se concentrarão nas mudanças no mundo laboral provocadas pelas políticas neoliberais a partir do governo de Fernando Henrique Cardoso nos anos 1990.

Telles (2006), na tentativa de compreender essas transformações no mundo do trabalho parte do pressuposto de observá-la sob o ponto de vista das gerações que já nasceram sob esse mundo tão alterado, evitando comparações. Padrões de consumo antenados com o moderno e pós-moderno e a dissolução de binaridades como tempo do trabalho e não-trabalho e formal-informal. Para Telles, as novas configurações sociais não se compatibilizam mais com as categorias habituais que descrevem o mundo do trabalho. “(...) *Não correspondem às figuras canônicas do trabalhador regular, tampouco às do mercado informal, e muito menos às tipificações correntes dos “pobres” e “excluídos”, público-alvo dos programas ditos de inserção social.*”(Telles, 2006)<sup>25</sup>

Nesse sentido, a nova configuração coloca, para Telles, as novas gerações numa intrincada rede em que o formal e o informal, o lícito e o lícito, as áreas ricas e pobres se entrelaçam. Assim, ao ingressar no mundo do trabalho,

---

<sup>25</sup> P. 192

os jovens inevitavelmente estarão sujeitos a essas idas e vindas. No novo cenário a figura clássica do operário cede espaço para o trabalhador que se vê como empreendedor e assim visa ascender, para os milhares de motoboys que transitam pelas vias da cidade, para os seguranças que fazem justamente o trabalho de garantir a segregação sócio-espacial em shoppings e condomínios fortificações.

A respeito de tais fortificações, Caldeira (2011; 1ª ed. 2000)<sup>26</sup> identifica a partir do início da década de 80 um novo elemento desse processo relacional de classes mais abastadas com as mais pobres que refletirá na constituição do espaço: a construção de condomínios no estilo enclaves fortificados.

Por esse novo padrão, a divisão centro-periferia para marcar a segregação das classes trabalhadoras ainda se manteria, porém não seria absoluta, dado o deslocamento de uma parcela das classes ricas para municípios no noroeste da região metropolitana e em distritos do sudoeste da cidade. As melhorias conduzidas nas regiões periféricas por decorrência das mobilizações políticas dos moradores enquanto novos sujeitos políticos acabaram também por encarecer os terrenos disponíveis nessas áreas. Isto restringiu as possibilidades de aquisição de propriedade pela autoconstrução, aumentando o número de moradores de cortiços.

Nessas novas configurações, *“diferentes classes sociais vivem mais próximas umas das outras em algumas áreas, mas são mantidas separadas por barreiras físicas e sistemas de identificação e controle”* (Caldeira, 2011; 1ªed. 2000, p.255). Essas novas formas de segregação, de tão severas, estariam destruindo a qualidade do espaço público, em termos de acessibilidade, liberdade de circulação e igualdade de acesso, penalizando ainda mais as populações pobres.

Caldeira (2011; 1ªed. 2000) e de Feltran (2011) dedicam-se a compreender as transformações sociais dramáticas ocorridas na periferia. Pode-se dizer que Caldeira analisa o início de uma fase, enquanto Feltran a observará em momento mais bem-acabada. Entretanto, ambos parte de processos

---

<sup>26</sup> Conforme informa a própria autora, a pesquisa em que se baseia o estudo foi feita entre 1988 e 1998 (p.13)

econômicos mais amplos para então descrever fenômenos da periferia, tendo como ponto fulcral é a violência e a política.

Para Caldeira (2011; 1ª ed.2000), a sociedade brasileira pós-ditadura viveria o fenômeno da democracia disjuntiva, conceito que utiliza para dar conta de caminhos contraditórios no processo da democratização então recente no Brasil: concomitantemente a uma expansão real da cidadania política, cresce a deslegitimação da cidadania civil. Assim, a disjunção teria, por um lado, o restabelecimento de eleições livres e regulares, direitos de livre organização partidária, funcionamento das instituições legislativas e o fim da censura para os meios de comunicação. Porém, por outro lado, haveria o aumento do crime e da violência, decorrentes da falência do sistema judiciário, a privatização da justiça, o desrespeito aos direitos individuais e dos abusos por parte das instituições da ordem - em especial a polícia - , e a criação de enclaves fortificados na cidade, com a conseqüente deterioração de espaços públicos.

Caldeira faz análise de jornais e dados estatísticos, mas se funda principalmente em ampla etnografia nos bairros de Jardim das Camélias, Mooca, e entrevistas no Morumbi e Alto de Pinheiros. A partir daí, detecta também a ideia de criminalização da pobreza que grupos sociais de classes médias e mais abastadas passam a cultivar.

Para este imaginário, há uma forte associação entre criminalidade e espaços como favelas e cortiços. Os moradores desses espaços seriam criminosos em potencial para a sociedade em geral, “são pessoas que estão no limite da sociedade, da humanidade e da comunidade política.”<sup>27</sup> Haveria ainda uma noção de que a criminalidade é um mal epidêmico e que se espalharia facilmente, contaminando aqueles que com ele tivessem contato. Por esta razão, seria necessário instituições e autoridades fortes para controlá-lo, dado que seria uma verdadeira luta da cultura contra as forças da natureza.

Para Caldeira, a violência como um todo no pós-ditadura, principalmente a partir do fim da década de setenta, de fato aumentou. Porém as representações a respeito dela sofrem distorções que se retroalimentam com a ideia de criminalização da pobreza. As estatísticas produzidas a partir das práticas policiais tendem a sobrerepresentar classes trabalhadoras e pobres

---

<sup>27</sup> p. 57

(em especial jovens) e sub-representar condutas das classes mais altas criando uma espécie de criminalização daquelas e descriminalização destas. Essa distorção se traduz em uma experiência com a polícia marcada por arbitrariedade, abusos e impunidade contra os mais pobres.

Um ponto a se destacar também por Caldeira tem relação na fala do crime. O aumento da criminalidade andou em conjunto com a fala sobre a criminalidade, embora esta última em uma proporção muito maior. As pessoas passaram a preencher uma parte muito grande de seu cotidiano com a fala sobre o crime, a qual tem um papel organizador na compreensão da própria história do indivíduo, da sociedade, da concepção de vida urbana. A fala do crime sobrepõe a criminalidade acima de qualquer fator econômico ou social para explicar os problemas da sociedade.

Em resumo, segundo o imaginário da fala do crime, o tempo na cidade se divide em um “antes” - em que não existia criminalidade e tudo ia bem - e um depois - quando chegou a criminalidade e tudo passou a se deteriorar (fenômenos que coincidem com a chegada dos fluxos de imigração nordestina). Essa visão essencializada produz caricaturas e estereótipos para caracterizar os principais agentes do crime. “De fato, *a fala do crime faz a violência proliferar ao combater e simbolicamente reorganizar o mundo.*” (Caldeira, 2011, p. 43; 1ªed. 2000)

A ordem simbólica engendrada na fala do crime não apenas discrimina alguns grupos, promove sua criminalização e os transforma em vítimas da violência, mas também faz o medo circular através da repetição de histórias e, sobretudo, ajuda a deslegitimar as instituições da ordem e a legitimar a privatização da justiça e o uso de meios de vingança violentos e ilegais.

Nesse sentido, para Caldeira, fica implícita a relação que a fala do crime estabelece com as regiões de periferia e seus moradores. A elaboração de que a pobreza animaliza as pessoas e as torna criminosos em potenciais, dá o endereço da origem do mal e do perigo. “*Além disso, na medida em que a ordem categorial articulada na fala do crime é a ordem dominante de uma sociedade extremamente desigual, ela tampouco incorpora experiências dos grupos*

dominados (os pobres, os nordestinos, as mulheres etc.); ao contrário, ela normalmente os discrimina e criminaliza.” (Caldeira, 2000, grifo nosso)<sup>28</sup>

Caldeira considera que, a continuidade e até mesmo o aumento da violência policial em parte foram possíveis dado o apoio popular mesmo entre as camadas trabalhadoras. Isso porque haveria na maioria da sociedade brasileira uma forte concepção que identifica ordem e autoridade com o uso da violência. Essa concepção consideraria uma boa polícia como dura e, portanto, relutante em garantir universalmente direitos individuais, o que significaria a restrição às ações da polícia.

Essa visão, em princípio paradoxal, se encontraria na explicação de que a polícia acaba dando melhor tratamento aos bandidos do que aos trabalhadores quando é corrupta (se vende aos criminosos) e mal preparada. Há nessa opinião um tautologismo decorrente dos próprios abusos da polícia. Afinal, para parte da classe trabalhadora, uma vez que ela própria sofre cotidianamente abusos, não haveria motivos para a polícia não ser mais bruta ainda com bandidos.

Aqui, chama atenção a posição de Caldeira em demarcar entre os grupos discriminados os nordestinos, mas não os negros. De fato, a discriminação contra nordestinos pode ser facilmente notada no discurso cotidiano na cidade de São Paulo. Sob o enfoque das relações raciais, há uma evidente interseccionalidade de raça, classe e região. Ela aflora contra a população que não tem aquelas características tidas como brancas propriamente e que também não adquirem ou não internalizam o *habitus*<sup>29</sup> das classes altas. Se por um lado ele representa a hostilidade a uma cultura que, na visão discriminatória, representa o atraso que o Brasil busca superar, por outro lado ela é mobilizada a partir do discurso racial mito da democracia racial.

---

<sup>28</sup> P.43

<sup>29</sup> *Habitus* é uma noção filosófica antiga, oriunda do pensamento de Aristóteles e da Escolástica medieval, recuperada e retrabalhada nos anos de 1960 por Peirre Bourdieu (Wacquant, 2017). Representa, a grosso modo, os costumes, condutas gostos e práticas que permitem uma classe gerar a identidade entre si e se distinguir das demais. Nas palavras de Bourdieu (2015): “estrutura estruturante que organiza as práticas e a percepção das práticas, o *habitus* é também estrutura estruturada: o princípio de divisão em classes lógicas que organiza a percepção do mundo social é, por sua vez, o produto da incorporação da divisão em classes sociais.(...) Sistema de esquemas geradores de práticas que, de maneira sistemática, exprime a necessidade e as liberdades inerentes à condição de classe e a *diferença* constitutiva da posição, o *habitus* apreende as diferenças de condição captadas por ele sob a forma de diferenças entre práticas classificadas e classificantes – enquanto produtos do *habitus* – segundo princípios de diferenciação que, por serem eles próprios o produto de tais diferenças, estão objetivamente ajustados a elas e, portanto, tendem a percebê-las como naturais.(...)”

A identificação do discurso de que a chegada de migrantes nordestinos no Rio de Janeiro e São Paulo é a causa do aumento da criminalidade é comum em diversos estudos (Guimarães, 2012), porém o que me parece é que ela acoberta na verdade o incômodo da presença negra e mestiça não branca, essa, sim, historicamente associada à criminalidade. A partir daí, não é necessária fazer a associação discursiva contra negros – o que o mito da democracia racial não permitiria – mas sim contra procedência, sendo obvio para todos sobre o grupo que se está falando, o qual tem características raciais que se sobrepõe ao problema regional.

Essa hipótese não é desconhecida de Caldeira. Pelo contrário, a autora reconhece que o racismo é uma questão transversal na sociedade brasileira. Ainda assim, por não ser a raça algo expressado na fala do crime, tal como pesquisado, a questão racial é encarada como uma forte e provável possibilidade, mas não é empregada como uma chave para a explicação do fenômeno em observação.<sup>30</sup>

A interpretação de Feltran (2011) acerca da violência chegará a constatação similar de Caldeira no tocante ao apoio popular à brutalidade policial. Feltran realiza etnografias com famílias do bairro do Sapopemba e, a partir destas, joga luz sobre espécie de ética peculiar presente nas falas dos

---

<sup>30</sup> Como afirma: “Tenho interpretado as repetidas e simultâneas afirmações e negações dos preconceitos em relação a algumas categorias sociais como uma oscilação entre dois tipos de registros da fala do crime. Há, entretanto, outra interpretação complementar. As citações indicam como as pessoas tentam se dissociar do que sabem que são preconceitos e depreciações apesar de obviamente compartilharem dele. Essa consciência e ambiguidade marca outras dimensões da sociedade brasileira, como o caso do preconceito contra os negros. Considerando o que foi dito contra os favelados e nordestinos, é especialmente significativo que em nenhuma ocasião durante as entrevistas alguém tenha feito uma declaração direta contra os negros ou afirmando que eles fossem criminosos. Quando muito, ouvi frases como uma da citação. 2.19, na qual as mulheres que faziam “strip-tease” na favela foram identificadas como negras, mas sem mais elaboração. Apesar dessa ausência na fala do crime, sabe-se que a discriminação contra negros atravessa a sociedade brasileira. Estudos recentes usando dados de Censo de 1980 e 1991 mostram que, seja qual for o indicador utilizado, os negros estão em pior situação social (Goldani 1994, Hasenbalg, 1996, Lopes, 1993, Silvia e Hasenbalg 1992, e Telles 1992, 1993 e 1995). Esses estudos junto com o Movimento Negro, desafiam o mito da democracia racial. Uma das principais táticas que têm ajudado a manter esse mito é um sofisticado código de polidez que considera de mau gosto nomear pessoas negras diretamente “negras” e colocar em palavras qualquer ofensa a elas, como se fosse possível eliminar o racismo ao não se pronunciar certas palavras. (...) A constante necessidade de censurar as palavras aprendidas no contexto das relações raciais pode muito bem ter influenciado a expressão de depreciações em relação a outras categorias sociais. Apesar de as pessoas expressarem julgamentos negativos em relação aos nordestinos e favelados (também possíveis eufemismos para negros) e aos pobres em geral, elas procuram corrigir-se, atribuir a opinião a outros, relativizá-la. Arte de discriminar e ao mesmo tempo negar que se faz isso só pode ser cheia de ambiguidades. Mas é uma arte em que os brasileiros são mestres (Caldeira 1988).

etnografados, que deveria nortear as ações da polícia, de modo que o excesso de violência deveria se ater apenas aos bandidos. Ou seja, os próprios moradores de periferia reconheceriam a existência de uma diferenciação entre trabalhadores e bandidos. Desse modo, a brutalidade contra bandidos seria tolerada, porém, sempre que cometidas práticas abusivas contra pessoas pertencentes à comunidade e que sabidamente não envolvidas com o crime, há uma indignação geral. Assim, na leitura de Feltran, a atuação policial contra “trabalhadores” representaria para os moradores de periferia o rompimento do pacto segundo o qual apenas bandidos devem ser tratados sem qualquer direito (Feltran, 2011).

Feltran, valendo-se da etnografia dessas famílias e suas gerações, traça um caminho vivenciado pela população de periferia nesse arco temporal entre a década de setenta e a primeira década dos anos 2000. De operários a trabalhadores, de trabalhadores a bandidos, e bandidos e trabalhadores em convivência são três fases que ele usa para descrever essas transformações que ocorreram na periferia de São Paulo e ajudariam a descrever as relações que demarcam as fronteiras da periferia com as regiões centrais. Aqui, é possível traçar um paralelo com as descrições feitas por Telles (2006) sobre as transformações no mundo do trabalho.

Se Telles, por um lado, ao contrário de Feltran, evita fazer as comparações entre uma geração e outra, por outro, ambos acabam por constatar que a realidade laboral e social das gerações nascidas a partir do fim da década de 80 às coloca em situações de linhas borradas entre o formal e o informal, o trabalho e o não trabalho, o lícito e o ilícito, em uma situação totalmente desprovida de seguridade social para os trabalhadores.

A primeira fase da transição descrita por Feltran é a passagem de trabalhadores a operários. As severas modificações econômicas, ocorridas a partir de meados dos anos 80, levaram, na década seguinte, ao esgarçamento do modelo de trajetória típico daqueles que ocupavam a periferia de São Paulo até então. Famílias organizadas em torno da instituição do casamento, de religiosidade cristã, orientadas por um projeto de ascensão social pelo trabalho, a qual se media pelo aumento da escolaridade e o acesso maior a bens e serviços, com papéis de gênero e de posição dos membros da família bem

definidos como referência e código moral: o pai deve ser provedor, a mãe se dedicar ao lar, os filhos estudarem e conseguirem posições superiores aos pais.

Boa parte desses moradores de periferia tinham sua ocupação na indústria, cuja estabilidade da condição operária autorizou tanto a fé no projeto de ascensão entre gerações quanto a aquisição de um terreno, cuja casa comumente erigida pela autoconstrução e cômodo a cômodo, tal como reiteradamente descrito no primeiro dos ciclos. Conforme já citado, o processo de reabertura política, a sindicalização ou agregação em torno de igrejas norteadas pela teoria da libertação, e a posição operária traziam, respectivamente, a oportunidade, a base e a legitimidade para se exigir direitos. Daí se formarem as organizações de bairro e novas forças políticas no campo da esquerda. Implicitamente, sentia-se nesse momento um clima de esperança.

Contudo, o forte processo de desindustrialização da década de 90 trará grandes mudanças de perspectivas para a geração seguinte. A estabilidade relativa que se encontrava na condição operária já não existe mais. Há uma precarização maior, mesmo nas situações em que simbolicamente há uma ascensão social, seja pela posição de estudo seja pelos hábitos de consumo. O trabalho vai deixando de ser um valor e passa a ser um fim em si mesmo, voltado para objetivos individuais e não parte de um projeto maior que envolve gerações. Percebe-se que essas novas realidades de trabalho também implicam em uma dificuldade muito maior de organização de classe pela via sindicalista. E assim se dá a transição de operários para trabalhadores na periferia.

Os anos 2000 marcariam um novo ponto de inflexão na visão dos jovens dessa geração. Para Feltran, o discurso centrado na família e no trabalho não tem condições de sustentar diante da realidade concreta<sup>31</sup>. A falta de perspectiva de se prosperar pelo mundo do trabalho, a mudança drástica nos hábitos e necessidades de consumo, a exposição constante ao mundo da criminalidade como uma alternativa viável de fonte de renda são elementos chaves para o que ele denomina de expansão do mundo do crime.

Ainda que se possa afirmar que há um crescimento da criminalidade e do crime organizado nas periferias ao longo dessas gerações, é uma minoria de

---

<sup>31</sup> Embora Feltran trate dessa transição de maneira peculiar, o fenômeno das consequências políticas decorrentes de políticas neoliberais também é observado por Caldeira (2000), D'Andrea (2013) e Carril (2006).



jovens que ingressa propriamente para o campo da ação tida criminosa (Feltran, 2011). Assim, a expansão do mundo do crime é mais propriamente no campo discursivo do que o concreto. Pois, o discurso do mundo do crime se expande, adquire sentido e adesão entre a juventude periférica principalmente nascida entre os anos 90. Esse ponto é relevante para a compreensão do momento de guinada da utilização do termo periferia quando visto de dentro. Como veremos mais à frente, o mundo do trabalho, embora englobado pela ideia de periferia, não será considerado como uma saída para os dilemas da vida dos jovens nascidos na década de 90.

Igualmente importante será observar que, conforme aponta Feltran, o discurso político de separação entre trabalhadores e bandidos não coincide com a realidade posta na periferia, vez que o lar que reside o filho “bandido” também reside membros trabalhadores da família. Enquanto os trabalhadores da família oferecem a respeitabilidade simbólica, muitas vezes é o membro inserido na criminalidade que providenciará, de fato, o sustento da casa. Mais que isso, ao contrário da realidade de classe média, é muito provável que, em algum momento de sua vida, o jovem de periferia venha a ter contato com o universo da criminalidade, dada a proximidade com o universo do tráfico (o que não acontece necessariamente com a classe média, que acessa drogas através de muitos intermediários).

Esses contornos irão traçar uma fronteira metafórica entre a periferia e a cena pública, que delimita justamente a dimensão do conflito centrado no acesso ao direito a ter direitos, o qual é negado sistematicamente à população periférica (especialmente os jovens). É uma concepção que converge com a ideia socialmente difundida, também constatada por Caldeira (2011; 1ªed 2000), de que direitos humanos seriam um “privilegio para bandidos”.

Na mesma trilha, Silva e Leite (2007) através de pesquisas qualitativas realizadas em favelas do Rio de Janeiro, também perceberam que não há entre os moradores propriamente uma condenação à violência policial. Da mesma forma, a fala dos entrevistados na dinâmica de grupos focais revela que o problema é a violência indiscriminada da polícia, inclusive contra moradores que nada tem a ver com o mundo do crime.

Para além disso, outro grande problema em relação à violência policial diz respeito à constante quebra das rotinas cotidianas, sendo essa a grande

preocupação dos moradores. Estes moradores estariam submetidos por um lado à violência do mundo do crime, por outro à violência policial. No entanto, são vistos como coniventes com o crime pelo simples fato de residirem na favela, sendo discriminados neste lugar. Ao mesmo tempo, estão submetidos ao rigoroso controle do mundo do crime dado que residem no mesmo lugar que seus agentes. Chama atenção, então, o fato de que embora em cidades diferentes, os problemas se aproximam.

Nos estudos apresentados, verificamos que, assim como no ciclo das décadas de oitenta e noventa, não há mais uma preocupação em se definir a periferia. A ideia de um espaço afastado e carente é adotada como premissa, sem maiores preocupações de precisão na definição. Entretanto, apesar do papel de pano de fundo, também tal qual no ciclo de oitenta e noventa, as carências do território e sua situação de oposição a uma área de condições melhores é pressuposto para as explicações dadas ao recorte sobre o objeto. No caso deste ciclo, o enfoque é a desregulação do mercado de trabalho e desestruturação de uma organização laboral decorrente do processo de desindustrialização. Ademais, a criminalidade passa a ser um importante elemento de observação.

Neste ciclo, são mais comuns às referências ao problema da raça. A desigualdade racial de alguma forma é reconhecida e deixa de ser um problema inexistente, mas estão muito longe de constituir uma questão central para a discussão. Na verdade, a todo tempo, a discriminação enquanto fenômeno para compreender a violência discursiva, simbólica e policial é tratada primordialmente a partir da condição social. A procedência regional, em especial da região nordeste, também é um fator fortemente demarcado e até mesmo considerada sua interseccionalidade com raça, apesar da questão não ser tratada de forma mais aprofundada a ponto da raça poder ser considerado um elemento de explicação dos problemas urbanos tratados pelos autores.

## **2.5 – O grande desencontro**

Os três ciclos discutidos nos tópicos anteriores apontam para uma alternância entre carga positiva ou negativa para as ideias que rodeiam o termo periferia. O primeiro momento pauta-se pela carência material, problemas urbanísticos e de moradia. Já o segundo ciclo há um enfoque da população

periférica enquanto potência política. Por fim, o terceiro ciclo centra-se na questão das transformações do mercado de trabalho e da criminalidade.

Conforme se verificou, os estudos ora apresentados não atribuem grande relevância para o fator racial ao promover suas análises. Especialmente a partir do ciclo dos anos 2000, o fator racial não é de todo ignorado, porém não se mostra essencial para a leitura realizada pelos autores. Nesse sentido, é possível afirmar que os estudos urbanos fizeram sua trajetória ao largo dos estudos das relações raciais, o qual, como veremos adiante, é um campo que se desenvolve desde os primórdios da sociologia no Brasil.

Ao nosso ver, como consequência dessa trajetória sobre a ideia de periferia, o sujeito que dali nasce é uma figura desracializada, muito embora hoje haja elementos suficientes para se compreender que estão tratando de vidas negras.

Essa constatação traz um grande questionamento a respeito de suas razões. É considerável tradição brasileira em relação aos estudos das relações raciais e, sob essa premissa, é válido um breve esboço a respeito de alguns dos grandes temas tratados pelos intelectuais que se debruçaram sobre a questão racial. Essa visão nos permite ver o quão parelhos são os temas suscitados entre estudos urbanos e as relações raciais, embora sob óticas diferentes.

O desenvolvimento desses estudos pode ser compreendido em três grandes fases de concentração, segundo Barreto, Lima, Lopes e Sotero (2017). Na primeira fase, buscam fundamentar uma relação harmônica entre os grupos raciais, o qual tem em Gilberto Freyre e sua obra *Casa Grande e Senzala* os grandes expoentes; a segunda fase, iniciada na década de 1950, marcada pelo projeto UNESCO que financiou estudos para a compreensão das relações raciais no Brasil, com foco no negro; e a terceira, iniciada no final da década de 1970, tendo entre seus representantes de destaque Carlos Hasenbalg, quando os estudos passam a se aprofundar na questão da desigualdade racial e sua relação com a estratificação social (Barreto, 2017).

Entre marcos importantes para o tratamento do problema racial e a marginalização, destacam-se os estudos de Florestan Fernandes (2013; 1ª ed. 1964), que usará os dados colhidos durante o Projeto UNESCO, na década de 50, para fazer uma interpretação inovadora a respeito da situação das pessoas negras na cidade de São Paulo no período pós-abolição. O principal resultado

dessa análise está na obra *A Integração do Negro na Sociedade de Classes* (1964), a qual apresenta uma detalhada análise histórica na primeira parte do livro. Nesta, argumenta que, com o fim da escravidão, o negro brasileiro não logrou se integrar na nova ordem social industrializada e competitiva que florescia em São Paulo. A inexistência de políticas públicas para promover tal integração dos negros acabou por deixá-los largados a sua própria sorte, o que de maneira alguma os favoreceu. Essa realidade, somada ao resquício de uma mentalidade escravocrata, impedia que os negros tivessem acesso às mesmas oportunidades que os brancos, do mesmo modo que gerava um comportamento preconceituoso da população branca frente aos negros.

O quadro em questão, segundo Fernandes, seria incompatível com a nova ordem competitiva, de modo que a integração do negro seria condição essencial para o avanço social, capítulo que ainda estaria por ocorrer em nossa história, quando pouco a pouco esses resquícios fossem abandonados pela sociedade.

Também em meados da década de 50, Alberto Guerreiro Ramos já apresentava crítica ao pensamento dos intelectuais brasileiros em relação à raça, defendendo uma sociologia original do Brasil em oposição ao que chamaria de sociologia “enlatada” ou “consular”. Esta seria a sociologia que apenas repete soluções e abordagens feita por cientistas estrangeiros, as quais seriam impróprias para lidar com a realidade local, posto que criadas para resolver problemas completamente diversos. Para ele, o sociólogo com esse comportamento seria um mero repetidor sem realizar uma sociologia efetiva para lidar com as questões locais (Ramos, 1995; 1ªed. 1957).

Logo, a análise sociológica nacional, para Guerreiro Ramos, deveria desenvolver instrumentos adequados para analisar a peculiaridade da realidade brasileira. Faz um apanhado histórico de intelectuais que pensaram o problema da raça no Brasil desde o Séc XIX, passado por nomes como Sylvio Romero, Euclides da Cunha, Alberto Torres, Oliveira Viana, Nina Rodrigues e os relatórios da UNESCO (especificamente os estudos conduzidos por Luiz Aguiar da Costa Pinto sobre Rio de Janeiro). Aponta que o conhecimento produzido ora carece de uma iniciativa original para pensar o Brasil (importando de Europa e EUA ferramentas metodológicas impróprias, junto com seus racismos e etnocentrismos) ora arriscam voos com originalidade, mas ainda partindo de

premissas equivocadas da questão racial. Na sua opinião, a sociologia do negro até então, constituía “*uma forma sutil de agressão aos brasileiros de cor e, como tal, constitui-se num obstáculo para a formação de uma consciência da realidade étnica do país.*”<sup>32</sup> Sugere, assim, que a análise da questão racial parta da construção da subjetividade negra, admitindo que a raça está submetida à valoração social (Ramos, 1995; 1ª ed.1957).

Alguns anos depois, no fim da década de 70 Hasenbalg (2005; 1ªed. 1979) se opõe a ideia de que o racismo se manteria como resquício de uma mentalidade escravocrata incompatível com uma sociedade industrializada e competitiva. Para ele, a discriminação racial contemporânea não constituiria uma herança do período escravista e sim uma verdadeira atualização de um sistema de estratificação que se mantém por trazer benefícios à população branca dominante.

O acesso a bens materiais, à riqueza produzida, aos serviços públicos, aos bens de *status* e às garantias fundamentais (especialmente a de integridade física), se dariam de forma muito mais restrita aos negros, quando comparado com a população branca. Essa desigualdade é vantajosa para brancos, o que significa dizer que o racismo vigente na sociedade brasileira não teria condições de desaparecer por si com o avanço da sociedade industrial, tal como esperava Florestan. A contribuição intelectual de Hasenbalg foi decisiva para se iniciar a superação das teses de “persistências do passado”, mostrando que as desigualdades tendem a se acumular entre gerações (Barrreto, 2017)

De maneira similar a Hasenbalg, Moura (1977) trabalha com ideia barragens erguidas pela sociedade branca, descrevendo a dialética social que se dá com as reações negras para as transpassarem. Essa é a ideia central desenvolvida no livro *O negro, de Bom escravo a Mau cidadão?* Nele, Moura analisa a trajetória da população negra, desde o período pré-abolicionista até o momento contemporâneo, com o intuito de apontar as contra-medidas adotadas pelos negros para enfrentar as forças desintegrativas e os mecanismos estruturais das barragens que mantém sua condição marginalizada.

Moura ainda trata da condição do negro que faz dele mau cidadão segundo a ótica branca: o negro marginalizado que vive nas favelas, seria a

---

<sup>32</sup> Ramos, 1995, p.199

prova de que esse grupo não teria condições de figurar em uma sociedade competitiva. Do mesmo modo, é um mau cidadão aquele negro que problematiza o sistema ou invés de canalizar suas energias para integrar-se a ele. Entretanto, o autor argumenta que a marginalização é, em verdade, prova da barragem social construída por brancos. E a problematização é o enfrentamento ao sistema racista.

Na década de 80 e 90 se verificará ainda a colaboração entre organizações políticas e culturais negras e pessoas ligadas à academia (Barreto, 2011). É nesse momento em que intelectuais negras como Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro, Luiza Bairros contribuem para ampliar os entendimentos da questão racial no Brasil e contribuem decisivamente para a formação de intelectuais e militantes antirracistas (Barreto, 2011). Essas reflexões não deixavam de considerar o aspecto da formação urbana dos grandes centros, colocando o problema racial como crucial para sua explicação, como Lélia Gonzalez (1982)<sup>33</sup> diz:

“As condições de existência material dessa população negra remetem a condicionamentos psicológicos que devem ser atacados e desmascarados. Os diferentes modos de dominação das diferentes fases de produção econômica no Brasil parecem coincidir num mesmo ponto: a reinterpretação da teoria do *lugar natural* de Aristóteles. Desde a época colonial aos dias de hoje, a gente saca a existência de uma evidente separação quanto ao espaço físico ocupado por dominadores e dominados. O lugar natural do grupo branco dominante são moradias amplas, espaçosas, situadas nos mais belos recantos da cidade ou do campo e devidamente protegidas por diversos tipos de policiamento: desde os antigos feitores, capitães do mato, capangas etc., até a polícia formalmente constituída. Desde a casa-grande e do sobrado, aos belos edifícios e residências atuais, o critério tem sido sempre o mesmo. Já o lugar natural do negro é o oposto, evidentemente: da senzala às favelas, cortiços, porões, invasões, alagados e conjuntos “habitacionais” (cujos modelos são os guetos dos países desenvolvidos) dos dias de hoje, o critério também tem sido simetricamente o mesmo: a divisão racial do espaço.”

Um outro ponto de vista sobre a afirmação de Lélia pode se encontrar nos estudos de Antônio Sérgio Guimarães (2012), o qual afirma que no Brasil, tanto a mentalidade popular e de governantes como no pensamento erudito e mesmo em meios das ciências humanas, há um consenso de que pobres são pretos e que os ricos são brancos. Porém, em linha com o protesto de militantes negros, ressalta que a discriminação contra os pobres decorre do fato de serem negros (Guimarães, 2012).

---

<sup>33</sup> P. 15

A presente enumeração de estudos, embora traga alguns pesquisadores de grande influência e trabalhos de renome, está longe de abranger todo o campo dos estudos das relações raciais. Há ainda que se levar em conta que, conforme foi possível um uso maior número das estatísticas, mais e mais foi se comprovava que todas as mazelas descritas sobre os problemas das periferias alcançava majoritariamente negros.

Principalmente a partir do fim da década de 70, com as contribuições de Hasenbalg, a tendência do uso da estatística se intensifica e mostra o racismo como um fator central de produção de desigualdade e pobreza para a população negra. Mais recentemente, França (2017), ao estudar a distribuição racial de São Paulo chegou à conclusão de que há segregação racial na cidade, apesar de haverem negros e brancos nas periferias. Em resumo, as áreas periféricas da cidade contêm uma sobrerrepresentação da população negra, enquanto as áreas mais centrais possuem uma sobrerrepresentação da presença branca.

Não é apenas a questão demográfica que as estatísticas vêm demonstrando há muito tempo. Desde os estudos pioneiros de Hasenbalg, muitas ideias sobre raça vem se corroborando através. Entre os mais emblemáticos, o Mapa da Violência<sup>34</sup>, estudo coordenado por Julio Jacobo Waiselfisz com uma série histórica produzida desde 1998, vem demonstrando que as principais vítimas de morte violenta são jovens negros do sexo masculino. Mostra ainda que enquanto a morte violenta de mulheres brancas reduz gradativamente, a de mulheres negras aumenta. Já Relatório das Desigualdades Raciais<sup>35</sup>, pesquisa coordenada por Marcelo Paixão e Luiz Marcelo Carvano,

---

<sup>34</sup> Sobre o Mapa da Violência, conforme descreve o sítio eletrônico, “Trata-se de pesquisas com dados secundários realizadas periodicamente com foco na problemática da juventude e a violência. O primeiro mapa foi realizado em 1998 e já foram divulgados até o dia de hoje 27 estudos. Inicialmente cada dois anos, posteriormente anual e, desde 2011, mais de um a cada ano. O foco global é sempre violência letal relacionada com a juventude, mas com abordagens temáticas diferenciadas: mulher, América Latina, acidentes de trânsito, infância e adolescência, armas de fogo, novas tendências etc. Desde 2012, início da articulação dos Mapas com a Flacso, já foram divulgados sete Mapas com temáticas diferenciadas.” Extraído de <http://flacso.org.br/?project=mapa-da-violencia> consultado em fevereiro 2022

<sup>35</sup> Segundo o próprio relatório, utiliza bases de dados oficiais e suas finalidades são: I) sistematizar e refletir sobre avanços e recuo da equidade racial e de gênero no país, em seus diversos aspectos; II) constituir uma referência para estudiosos e militantes do tema; III) contribuir para a formulação, aplicação e avaliação de políticas públicas, sejam as sociais em geral, sejam as de promoção da equidade dos grupos de cor ou raça; IV) servir como meio de divulgação das condições de vida da população brasileira, desagregada pelos grupos de cor ou raça e sexo; V) formular denúncias e alertas visando reverter situações de sofrimento e privação enfrentadas pelos afro-descendentes brasileiros. Relatórios extraídos de <https://sites.utexas.edu/marcelo-paixao/publications/relatorios-desigualdades-raciais/> em fevereiro de 2022.

acompanhando os anos de 2007-2008 e depois 2009-2010, apontava de maneira ampla as desigualdades em desfavor dos negros em campos variados, como mercado de trabalho, políticas de saúde, acesso à educação, condições materiais de vida, acesso à previdência, tratamento dos casos de racismo. Essas desigualdades constatadas pelos estudos sempre reforçam a ideia denunciada há anos pelo protesto negro. Como bem observa Rios (2014):

“(...)A narrativa de que os negros compõem a maioria dos pobres no Brasil, atravessou as décadas reforçadas tanto pelos meios culturais e midiáticos como pela sociologia, especialmente aquela voltada para o estudo das desigualdades. Mesmo tendo sido relativamente freada durante o regime militar, não só porque o “milagre econômico” criou certo sentimento de otimismo no país, mas, sobretudo porque informações sobre a cor não foram coletadas pelo IBGE na década 1970, com o retorno democrático e com as manifestações sociais, esse tema voltaria à cena. (...)”<sup>36</sup>

Tais constatações põem à mesa a grande questão sobre o porquê desse desencontro entre os caminhos dos estudos urbanos e questão racial. A questão fica ainda mais intrigante quando vemos que os protagonistas dos estudos urbanos não ignoravam por completo o papel da raça na construção do espaço urbano. Isto ficou expressamente demonstrado no trabalho de Caldeira (2011; 1ª ed. 2000), esta chegando mesmo a citar as pesquisas de Carlos Hasenbalg em sua obra e reconhecer que essas constatações poderiam dar explicações sobre as questões sociais brasileira. Mas vemos também os estudos de Rolnik (1997) que ao se debruçar sobre a história da legislação urbana da cidade São Paulo demonstra o processo de banimento de populações negras das áreas que originalmente ocupavam nas regiões centrais da cidade (Rolnik, 1997).

Não cabe aqui avançar a elucubração neste estudo sobre tal desencontro, apostamos que as observações de Barreto, Lima, Lopes e Sotero (2017) apresentem relevantes pistas do problema: em um caminho do isolamento à dispersão, por muito tempo, os estudos raciais se viram sem a devida consideração; porém passaram nas últimas décadas a ter devido reconhecimento na sociologia brasileira, provocando discussões sobre questões centrais de outras áreas de investigação (Barreto, 2017). Mas como dizem as citadas autoras, *“(...)pesquisas sobre os mais diversos e interessantes temas – como violência, pobreza, cidadania – foram, e ainda são, feitas sem qualquer menção à composição racial da população, ou mesmo sem qualquer*

---

<sup>36</sup> P.187



*questionamento sobre o porquê de tantos negros estarem mais expostos à violência, sem acesso ao ensino e vivendo em condições precárias.”<sup>37</sup>*

Esse hiato entre a narrativa dos estudos de raça e os estudos urbanos que se debruçaram sobre a ideia de periferia sofrerá grande modificação quando esta palavra passa a ser mobilizada por quem a vê “de dentro”. A seguir, veremos como o movimento hip hop serviu de ponte para o encontro das formulações dos campos de estudos raciais e urbanos.

---

<sup>37</sup> P.133

## CAPÍTULO 3 – A periferia vista de dentro

- Quem gosta de poesia?

- Ninguém, senhor.

Aí recitei “Negro Drama” dos Racionais.

- Senhor, isso é poesia?

- É.

- Então nós gosta.

É isso. Todo mundo gosta de poesia.

Só não sabe que gosta.

(Na fundação Casa, Sérgio Vaz)

### 3.1. Introdução

Como se viu, o termo periferia reúne temas específicos de atenção e recortes de estudos urbanos. No capítulo 2, buscamos fazer uma apresentação da concentração desses interesses de acordo com períodos, o que chamamos de ciclos. Tais enfoques, ainda que não determinem o pleno sentido do termo, o dotarão de carga significativa que se agrega à ideia central de periferia. Em outras palavras, esses estudos refletirão o que vem à mente quando se pensa em periferia. Mais ainda, esses enfoques também indicarão quais cargas significativas não estarão agregadas à ideia de periferia. Refletirão o que não vem à mente quando se pensa em periferia, como é o caso da raça.

Nesse sentido, os caminhos percorridos pelos estudos urbanos parecem não considerar a ideia de raça enquanto elemento estrutural para explicar os fenômenos que envolvem a ideia de periferia. Na onda de estudos iniciada em no anos 2000, vimos que o elemento racial não é desconhecido pelos estudiosos, os quais aparecem nas próprias etnografias e entrevistas traçadas. Porém, não são empregados como chave para a explicação dos processos estudados.

No entanto, como também visto, a utilização do termo periferia não é apenas acadêmica, sendo também de uso coloquial. Como revelam os próprios autores dos estudos urbanos, especialmente do primeiro ciclo, periferia é uma palavra utilizada por políticos e pelos próprios moradores dessas regiões. A partir disso, é possível crer que os significados são informados mutuamente, ou seja, os usos acadêmicos e coloquiais irão se influenciar quanto às ideias que informam o conceito de periferia. Isto não significa que terão emprego de significados idênticos. Na verdade, vemos o contrário. Embora a palavra traga uma zona de intersecções quanto ao conjunto de ideias que a representam, o uso coloquial carrega também os seus signos específicos.

Parte daí, ao nosso ver, a grande inovação trazida por movimentos culturais periféricos. A partir do fim da década de 80, o movimento hip hop foi aos poucos se apropriando da ideia de periferia fazendo sua própria organização a respeito das ideias a que orbitam o termo. Essa ressignificação espalhará, principalmente a partir dos anos 2000, para outras manifestações culturais oriundas das regiões ditas de periferia, informando também os saraus periféricos, os estudos urbanos e, mais a frente, políticas públicas.

Assim como nos estudos urbanos, o termo utilizado no hip hop mobilizará as ideias de mazelas urbanas, potencialidade de ação política, violência e criminalidade, porém, trará novas ideias no que tange a autoafirmação orgulhosa da identidade periférica. Mas, principalmente, com um certo ineditismo, atribuirão uma densa carga de racialização da experiência periférica.

Consideramos essa a visão como *de dentro*, em oposição à visão de fora. Basicamente, o diferencial para traçarmos essa dicotomia é a ausência da academia como intermediária da interpretação da ideia de periferia. Essa expressão também dialoga com a posição dos próprios rappers, que por viverem nos territórios periféricos e experimentarem seu cotidiano ao longo da vida, reivindicam uma maior legitimidade para descrevê-la, de modo que seriam aqueles verdadeiramente capazes de darem um depoimento autêntico.

“Então, quando o dia escurece, só quem é de lá sabe o que acontece”, é o que o Racionais MCs cantarão em uma de seus primeiros hits, *Pânico na Zona Sul*, mas em muitos outros raps se percebe essa mesma ideia. Como trataremos adiante, tal legitimidade avocada para descrever a periferia constituirá um

elemento importante na identidade e receptividade dos praticantes do hip hop dentro de seu movimento.

Veremos neste capítulo como a ideia de periferia se desenvolve no movimento hip hop e então se entrelaça com a ideia de raça.

Nos dois primeiros tópicos apresenta-se um pouco da história do Hip hop nos EUA e no Brasil, respectivamente. Isso pois acredito que a história de formação do mesmo tem dois pontos relevantes, sendo o primeiro a explicação do encontro entre a produção cultural e o elemento racial; o segundo a relação entre o elemento cultural e a produção política pelos grupos envolvidos no hip hop.

O terceiro tópico tratará propriamente da articulação promovida pelo hip hop paulistano entre a ideia de raça como um componente do termo periferia. Este tópico também demonstra as consequências políticas dessa construção narrativa para o movimento negro organizado e movimentos da juventude periférica.

### **3.2. Hip hop: pioneiro na visão de dentro**

O hip hop<sup>38</sup> em São Paulo é o movimento que desponta como vanguardista na utilização ressignificada do termo periferia. São diversos os estudos que demonstram que o discurso mobilizado pelas letras de rap irão dar novos contornos a questões sociais que estão em voga no debate público (Guasco, 2001; Félix, 2005; D'Andrea, 2013; Carril, 2009; Rios, 2014; Ramos, 2021).

Há muitos estudos que tratam do tema do hip hop, nos mais diversos ramos das ciências humanas. Uma visita a esses trabalhos podem representar uma riquíssima fonte de conhecimento a respeito do movimento, sua trajetória e suas formas de manifestação. Ainda assim, dada a fortíssima conexão que guarda com o movimento de literatura periférica, antes de adentrar na linguagem

---

<sup>38</sup> Oriundo de comunidades negras de Nova York, nos Estados Unidos, o hip hop tem seu início no Brasil em meados dos anos 80 em São Paulo. Aparecem nos bailes blacks (existentes desde a década de 1970) e logo tem o seu ponto de encontro transferido para a região central da cidade onde muitos jovens frequentadores dos bailes blacks se encontravam inclusive para divulgação das festas, primeiro República e depois São Bento (Taperman, 2015; LEAL, 2007)

mobilizada para descrever a periferia, cabe alguma contextualização do hip hop e sua trajetória na cidade de São Paulo.

Cabe aqui a advertência de que a narrativa sobre a história do hip hop, do rap e das posses de hip hop possuem muitas versões com variações sutis e outras mais destacadas a depender da fonte. Aqui buscamos pinçar pontos relevantes para a compreensão do hip hop e de sua assimilação da narrativa racial, tendo sempre como premissa fazer uma análise cujos fatos específicos, em suas diferentes versões, não afetem a conclusão.

Pode se definir o Hip Hop como uma cultura de rua marcada por hábitos de vestimentas, comportamentos, manifestações artísticas e, em muitos momentos, guiada por uma determinada ética. Assim como o termo periferia, nos dias de hoje é improvável, ao menos nos meios urbanos brasileiros, que o termo não seja minimamente conhecido.

No seu início, o hip hop era uma cultura de nicho tanto no seu território de origem nos EUA como no Brasil, cultivada apenas por uma juventude majoritariamente negra e socialmente excluída. Hoje, porém, o hip hop influencia a cultura mundial nos mais diversos ramos, como da música, da moda, das performances masculinas e femininas, da indústria cinematográfica, da cultura pop. É possível afirmar que esteja entre os fenômenos que mais influenciam os hábitos culturais e de consumo do mundo globalizado.

Esse movimento cultural tem uma ampla gama de influências prévias, muitas delas relacionadas à cultura negra produzida pela diáspora. Essas torrentes de elementos culturais encontraram plenas condições de se desenvolver em algo novo na cidade de Nova York, no bairro do Brookling, a partir do início da década de 70. A essa confluência de elementos negros também se acrescentou contribuições de outros grupos étnicos, como os de porto-riquenhos. Da mesma forma, a migração interna da população negra estadunidense do campo para cidade também trouxe elementos importantes. Os hábitos de jovens em áreas pobres de Nova York, muitos deles filhos de migrantes e imigrantes caribenhos e latino-americanos, foram paulatinamente se agregando até haver um bloco identificável como uma nova tendência cultural.

As heranças mais imediatas e identificáveis do Hip Hop foram o estilo *funk* (este, muito propagado por James Brown), a cultura jamaicana das festas de *sound system*, a estética lançada pelos Panteras Negras. Mas também poderiam

ser citadas diversas outras influências, como o *soul*, o *jazz*, as *worksongs* das plantações de algodão, o *spiritual* que se desenvolvia nas igrejas protestantes e até mesmo o kung fu que se popularizou nos bairros negros no pós Guerra do Vietnã<sup>39</sup>. No caldeirão do Brooklyn do início da década de 70 efervescia uma mistura decorrente da quantidade imensa de contribuições vindas de todos os lados que aos poucos se incorporaram em um bloco coeso, cultuado e praticado por uma vasta gama de jovens dos cantos deteriorados, empobrecidos, violentados e discriminados de Nova York.

A realização de festas nas ruas por Cool Herc, Afrika Baambata e Grandmasterflash<sup>40</sup> inauguravam a nova tendência para lazer e apresentação das novidades, mas também representava uma tentativa de reduzir a violência nos bairros pobres, decorrentes principalmente da disputa entre gangues. Assim, as diferenças normalmente resolvidas em luta física eram incentivadas a serem, a partir de então, objeto de rivalidade na dança e na música.

O ritmo musical, o estilo de dança, os hábitos e práticas da juventude frequentadora dessas festas, foram dando forma ao que hoje é conhecido por hip hop. A cultura hip hop é formada inicialmente por quatro elementos: o DJ, o MC, os B-boys e B-girls e o Grafite, os quais foram se desenvolvendo autonomamente através da evolução de práticas artísticas, até se juntarem para compor uma só cultura.<sup>41</sup>

O DJ, disk jockey, é o responsável pelo toca discos e seleção das músicas. Muito mais que isso, ele recorta trechos de outras músicas, modifica sua velocidade, junta pedaços de sons diferentes, produzindo bases novas.

---

<sup>39</sup> Algumas fontes apontam a influência do Kung fu para o desenvolvimento da dança performática dos b-boys. Para maiores referências, recomendamos assistir o documentário *The Black Kung Fu Experience*.

<sup>40</sup> Cool Herc, Afrika Baambata e Grandmasterflash são considerados os patriarcas do hip hop, dado que as festas que organizavam com seu elementos musicais e de costume que introduziram nesse momento forneceram elementos básicos e essenciais para a formação do hip hop.

<sup>41</sup> É digno de nota que entre os mitos fundadores do hip hop está o grande saque ocorrido na cidade de Nova York, em 13 de julho de 1977 durante um apagão que durou cerca de 25 horas. Durante esse período milhares de pessoas levaram a cabo saques na cidade, oportunidade em que centenas de jovens puderam ter acesso aos equipamentos necessários para desenvolver a atividade de DJ. Esse caso permitiu a proliferação de DJs, de festas e a propagação do hip hop enquanto estilo. Visto em <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/08/15/Como-um-apag%C3%A3o-em-Nova-York-impulsionou-o-surgimento-do-Hip-Hop> e em [http://www.slate.com/blogs/the\\_eye/2014/10/16/roman\\_mars\\_99\\_percent\\_invisible\\_was\\_the\\_1977\\_nyc\\_wide\\_blackout\\_a\\_catalyst.html](http://www.slate.com/blogs/the_eye/2014/10/16/roman_mars_99_percent_invisible_was_the_1977_nyc_wide_blackout_a_catalyst.html)

Inicialmente, o DJ era responsável por tocar as músicas e também animar a festa falando ao microfone. Porém, dada a dificuldade de executar ambas as tarefas, pouco a pouco foram se desacoplando, dando origem ao MC, o *master of ceremonies* (mestre de cerimônias) que é aquele responsável pelas improvisações, gritos de ordem, rimas durante a festa. Seu antecedente direto são os *toaster* das festas de *sound system* de Kingston, na Jamaica.

Nos momentos iniciais do hip hop, o MC cria versos de pronto, lançando-os ao longo da festa. A evolução do hábito levou a alguns agitadores produzirem previamente as rimas, sem uma criação espontânea. Surgem aí os rappers (Leal, 2007), uma diferenciação importante para o presente trabalho, dado que estes serão os principais porta-vozes do antirracismo no âmbito da cultura hip hop.

O break, performado por b-boys e b-girls compõe o elemento dançante do hip hop. Nas festas que proliferavam em Nova York na década de 70, o novo estilo musical foi pouco a pouco sendo acompanhado por um novo estilo de dança que incorporava inicialmente elementos do *funk*, que foram adotando passos e movimentos próprios.

Por fim, o grafite, é manifestação plástica do hip hop, através de pinturas nos muros em que os “writers” desenham imagens, mensagens, suas tags e nomes com letras de diversos estilos e cores.

Desde seu início, o hip hop tem um caráter político ao adotar a postura de busca de pacificação em territórios. Ao longo da década de 70 também foram surgindo as letras de rap que cuidavam de denúncia social e racial, mostrando-se o movimento como um importante instrumento de mobilização de um discurso antirracista<sup>42</sup>. Esse discurso politizado do rap rivaliza também com letras mais descompromissadas, lado que esperadamente é mais explorado pela indústria fonográfica. É nessa disputa que se cunha o chamado o quinto elemento do hip hop: a consciência. Esse elemento foi originalmente introduzido por Afrika Bambaata para descrever e incentivar o discurso crítico do hip hop, especialmente nas letras de rap, quando se manifestaria o protesto contra o racismo, a pobreza e seus efeitos.

---

<sup>42</sup> Uma das músicas mais emblemáticas que marca desde o início do hip hop sua proposta politicamente combativa é *The Message*, de Grandmaster Flash e The Furious Five, de 1982. A “mensagem” enviada na música e também apresentada no vídeo clipe é uma grande crítica à situação urbanística, racial e de carência material dos bairros pobres de Nova York.

Essa tendência do rap consciente (imbuído do quinto elemento do hip hop), está presente desde o início do movimento, tendo sua plena consolidação a partir do fim da década de 80 com a explosão do grupo *Public Enemy* (Teperman, 2015). Mas desde o início da década de 80, o hip hop era um fenômeno artístico consolidado e com repercussão mundial. Não tardou então para chegar ao Brasil, onde as tradições encontraram também seus caminhos e influências específicos, garantindo originalidade e potência suficiente para impulsionar uma verdadeira revolução cultural.

### 3.2.1. Hip Hop no Brasil

Um dos marcos de chegada do hip hop no Brasil não se dá nas ruas, mas sim nos salões dos bailes blacks<sup>43</sup>. Estas festas surgiram na região de São Paulo e Rio de Janeiro na segunda metade da década de sessenta, originários de festas de aniversários, casamentos e batizados em residências, com a presença de DJs (disc jockeys). Também surgem da influência de movimentos como *black is beautiful*, *black soul* e o *black power* (Félix 2005; Rios, 2014), embalados pelos ritmos musicais do *funk* e do *soul*. Essas festas atravessaram a década de 60, 70, arrefecendo a partir da segunda metade da década de 80. As maiores delas chegavam a aglomerar milhares de pessoas e, muito embora a juventude buscasse nessas festas apenas o lazer, é possível afirmar que a aglomeração da juventude negra se constituía em mais uma manifestação cultural de defesa contra o racismo (Hanchard, 2001; Guasco, 2001; Félix, 2005).

Afinal nos Bailes Blacks, os jovens negros podiam encontrar um espaço de diversão mais protegido da agressão e hostilidade racial. Ao mesmo tempo, a música, as imagens projetadas de filmes e clipes e a estética que influenciava os frequentadores contribuía para a formação de uma identidade daquela juventude, pela qual sua imagem negra era afirmada de maneira positiva, permitindo também a construção de uma maior consciência racial.

---

<sup>43</sup> Sobre os bailes blacks, trataremos mais detalhadamente no tópico 2.5. Colocamos esse momento como um dos marcos iniciais, pois entendo não ser possível afirmar que o hip hop ou o rap surgiu no Brasil a partir de São Paulo. Nesse sentido, fazemos coro à advertência de Teperman (2017) de que “(...)se a estação [São Bento] do metrô da capital paulistana foi durante vários anos o principal catalisador do hip-hop no Brasil, seria simplista afirmar que o rap nacional nasceu em São Paulo. Dezenas de cidades brasileiras viveram experiências importantes no que diz respeito aos “cinco elementos” do hip-hop ao longo dos anos 1980, 90 e 2000 (...).”, p. 43



No fim da década de 70, a novidade de Nova York começa a aparecer nos bailes black. O break é o primeiro a se popularizar, sendo então o hip hop percebido como como uma nova forma de dançar. Sua primeira popularização se dava por campanhas publicitárias e também pela utilização de dançarinos nos clipes de Michael Jackson, um dos artistas mais famosos do mundo à época (Teperman, 2015). Da mesma forma, os raps que chegam a esses bailes são encarados como uma espécie de *funk* falado, o que acaba por gerar o apelido de funk “tagarela”. A chegada de filmes no Brasil apresentando a cultura do hip hop também foram difundindo a coesão dos elementos (Guasco, 2001; Leal, 2007; Félix, 2005; Teperman, 2015).

Conforme o estilo foi se popularizando, foi se estabelecendo uma relação ambígua entre os organizadores dos bailes blacks e os hip hoppers. O novo estilo, em parte, influenciava o público dessas festas, mas também estabelecia diferenciações de comportamentos contrastantes. Ademais, algumas letras e atitudes dos rappers, com um estilo mais agressivo, trazia o receio dos organizadores das festas de que aquilo poderia representar aumento de confusões e conflitos, algo que afetaria o equilíbrio cuidadosamente construído do espaço. Outro contraste que ia surgindo é que entre adeptos da nova cultura estava uma juventude sem dinheiro para pagar a entrada no baile. Havia ainda a necessidade dos b-boys precisarem de muito espaço para dançarem, por exemplo, o que se inviabilizava com os bailes lotados.

Essas dificuldades caminhavam em paralelo com interesses comerciais dos bailes, os quais algumas vezes promoviam concursos de rap e, principalmente de break. Ao mesmo tempo, havia rappers que se adequavam melhor ao estilo dos salões, com rimas mais descontraídas, algumas em tom de brincadeira. Nesse período o hip hop ainda engatinhava e procurava seu caminho de firmamento na cena paulistana. O ponto de inflexão foi quando o movimento passou a migrar para as ruas. Os dançarinos passaram a se encontrar na região central de São Paulo por volta de 1983.<sup>44</sup> Essa cisão

---

<sup>44</sup> Um dos responsáveis pela fixação dos b-boys na rua, e um dos principais expoentes e divulgadores desse elemento e da cultura hip hop é Nelson Triunfo. Nascido em Triunfo, no interior de Pernambuco, tendo contato em sua cidade com diversas tradições musicais e dançantes, toma contato com o hip hop nos salões de bailes blacks em São Paulo no fim da década de 70, sendo uma figura decisiva para a popularização do break. Chegou mesmo a participar da abertura de uma novela da Globo, *Partido Alto*.

representará também o momento que aquela juventude passa a compreender a suas manifestações como uma cultura única com elementos característicos.

Os encontros iniciam-se na região do Centro Velho em frente ao Theatro Municipal, indo em seguida para a rua Barão de Itapetininga para finalmente se firmar na rua 24 de Maio. Nesse ponto estabeleceram boa relação com donos de lojas de disco, mas era mal vistos pelos demais lojistas. Posteriormente passaram então a se organizar na estação São Bento do Metrô. Lá, diversas gangues de hip hop se encontravam e, entre desentendimentos e negociações, as gangues conseguiram se organizar melhor e obter o reconhecimento<sup>45</sup> para ocuparem aquele espaço (Guasco, 2001).

Entre evoluções e crescimento, entendimentos e desentendimentos (entre os grupos e dos grupos com o poder público), o ponto de encontro da São Bento passa por uma cisão, e um grupo de hip hoppers passa a se encontrar na praça Roosevelt. No novo local de encontro, há uma grande concentração de rappers, muito embora também se encontrem praticantes dos outros elementos. Nesses encontros, os jovens praticavam sua arte e discutiam as novidades. Buscavam maior informação sobre o movimento nos EUA, cultura negra e problemas sociais brasileiros. Estamos aqui no final dos anos 80 e esse período coincide com a ascensão nos EUA de grupos como NWA e Public Enemy, comprometidos com a denúncia racial, especialmente a violência policial (Guasco, 2001). É nesse período, mais precisamente no ano de 1988, que se funda a primeira posse na cidade de São Paulo, de nome “Sindicato Negro”.

As posses são agrupamentos de praticantes do hip hop em qualquer um de seus quatro elementos/modalidades. Um grupo, ao se juntar de maneira regular e organizada para a prática do hip hop com o comprometimento de difundir sua cultura, são identificados como uma posse. São nesses espaços que se desenvolvem as discussões para a linha ideológica do hip hop e a orientação para a cultivação do quinto elemento.

Apesar da inegável identidade negra, com a autoafirmação em seu nome, a posse Sindicato Negro, em seu início, não traz grande destaque para a problematização das relações raciais no Brasil. Parece que a mudança de chave ocorre no ano de 1990, a partir de episódio narrado por Félix (2005): diante das

---

<sup>45</sup> Reconhecimento relativo, pois não passavam ilesos a questões com polícia e seguranças do metrô.

constantes batidas policiais injustificadas contra os frequentadores da Praça Roosevelt, um dos participantes da posse, Clodoaldo, narra os acontecimentos para seu pai, Antônio Carlos de Arruda, militante do movimento negro e advogado da ONG “Geledés: Instituto da Mulher Negra”. A partir desse momento, inicia-se o encontro entre a posse e o Geledés, quando os hip hoppers iniciavam seus contatos com as reflexões do movimento negro (Rios, 2014).

O Geledés cedeu uma sala de sua sede para encontros de discussão sobre a questão racial no Brasil, os quais começaram com duas dezenas de pessoas e, com o passar do tempo, o espaço não comportava mais os participantes.

O Sindicato Negro é apontado como a primeira posse de São Paulo (Félix, 2005; Tapperman, 2015). No entanto, não demorou muito para outras surgirem, tanto por desmembramento ou influência do Sindicato Negro como por iniciativa própria, como Conceitos de Rua, na Zona Sul; Força Ativa, na Zona Norte; Hausá, em São Bernardo do Campo; Aliança Negra na Cidade Tiradentes; Negroatividade, em Santo André. Essas posses continuaram a tradição de discutir a questão racial e se aproximaram de outros grupos políticos negros, como o Movimento Negro Unificado, estabelecendo um importante fluxo de troca de ideias.

Ao contrário do Sindicato Negro, as novas posses surgiram nos bairros periféricos. O reposicionamento é decorrente das próprias dificuldades impostas para dos participantes se deslocarem para o centro. É importante observar que, no momento imediatamente anterior à formação dessas posses, o prefeito Jânio Quadro implantava uma política de remoção de favelas da região central, enviando seus moradores para às regiões periféricas, período em que também se iniciou um processo de ocupação progressiva de áreas de mananciais na região das represas Guarapiranga e Billings (Félix, 2005).

O surgimento das novas posses evolui com a gradativa dissolução do Sindicato Negro, tanto pelo processo de profissionalização dos rappers como também pelo próprio movimento em direção às periferias. Essa intensificação de atividades nas regiões periféricas marca o início também de deslocamento do eixo discursivo do hip hop. Na observação de Guasco (2001) “(...) *Se inicialmente era mais comum encontrar uma música cuja narrativa descrevia o cotidiano vivido na região central da cidade, em pouco tempo isso vai se tornando cada*

*vez mais raro, de forma que o cotidiano local das periferias vai se fixando como eixo dessas narrativas.*"<sup>46</sup>

Do período de gestação do hip hop, passando pelas formações das posses, fato que ocorreu concomitante e gradativamente foi o processo de autonomização do rap. Os rappers foram ganhando destaque, seja por investimento da indústria fonográfica seja por seu maior alcance do grande público. Com esse processo, os rappers foram também se tornando os porta-vozes do antirracismo gestado no hip hop.

As formulações, apesar de originais e seguindo caminho próprio, como se vê, tiveram sua experiência gestada nas posses, que contaram não apenas com a influência dos EUA, mas pelos próprios interesses dos jovens praticantes (em sua maioria negros) e por associações com discursos gestados no âmbito do movimento negro brasileiro, ou ONGs como a Ação Educativa. Fato é que os rappers mantiveram a matriz discursiva antirracista enquanto faziam o movimento de aproximação do discurso a respeito da periferia.

#### **3.4. O hip hop, o rap, o discurso antirracista da e da periferia**

*“Eu não li, eu não assisti  
Eu vivo o Nego Drama, eu sou o Nego  
Drama  
Eu sou fruto do Negro Drama”  
(Mano Brow, Racionais MCs, da música  
Negro Drama)*

A contextualização acima buscou não apenas trazer algumas definições a respeito no hip hop, mas também traçar um brevíssimo esboço da genealogia do conteúdo racial do discurso político desse movimento. Feito esse histórico, cabe agora analisar como o hip hop passou a trabalhar o termo periferia junto com as questões raciais que já eram trabalhadas no movimento desde seu início.

---

<sup>46</sup> (P.67) Como informa Guasco, não há muitos registros desse primeiro momento em que as letras de rap descreviam o centro, no entanto, a música “Centro da Cidade”, de MC Jack, DJ Ninja e A.G. Naja, constante do disco *Hip Hop, Cultura de Rua*, uma das primeiras gravações de rap nacional, representa um bom exemplo dessa primeira tendência.

Antes de seguir, é importante estabelecer melhor a diferenciação já trazida à tona que se estabelece entre o rap e o hip hop. Embora em alguns momentos sejam tratados como sinônimos, em verdade, o rap é um estilo musical oriundo da conjugação de dois elementos do hip hop, o MC e o DJ<sup>47</sup>. Dessa forma, o rap não é parte fundamental do hip hop, o qual inclui todos os seus elementos (Félix, 2005).

Como vimos, o rap foi se tornando autônomo em relação ao hip hop conforme evoluía, o que se completou com a profissionalização dos artistas e sua penetração no mercado fonográfico e no grande público. Enquanto estilo musical, natural esperar que nem toda vertente do rap se enveredasse por um discurso político. Entretanto, a versão que acabou prevalente no Brasil, em termos de público e difusão, foi o *gangsta rap*<sup>48</sup>, que se caracteriza justamente por seu tom pesado e de denúncia social, através da qual se cultivarão e formarão os sentidos do termo periferia.

O ponto aqui tratado cuida principalmente do léxico promovido pelo *gangsta rap*, mas isso não implica em desconsiderar a contribuição de todo o movimento hip hop. Afinal, como se demonstrou, a formação política do discurso do rap se deu a partir das influências e construções oriundas das posses.

Percebemos que ao logo da década de 1990, o movimento hip hop forjou uma linguagem própria, dotada de potente discurso que envolvia a questão racial, mas também a descrição do cotidiano das regiões em que viviam seus praticantes. Com deslocamento das posses do centro para a periferia, há também uma modificação da realidade narrada nas músicas.<sup>49</sup>O novo discurso,

---

<sup>47</sup> Muitas vezes utiliza-se apenas o MC, posto o DJ é substituído por uma banda musical. Run-DMC é o grupo que iniciou essa tendência no começo da década de 1980.

<sup>48</sup> Segundo a definição de Teperman: “De maneira geral, pode-se dizer que o *gangsta rap* é caracterizado por batidas pesadas e sombrias e letras politicamente engajadas e agressivas, retratando os aspectos mais duros da realidade social em comunidades desprivilegiadas. Uma palavra é recorrente, tanto nas letras quanto nos discursos dos rappers brasileiros para falar sobre o comportamento *gangsta*: “proceder”. Segundo o antropólogo Alexandre Pereira, a palavra sugere “um repertório próprio de modos de agir de postura corporal, de fala, de gírias, de vestimenta e de outras referências comuns, remetendo a dois significados: o de procedência (de origem, de proveniência) e o de procedimento (de modo de portar-se, enfim, de comportamento)”. Ainda que a definição do rap de estilo *gangsta* seja flutuante, parece haver um código moral e de conduta que orienta a atuação dos MCs.”, p. 97

<sup>49</sup> Como indica Guasco (2001), não há muitos registros a respeito dessa primeira fase em que as letras de rap tratam do cotidiano e realidade do centro, mas um bom exemplo pode ser encontrado no disco *Cultura de Rua*, com a música *Centro da Cidade*.

passou a se preocupar com as questões próprias dos bairros, mantendo o espírito crítico que já se colocava desde a fundação da posse Sindicato Negro.

É nesse momento que o movimento hip hop passa a se firmar como instância discursiva concorrente à academia em relação aos enunciados sobre periferia. O deslocamento discursivo territorial não significou, entretanto, o abandono da questão racial. Na verdade, algumas posses buscaram aprofundamento a respeito do protesto negro, como a Posse Força ativa que, após reformulações, passou a manter contanto com o Movimento Negro Unificado.<sup>50</sup>

A partir dessa constatação, é válido nos debruçarmos sobre o sentido de periferia construído pelo movimento hip hop.

Como dito, a descrição da realidade periférica coincide com a dispersão dos rappers da região central para as áreas mais afastadas. Com essa mudança, essencialmente, pode se afirmar que o sentido de periferia atribuído pelo hip hop manteve os significantes já decantados pelos estudos urbanos ao longo dos ciclos descritos no capítulo 2, especialmente em relação às mazelas: a falta de infra-estrutura e equipamentos urbanos, as dificuldades de locomoção para a região central onde a maioria trabalha, o contraste com as áreas nobres onde há pujança e bem-estar, a violência. No entanto, o giro é dado quando esses novos narradores aliam as tradicionais características do termo aos problemas sócio raciais que ali se estabelecem. Continuam as ideias já produzidas no estudos urbanos, mas novas camadas são adicionadas.

Guasco (2005), estudando a construção da identidade e representações da sociedade entre os rappers, afirma categoricamente a importância fundamental que o rap teve na renovação do discurso sobre a identidade negra no Brasil e a popularização da discussão racial, ao mesmo tempo que *“conseguiu construir um orgulho da periferia, apresentando-a de uma forma bem mais vigorosa e menos nostálgica do que aquela cantada por outras gerações, em músicas que enalteciam a vida no “morro”*.<sup>51</sup> Essa afirmação sintetiza a transformação produzida pelo rap, mas ainda fica a pergunta sobre as características específicas dessa renovação.

---

<sup>50</sup> Conforme relata Nando Comunista na entrevista dada para o Centro de Pesquisa e Documentação Histórica Guianás em <https://www.youtube.com/watch?v=RvnqLOlgt8>

<sup>51</sup> P.116

Em relação às ideias de pobreza e violência tão bem caracterizadas pelos estudos urbanos, o hip hop e o rap assumem de fato esse elemento. Porém, estabelecem com eles uma nova postura, pois ao mesmo tempo que os assume, também os nega (D'Andrea, 2013). A assunção da pobreza e violência está no elemento de denúncia social das mesmas, enquanto que a negação está tanto na indicação de que ambos são produzidos por elementos exteriores à periferia como na constante demonstração de que a periferia não se resume apenas a isso.

A respeito da questão racial, a nova construção de periferia revisou a relação entre raça, pobreza e território. Sob a influência de seu intenso intercâmbio com o movimento negro, o hip hop decantou esses elementos e fez nova fórmula, onde a relação simbiótica deles na constituição de nossa sociedade não significava a diluição da raça nas ideias de pobreza e território. Com a construção da nova ideia de periferia, raça passava a ser um elemento central para explicar a pobreza e as relações postas no território.

Incluir a centralidade da raça como elemento da narrativa dá nova perspectiva sobre fenômenos como a segregação social, a discriminação contra imigrantes nordestinos, o desprezo do poder público em apresentar soluções, as mutações no mercado de trabalho decorrentes dos processos de desindustrialização e seus efeitos. Acima de tudo, a violência policial apresenta-se como uma situação cotidiana e uma das principais expressões do racismo no Brasil.

Destaca-se o fato de que o discurso racial e de denúncia do rap encontra receptividade dentro dos presídios, formando rappers intra-muros<sup>52</sup>. Há uma intensa troca de informações entre o mundo dos presídios e o exterior, com troca de cartas, recados, diretamente ou intermediados por rádios, para além de amigos e parentes que trocam informações na rotina de visitas (Guasco, 2001). Assim, a questão carcerária também passa a ser uma expressão indubitável da ideia de periferia, sendo os presídios e o encarceramento tratados como problema próprio da periferia e eminentemente racial.

---

<sup>52</sup> Dois exemplos emblemáticos são o grupo 509-E, formado pelos rappers Dexter e Afro X (que se separaram para carreira solo após a saída da cadeia) e o rapper Kaskão, membro do grupo Trilha Sonora do Gueto.

Como visto no primeiro tópico deste capítulo, Feltran (2011) já havia apontado essa íntima relação entre o sistema de internação de jovens e o território periférico, bem como suas consequências deletérias para as famílias envolvidas. Mas, no rap, tal visão se intensifica a ponto de ser possível compreender melhor o sistema prisional como uma extensão do território periférico, um quarto dos fundos indesejado, a que a juventude está sujeita a partir de qualquer vacilo.

Os rappers narram uma realidade dura, de maneira crua e anunciando um orgulho de viver em um meio que, apesar de sujeito a tantas provações, ainda assim é capaz de formar pessoas de trajetória heroica, de grande caráter e com relações pessoais sinceras e leais. Implicitamente a esses discursos dos rappers, percebe-se a invocação de uma legitimidade mais autêntica para se enunciar narrativas da periferia, dado que são eles os próprios personagens daquela realidade (Guasco, 2001). Há um discurso de fala direta e sem rodeios, o chamado “papo reto”, por meio do qual os rappers se consideram legitimados para enunciar, pois estão falando a verdade e sobre sua própria realidade, de suas vidas, de seu universo.

Como o conceito de periferia construído no rap está vinculado à ideia de identidade e legitimidade, estas são pontos importantes de avaliação para aceitação dentro do movimento. Ou seja, o discurso sobre a periferia não pode ser utilizado nem reivindicado desde que não seja de forma legítima. A mobilização do termo sem que haja quaisquer dos elementos objetivos da ideia de periferia na vida do enunciador fragiliza por completo sua legitimidade para utilizá-lo (Guasco, 2001).

Uma tendência desse tipo só pode se viabilizar através da possibilidade articulação dos elementos comuns aos territórios periféricos, mas desatrelados do aspecto territorial, de modo que rappers possam mobilizar ao menos alguns desses elementos para trata-los em suas músicas com legitimidade. Tais elementos estão fundamentalmente ligados à condição social e à raça. Logo, a legitimidade pode vir da condição de pobreza, mas também da condição racial, sendo certo que quase sempre ambas se encontram.



Desde que o enunciador siga as condutas éticas do hip hop, conhecidas como *proceder*<sup>53</sup>, é possível ter legitimidade sendo negro, é possível ter legitimidade sendo pobre, ou tendo passagem pelo sistema carcerário. É bem mais difícil obter essa legitimidade não sendo negro ou pobre.<sup>54</sup> A rede de sociabilidade do hip hop, entretanto, não exige necessariamente que o rapper seja proveniente de algum bairro periférico.

Sem dúvida, é um elemento de respeitabilidade habitar um bairro periférico, especialmente aqueles com maiores índices de violência e carência material (por ser atestado das adversidades). No entanto, a experiência de pobreza de alguém que viva em um bairro pobre, ainda que em região central, também assegura a legitimidade. Disso, possível concluir que o termo periferia é utilizado menos como uma designação territorial do que como uma condição social (Guasco, 2001).

A possibilidade de traduzir em música as desigualdades da cidade também foram possibilitadas pelas extensas redes de sociabilidade entre os participantes do hip hop, que os levaram à intensa movimentação entre bairros e pelo centro, com a conseqüente comparação com regiões distintas (D'Andrea, 2013). A sociabilidade das redes do movimento hip hop, contudo, não dispensaram a sociabilidade do próprio bairro de residência do enunciador, sendo ambas as redes de relação constantemente enaltecidas nas músicas, com referências nominais de amigos e aliados. Este aspecto das músicas reforça a ideia de periferia como uma rede humanizada que estabelece relações sinceras e positivas, atravessando, inclusive, territórios e muros dos presídios.

No universo cantado pelos rappers, a periferia é um lugar de mazelas sociais. Esta pobreza assumida, entretanto, é dada como algo deliberadamente produzido pelo antagonista da periferia, que não é propriamente o centro, mas sim aqueles que expressam alguma dimensão do poder, como a polícia, os políticos, os empresários (Guasco, 2001). A periferia no rap, enquanto termo de sentido social, reafirma a luta de classes ao expressar a todo o momento a dimensão do conflito em nossa sociedade.

---

<sup>53</sup> Sobre proceder, vide nota de rodapé n.º 47

<sup>54</sup> Caso conhecido dessa situação é o do rapper Gabriel o Pensador, que nunca logrou ter boa aceitação na comunidade hip hop, por ser considerado de classe mais alta e branco (Guasco, 2001; Teperman, 2015).

O engajamento na comunidade hip hop e de rappers ativa a necessidade de legitimidade para se cantar a periferia, o que, como dito, significa a possibilidade de reivindicar um ou alguns dos elementos dessa ideia, que são sociais, materiais, raciais e comportamentais. Do conjunto desses elementos se revela uma população injustiçada, submetida à toda forma de carência material, descaso e violência do Estado. Sobreviver a tais condições lhes ensinam a ética de comportamento e de sociabilidade que lhes formam o caráter. Essa dinâmica – pobreza, raça, reação, sobrevivência, caráter - leva Guasco (2001) a trabalhar com a ideia de um verdadeiro sentimento patriótico de periferia, pelo qual a narrativa do rap identifica o povo periférico enquanto uma população à parte, com características próprias.

Carril (2006) também analisa o mesmo fenômeno de identidade construída pelo hip hop, porém dá uma ênfase ainda maior para a questão racial ao observar a aproximação direta que é feita entre a ideia de periferia e de quilombos. Para ela, a retomada da ideia de quilombo pelo movimento hip hop - em grupos como Z’Africa Brasil - seria uma resposta à territorialização imposta, uma tentativa de uma juventude urbana estabelecer vínculos com a luta secular contra processos de segregação e exploração raciais que ainda permanecem vivos.

Esse movimento traduziria o universal para o particular, aproximando fenômenos e epifenômenos de momentos e localidades distintos. Ressaltariam assim o que é comum na luta histórica contra a opressão racista, utilizando de maneira coesa fenômenos culturais nacionais, como o quilombo, e transnacionais, evocando lideranças de lugares e momentos diversos da mesma luta, tais como Malcom X e Zumbi (Carril, 2006).

A pesquisa de Carril (2006) busca detectar a dimensão da interposição entre o conflito capital/trabalho e raça, assumindo de pronto que a experiência periférica é uma experiência racializada, o que pode ser percebido pelos discursos das letras de rap dos jovens do movimento hip hop. Embora utilize dados estatísticos para demonstrar a relação entre raça e a produção do chamado território periférico, considera as letras de rap um objeto de análise privilegiado para a compreensão dessa segregação racial.

Ela parte da constatação que as periferias são fruto de processos econômicos que, vistos por uma linha histórica, mostram que suas

consequências são a perpetuidade das condições precárias da população negra, mesmo após anos de abolição da escravidão. Para ela, em São Paulo, os territórios negros foram se constituindo e reconstituindo a partir de reorganizações territoriais urbanas ao fim da escravidão. Transformações de ordem econômicas, segregacionistas e higienistas foram estabelecendo a norma para a fixação, remoção e realocação da população negra, sempre tendo como norte localidades marcadas pela falta, pela precariedade, pelo banimento: esgotos e lixo a céu aberto, ratazanas, mobilidade deficiente, falta de serviços de saúde, equipamentos de cultura e de educação, etc. (Carril, 2006).

O fato é que essa imagem desenhada pelo movimento hip hop passou a ganhar uma ampla popularização e adesão sobre o que representaria o termo periferia. Pouco a pouco, essa narrativa vai aumentando sua influência até o ponto em que o discurso acadêmico perderia o monopólio do discurso legítimo sobre a periferia (D'Andrea, 2013).

Para D'Andrea (2013), a explosão do grupo Racionais MCs teria sido decisiva para esta mudança de preponderância da visão de fora para a visão de dentro. O grupo influenciaria o uso da palavra para além do movimento hip hop e seria uma das principais forças de expressividade da ideia de periferia tal como politicamente se expressa quando "vista de dentro".

Tal constatação vai ao encontro tanto do que presenciamos nas visitas de campo como nas respostas das entrevistas realizadas para este trabalho. Nos saraus e slams, as expressões cunhadas pelo grupo Racionais MCs são recorrentes. Do mesmo modo, quase todos os entrevistados apontam o grupo como uma de suas principais influências, inclusive para escritores periféricos de gerações mais recentes.

É certo que os racionais obtiveram um sucesso estrondoso na mídia, ultrapassando os círculos específicos do hip hop e seus consumidores usuais. O grupo se criou em 1988 após a junção, por Milton Sales, da dupla B.B. Boys, composta por Pedro Paulo Soares Pereira (Mano Brown) e Paulo Eduardo Salvador (Ice Blue) com Edivaldo Pereira Alves (Edi Rock) e Kleber Geraldo Lelis Simões (KL Jay). Seus integrantes frequentaram os bailes blacks e também as posses, tendo participado da fundação da posse Conceitos de Rua (Felix, 2005). Uma vez formado o grupo, não tardou para se alçarem como principal grupo de rap no Brasil.

As letras do Racionais MCs, compostas equilibradamente por Edi Rock e Mano Brown, captaram como uma antena uma série de sentimentos que já se formavam a partir do léxico do hip hop, além da indignação com as próprias fissuras sociais que a mídia silenciava. As músicas do grupo conseguiram imprimir letras de análise profunda dos sentidos da violência na sociedade brasileira através de recursos poéticos sofisticados e elementos técnicos perfeitamente adequados à representação da realidade que expunham (Garcia, 2004). Nas palavras de Rios (2014):

*“os rapazes sisudos, com som “quebrado” e tons graves, cantariam as temáticas e as experiências cotidianas de jovens das metrópoles. Os prosadores da periferia faziam da música seu manifesto. A começar pelo título de uma das músicas, Pânico na Zona Sul, que poderia ser lido como vetor invertido da crítica do jornal O Globo. O problema era a violência contra a periferia, e não contra as camadas abastadas da zona sul carioca. A zona sul do Rio de Janeiro era hierarquicamente oposta a designação homônima para São Paulo.”<sup>55</sup>*

O disco *Sobrevivendo no Inferno*, lançado em 1997 vendeu mais de um milhão de cópias, alçando o grupo definitivamente ao conhecimento geral do público. No ano seguinte, o disco ganha o prêmio Vídeo Music Brasil, promovido pela MTV, com o videoclipe “Diário de Um Detento”. Suas letras causaram e ainda causam grande impacto pela crueza e perspicácia da análise social que exhibe. Em 2007, figurou na revista Rolling Stones Brasil na 14ª posição na lista dos 100 melhores discos da música brasileira. Em 2018, a editora Companhia das Letras publicou o disco em forma de livro, pouco depois dele ser incluído na lista de leituras obrigatórias para o vestibular da Unicamp.

Os feitos desse disco dão a dimensão do alcance das letras do grupo. O destaque crescente no mundo do hip hop pouco a pouco espalhou para a periferia em geral e depois para camadas da classe média. Mas muito antes de sua consagração, as letras do grupo já promoviam uma revolução na gramática da população de periferia e no próprio mundo do rap.

Apesar do grande sucesso fora do próprio nicho, é certo que o Racionais MCs não precisava efetivamente da grande mídia para vender seu trabalho (Garcia, 2004). Apoiado por mais de 50 mil manos, como costumam dizer, sua circulação se dá pelos membros da pátria periférica forjada no hip hop, o que permitiu ao grupo, inclusive, optar por se manter afastado de contato mais direto

---

<sup>55</sup> p. 189

com grandes veículos de comunicação.<sup>56</sup> É praticamente impossível encontrar um grupo de rap nacional que não tenha ao menos uma música que não faça referência a algum refrão de letras dos Racionais. Como também os escritores periféricos admitirão nas entrevistas, de fato o rap (em especial o Racionais) influenciará seu léxico sobre a descrição da periferia e da ideologia antirracista. Para o poeta periférico Santos Drummond, de 22 anos de idade, e que tem o Racionais MCs entre suas influências, o disco *Sobrevivendo no Inferno* é um “*grande material histórico, sociológico, filosófico também, político e uma série de outras denominações que poderiam se encaixar bem também. Porque aquilo deu um norte para as pessoas(...)*”<sup>57</sup>.

### **3.5. Uma categoria social antirracista**

O capítulo buscou apresentar a reformulação o hip hop promoveu no conceito de periferia. A voz do hip hop trará a novidade de ressignificar o termo periferia, mantendo seus sentidos de negatividade e carência material, mas acrescentando também cognições positivas e de afirmação racial.

A fórmula utilizada pelo movimento hip hop mobilizando a condição territorial, racial e de classe influenciou toda uma nova vertente cultural que eclodia no início dos anos 2000 nos territórios pobres da cidade de São Paulo. Não tardaria para outras linguagens culturais periféricas passarem a utilizar também o termo periferia dentro dos sentidos gestados pelo hip hop e propagados pelo rap, especialmente pelo Racionais MCs. O uso perpetuará os novos significados e a denúncia do racismo, o orgulho negro e a convocação para luta antirracista passam a constituir o significado de periferia de maneira definitiva<sup>58</sup>.

Como visto no tópico 2.5 do capítulo 2, tem sido um desafio da agenda dos estudos raciais impedir que a dimensão racial seja diluída pelo conflito social,

---

<sup>56</sup> Há muitas referências sobre esse ponto, mas também é fato notório para quem acompanha o grupo que eles se negam a serem entrevistados por grandes veículos de comunicação, em especial, Rede Globo.

<sup>57</sup> Entrevista realizada pelo autor com o poeta em julho de 2021

<sup>58</sup> Importante observar que a utilização do termo periferia conforme aqui tratado também rivaliza com o significado apresentado pela indústria do entretenimento. Esta, teria se apropriado da idéia de periferia e depurado a mesma de seu conteúdo crítico para dar apenas um senso estético estereotipado, retratando a periferia como uma espécie de universo à parte, onde habitam figuras negras e o caos e a violência prosseguem de maneira incontornável e incontornável (D’Andrea, 2013; Feltran, 2011).

cujo mito da democracia racial ainda cumpre importante papel. O hip hop, através da relação que estabelece com movimento negro e por suas próprias formulações, decanta essa mistura entre raça e classe para a reconfigurar.

O rap propagará as novas ideias formulando um discurso coeso a respeito da ideia de periferia, o qual será predominante a partir dos anos 2000. Raça e classe se apresentarão umbilicalmente ligadas, porém a raça comporá elemento central na compreensão das desigualdades de classe e o racismo um elemento expresso em todas as manifestações de desigualdade da violência cotidiana, especialmente a violência e a exclusão. Esse discurso influenciará a nova onda de manifestações e coletivos culturais que estavam para eclodir naquele momento, formando a ideia de periferia que se propaga até o presente.

Em resumo, podemos afirmar que o movimento hip hop e o rap foram a principal força de ressignificação do termo periferia, trazendo uma visão a partir “de dentro”, ou seja, descrita pelas próprias pessoas que habitam e formam a periferia, sem intermediações. Essa visão contrasta com aquela mediada pela academia (a partir “de fora”) principalmente quanto às novidades que acrescentou.

Entre os elementos adicionados, podemos destacar:

- i) o racismo enquanto componente essencial das relações sociais no Brasil e de produção da pobreza;
- ii) o território periférico, enquanto ponto atrativo de violência racializada;
- iii) denúncia social crítica, mas de uma posição ativa e potente, o que significa a enunciação da potencialidade criativa da periferia e sua força de reação (tendo a violência como uma alternativa), a força de consumo, e força da periferia enquanto herdeira de uma luta histórica contra opressão do negro e de uma tradição transnacional de antirracismo<sup>59</sup>;
- iv) um senso de identidade entre os moradores da periferia, cujas adversidades que lhes são impostas, quando superadas, permitem a formação de um caráter heroico e moralmente superior.

---

<sup>59</sup> Esse aspecto é especificamente muito bem explorado por D’Andrea (2013).

Por fim, é importante notar que, diferentemente da forma como é utilizada pelo que consideramos a visão de fora, a periferia, no discurso do rap, passa gradativamente de uma referência espacial para uma categoria social. Ou seja, a periferia não se refere mais tão somente a uma localidade específica, mas sim a um conjunto de atributos não necessariamente ligados a um espaço específico de regiões mais afastadas.

Há uma questão que ainda permanece é o fato de que no ciclo identificado ao longo da década de 80 no segundo capítulo, os estudos urbanos identificam a periferia enquanto espaço de potência política, apontados mesmo como a principal matriz do novo sujeito político. Isto coloca a ideia de periferia já naquele momento como uma categoria que extravasa a mera indicação territorial. É também uma leitura que traz significantes positivos a ideia de periferia, de modo que não podemos afirmar que o hip hop inova plenamente nesse ponto. Mas a outras considerações a serem feitas a este respeito.

A primeiro é que aquele momento parte de uma realidade não mais existente para juventude que compõe o hip hop, como apontado nos estudos de Caldeira (2000), Telles (2006) e Feltran (2001), no segundo capítulo. Dessa forma, o vínculo das relações sindicais e organizações de bairro não estão mais presentes, assim como a base formada a partir das comunidades religiosas da teoria da libertação.

Segundo, os questionamentos sociais considerados não continham o racismo entre suas bases, ao menos como analisado naquele período. Esse questionamento estava presente no âmbito das organizações negras, mas serão justamente elas que contribuirão para formação do léxico do hip hop. Destaca-se aqui o papel do Movimento Negro Unificado – MNU, que se iniciou em 1978 e presenciou o surgimento do movimento do hip hop, travando conexões com este.

Uma terceira questão é que para a geração do movimento hip hop, ao menos nas visões mais propagadas, o mundo do trabalho não é propriamente apontado como uma saída (D'Andrea, 2013), mas sim como um lugar de exploração e humilhação. Desse modo, embora os rappers se posicionem expressamente no sentido de desincentivar o enveredamento para o mundo do crime, essa escolha não é propriamente condenada, uma vez feita. Em verdade, é compreendida um dos possíveis aspectos de reação contra o sistema.

Nesse sentido, a potencialidade de reação se dá como uma mobilização pragmática destinada a um fim. Há a enunciação de um discurso político, indicando que a potencialidade de reação compõe a periferia. Essa reação pode ser política, pela arte, pelo consumo, mas também pela violência (D'Andrea, 2013)

Logo, o hip hop não inova em acrescentar a camada positiva de reação e mobilização política. Porém essa abordagem de potencialidade política será adotada de forma completamente diferente. Vale, inclusive lembrar que os membros do movimento hip hop se identificavam enquanto membros do movimento negro e não raro assim atuaram (Félix, 2005; Ramos, 2021)



## **CAPÍTULO 4 – A literatura periférica e o antirracismo**

### **4.1. Introdução**

Com as discussões prévias, procurei apresentar marcos históricos importantes para a utilização do termo periferia. Através desse percurso, quis identificar a assimilação do discurso antirracista dentro da ideia de periferia. O termo, inicialmente utilizado no meio acadêmico, foi pouco a pouco sendo apropriado pela juventude moradora da periferia e divulgado principalmente através dos movimentos de cultura, dos quais o movimento hip hop foi a vanguarda (D'Andrea, 2013). Finalmente chegamos, então, à literatura periférica.

Na introdução do trabalho, foi apresentada que as entrevistas se deram a partir da amostragem em bola de neve. Neste momento, vale algumas considerações a respeito desse processo.

Talvez, o mais marcante deles tenha sido o advento da pandemia de COVID-19, que implicou no fechamento dos espaços de saraus e slams e trouxe um enorme empecilho para o encontro presencial com potenciais entrevistas. Com o avanço do tempo e a percepção de que a reabertura dos espaços não viria tão cedo, optei por tentar fazer as entrevistas pela via remota, o que se mostrou bastante viável.

Não descarto que a utilização do meio virtual possa ter afetado em alguma medida a reação e respostas dos entrevistados. Por outro lado, as conversas se mostraram bastante descontraídas com os entrevistados bastante à vontade para tratarem das questões realizadas. Diria que o próprio processo de minha evolução como entrevistador tenha sido mais relevante para obtenção de respostas para os questionamentos deste trabalho do que propriamente o meio pelo qual se realizou a conversa. Digo isso, comparando as entrevistas realizadas remotamente com duas entrevistas que realizei pessoalmente, de Cocão Avoz e Akins Kinté (esta última, após mais de uma hora e meia de entrevista, tive dificuldade de chegar ao ponto que gostaria).

Em relação às visitas aos espaços, certamente visitei um número aquém do que gostaria, porém, felizmente, ainda assim, pude visitar diversos saraus e slams que me permitiram ter uma ideia importante a respeito do meio. Minhas impressões a respeito dos saraus e slams estão colocadas conjuntamente com a revisão bibliográfica posta no primeiro capítulo. Alguns aspectos, complementei nas entrevistas, especialmente tentando interpretar melhor como opera o antirracismo neles, segundo a compreensão dos entrevistados. Este, será um dos pontos que buscarei apresentar aqui.

Devo dizer que, de modo geral, a possibilidade de entrevista foi bem recebida pela maioria dos entrevistados. Obtive sucesso com a maioria daqueles que procurei, e acredito que alguns fatores contribuíram para isto. O primeiro deles se relaciona com as fontes iniciais. Como dito na introdução do trabalho, para chegar nos entrevistados, iniciei por duas fontes que foram as pela ponte para os demais entrevistados. Acredito que a posição de fiança prestada por Tata e Jenyffer em relação a minha pessoa certamente incentivou os entrevistados a colaborarem com a pesquisa.

Para além disso, acredito que o fato de eu ser uma pessoa negra e militante do movimento negro organizado também foi bastante considerado pelos entrevistados (ponto este que provavelmente foi apresentado por Tata e Jenyffer ao me introduzir). Ambos os fatores foram expressados por alguns dos entrevistados, especialmente os que se declaram negros.

Vale acrescentar que também utilizei como fonte inicial, em uma única ocasião, o conhecido militante do movimento negro, Douglas Belchior. Foi na construção de ponte com Sérgio Vaz. Apesar de Jenyffer Nascimento ter colaborado com essa ponte, sabia que teria maior dificuldade em alcançá-lo, dada sua posição de grande destaque no movimento de literatura periférica, gerando alta procura. Tenho muita proximidade com Douglas Belchior por ser ele militante da Uneafro Brasil, organização do movimento negro de que nós dois participamos. Assim, sabendo da proximidade que Douglas tinha com Vaz, busquei o reforço no pedido de entrevista, que foi rapidamente atendido por este.

Ainda é importante colocar que as entrevistas com Márcio Barbosa e Esmeralda Ribeiro alcancei diretamente, dado já conhecê-los. Publiquei textos na edição 40 dos Cadernos Negros e também já mantinha uma relação com eles, ainda que distanciada, por situações do movimento negro e em momentos pontuais durante meu trabalho na Secretaria Municipal de Igualdade Racial de São Paulo e na Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo.<sup>60</sup>

Esses pontos colocados acima deveras ajudaram a compensar a dificuldade de me aproximar dos entrevistados presencialmente, de modo a permitir a realização das entrevistas.

Acredito ainda que o fato de eu ser um homem negro também permitiu que algumas questões fossem tratadas mais abertamente, em especial os embates que negras e negros participantes do movimento de literatura periférica tiveram que travar para garantir espaço ao antirracismo e ao seu reconhecimento. Por outro lado, acredito que o gênero possa ter influenciado na abertura e profundidade em relação a questões relacionadas ao próprio gênero e à sexualidade.

Apesar do sucesso em alcançar um bom número de entrevistas em profundidade (para um trabalho de mestrado), houve algumas recusas e desencontros. Uma recusa por indisponibilidade de tempo, uma recusa sem justificativa específica, valendo apenas observar que se tratava de um entrevistado branco que, ao saber do teor da pesquisa, preferiu indicar um poeta negro (no caso, indicou Luan Luando, que já havia sido indicado por Jenyffer). No mais, desencontros de tempo e agenda impediram outras entrevistas. Mas, considerando suficiente o número de entrevistados e o prazo necessário para finalizar o trabalho, optei por não insistir.

As entrevistas foram feitas no modelo semi-estruturado. Ao longo da evolução das entrevistas, foi me parecendo que era mais interessante deixar os entrevistados discorrerem sobre o tema proposto sem grandes interferências. Dessa forma, fazia uma pergunta para impulsionar a fala e a partir dela ia

---

<sup>60</sup> Atuei na unidade de assessoria jurídica de ambas as Secretarias. Na Secretaria Municipal de Igualdade Racial, de 2014 a 2016 (saí quando foi extinta pelo Prefeito então eleito João Dória, em janeiro de 2017). Na Secretaria Municipal de Cultura, de 2017 a março de 2021.

detectando se o entrevistado respondia ou não os pontos que eu gostaria de saber, caso contrário, abordava nova pergunta com o tema. Meus questionamentos também eram condicionados por algumas falas que apareciam na resposta, embora tenham seguido, em sua maioria, as questões propostas para a entrevista semi-estruturada.

Ao todo foram 16 entrevistados conforme a tabela a seguir<sup>61</sup>:

<b>Alcunha/Nome</b>	<b>Posição no movimento</b>	<b>Idade</b>	<b>Local de nascimento/Ascendência dos pais (quando declarada)</b>	<b>Raça/cor</b>
Alessandro Buzo	Escritor, dono da livraria Suburbano Convicto, organizador do Sarau Suburbano	50	São Paulo, zona leste  Mãe, Bariri, São Paulo  Pai, Bahia	Auto declarado branco
Akins Kintê/Fábio Monteiro	Escritor/Organizador do Sarau do Kintau	38	São Paulo, Zona Norte	Auto declarado negro
Cokão a Voz/  Edimauro Teixeira de Almeida	Escritor, produtor, organizador do sarau Cooperifa	42	São Paulo, zona sul  Pai e mãe baianos	Autodeclarado Negro

<sup>61</sup> As informações para o quadro foram extraídas das entrevistas ou de pergunta a posterior para os entrevistados. No tocante à raça/cor, aqueles que não se auto-declararam ao longo da entrevista, atribuí minha classificação. Fiz assim porque, no decorrer da pesquisa, foi me parecendo que seria mais interessante deixar esse elemento aparecer espontaneamente na fala, o que apliquei para alguns dos entrevistados. De qualquer modo, a maioria se auto-declarou, expressamente ou implicitamente.

Dinha/Maria Nilda de Carvalho	Escritora	44	Milagres, Ceará	Auto declarada negra
Esmeralda Ribeiro	Escritora, organizadora dos Cadernos Negros	67	São Paulo, zona norte	Auto declarada negra
Fofão/Cleiton Ferreira	Escritor, organizador do Sarau D'Quilo	37	Pai, região de Arcoverde/Petrolina, Pernambuco;  Mãe, Região de Remanso, Bahia	Negro
Jenyffer Nascimento	Escritora	38	Paulista, Pernambuco	Auto declarada negra
King Abraba/Keli Pereira Pain da Silva	Escritora, poeta slamer	21	São Paulo, zona sul	Auto declarada negra
Luan Luando	Escritor	34	Osasco, São Paulo	Auto declarado negro
Márcio Barbosa	Escritor, organizador dos Cadernos Negros	57	São Paulo, zona norte  Pai, Mococa;  Mãe, Jaú	Negro
Raquel Almeida	Escritora, organizadora do Sarau Elo da Corrente	35	São Paulo, zona norte  Pai e mãe de Itabuna, Bahia	Auto declarada Negra

Sandro Indaíz/Alexandro Soares Lima	Organizador do Sarau Segunda Negra	36	Jaboatão dos Guararapes, Pernambuco	Negro
Santos Drummond/Mathheus dos Santos Silva	Escritor, poeta slamer	24	São Paulo, zona sul	Auto declarado negro
Sérgio Vaz	Escritor, organizador do Sarau Cooperifa	58	Ladainha, Minas Gerais	Auto declarado pardo (com vacilação sobre ser negro)
Thiago Peixoto	Escritor, organizador do Slam da 13 e do Menor Slam do Mundo	35	São Paulo, zona sul Pai e mãe de São Paulo, zona su	Auto declarado Branco
Vagnão/Vagner Sampaio de Souza	Escritor, organizador do Sarau da Brasa	37	São Paulo, zona norte Mãe, Planalto, Bahia Mãe de criação, sul de Minas Gerais Pai, Januário, Minas Gerais	Auto declarado negro

Nos próximos tópicos apresentarei a análise das entrevistas realizadas, buscando identificar nelas os aspectos que considero mais importantes a respeito do antirracismo na literatura periférica. O capítulo apresenta muitas transcrições de falas, pois acredito que algumas das próprias palavras dos entrevistados terão, em diversos momentos, enorme valia para ilustrar os resultados.

Nos dois tópicos iniciais, apresento o processo de inserção da ideia de raça na literatura periférica. No primeiro, apresentarei que muito embora as bases desse antirracismo tenham sido herdadas do movimento hip hop, isso não garantiu uma automática e tranquila assimilação da ideia de raça na periferia tratada por essa literatura. Ademais, argumentarei que o hip hop não é a única matriz do antirracismo da literatura periférica. Isto, pois acredito que esta também aproveita da tradição cultural negra desenvolvida ao longo da diáspora africana, que utiliza das manifestações culturais como ferramenta de expressão política.

No segundo tópico, pretendo mostrar outro processo importante de inserção do antirracismo e das escritoras e escritores negros na literatura periférica, que é a auto-declaração como escritoras e escritores de literatura negra.

No terceiro tópico – dividido em três subtópicos – mostro como tais estratégias de inserção do antirracismo moldam o conteúdo deste, de forma a torna-lo interseccional. Essa característica aprofundará o processo iniciado no hip hop quanto à categoria periferia, cuja consequência pretendo apresentar no quarto e último tópico: se o hip hop leva o termo periferia de uma categoria territorial para uma categoria social, a literatura periférica empurra o termo para que este passe de uma categoria social para uma categoria política. Adiante.

#### **4.2. Literatura periférica amefricana: herdeira do Atlântico Negro**

Não tenho os recursos de um músico, mas eu achava que se fosse realmente literatura negra ela não seria negra porque eu era, nem mesmo seria negra por causa de seu tema. Ela seria algo intrínseco, inato, algo na maneira como era organizada – as sentenças, a estrutura, a textura e o tom – de sorte que ninguém que a lesse perceberia. Utilizo a analogia da música porque você pode viajar pelo mundo inteiro e ela ainda é negra... Eu não a imito, mas sou informada por ela. Às vezes eu escuto blues, outras vezes *spiritual* ou jazz e me aproprio dela. Tenho tentando reconstruir em meu texto – certos tipos de repetição – sua profunda simplicidade... O que já aconteceu com a música nos Estados Unidos, a

literatura fará um dia, e quando isso acontecer estará tudo terminado.<sup>62</sup>

Como visto no capítulo 1, a expressão literatura periférica rivalizou por um longo período com a expressão literatura marginal. Esta, gozou de certa primazia no movimento literário, inclusive dando norte às pesquisas pioneiras. Hoje, ainda é utilizado (como no caso do poeta entrevistado Santos Drummond, que se auto-denomina escritor marginal)<sup>63</sup> porém com uma preponderância menor. Há ainda que se considerar que no meio acadêmico vem prevalecendo a utilização do termo literatura marginal periférica (Tennina, 2017).

Seja de uma forma ou de outra, essas duas expressões se referem ao mesmo fenômeno e a um grupo de escritores que participam do mesmo círculo ou de círculos conexos, originários de regiões periféricas ou pobres (e portanto marginalizadas), e que mobilizam a ideia de periferia para seu discurso político, tal como os demais coletivos e grupos oriundos da explosão cultural a partir dos anos 90 de que tratei no capítulo 1.

No primeiro capítulo, também foi apresentado que é consenso entre os pesquisadores da literatura periférica que esta é tributária direta do movimento Hip Hop. A constatação também foi feita nas entrevistas que realizei e nas próprias visitas aos saraus e slams. Especialmente nas visitas ao sarau da Cooperifa, pude perceber que é uma constante as presenças de rappers e, não raro, artistas do *mainstream*. Me deparei em situações diferentes com Ice Blue<sup>64</sup>, Kl Jay<sup>65</sup>, Slim Rimografia<sup>66</sup> e Negra Li.<sup>67</sup>

A relação é tão forte, que em muitos momentos é mesmo difícil estabelecer uma linha estanque entre a literatura periférica e o movimento hip hop. Em verdade, para além dos poetas que iniciaram suas atividades no rap

---

<sup>62</sup> Atlântico Negro, p. 167/168. Apud P. Gilroy *Living Memory: Na Interview with Toni Morrison*, em P. Gilroy, *Small Acts*. Londres: Serpent's Tail, 1993, pp. 175-82.

<sup>63</sup> Assim se identificou em entrevista realizada em 07.2021

<sup>64</sup> Um dos MCs do Grupo Racionais MCs

<sup>65</sup> DJ do Grupo Racionais MCs

<sup>66</sup> Rapper bastante conhecido no meio musical

<sup>67</sup> Cantora famosa no meio musical, que iniciou sua carreira como rapper



antes de migrarem para a literatura, há outros que seguem se dividindo entre a produção de raps e literatura, como é o caso de Akins e Cocão<sup>68</sup>.

Não apenas as entrevistas revelam essa íntima relação em que rappers são poetas e vice-versa, mas mesmo no âmbito de políticas públicas é possível ver a plena associação. É o caso, por exemplo, do mês do hip hop produzido pela Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, o qual encampa também atividades de saraus periféricos e slams<sup>69</sup>. Alguns integrantes do movimento chegam mesmo a arriscarem a integração do hip hop, inserindo-a como a “consciência”, quinto elemento hip hop descrito no terceiro capítulo <sup>70</sup>. A confusão/fusão aparece inclusive de maneira curiosa na fala de Santos Drummond:

“Eu acho que o que me fez assim ter esse norte de política dentro do que eu escrevia foi principalmente o rap, até porque, antes de eu olhar para as coisas que eu tava escrevendo e falar isso aqui é poesia, eu falava, “mano, isso aqui é um rap!” Sabe? Enfim, aí depois eu fui falando, “não! Isso aqui é uma poesia e isso aqui é um rap.” Fui diferenciando coisa com coisa. Então, a politização veio do rap, antes de qualquer organização política, ela veio do rap. Dá para dizer que essa é o ponta pé da politização dos meus versos.”

Entre os entrevistados, Dinha representa uma das figuras que melhor ilustra esse elo entre os dois movimentos. Uma das fundadoras da posse de hip hop Poder e Revolução, sua atividade literária se iniciou com a fanzine desse coletivo:

“(…) Mas foi com a Posse que comecei a ter uma visão politicamente mais apurada, e lá que começa essa questão do combate ao racismo, enfim, garantia de direitos sobretudo direitos humanos, começa ali com a Posse. E aí, assim, na Posse a gente fazia Fanzine, a gente tinha um Zine chamado Rajada cultural, e daí então foi minha primeira forma de publicação, eu olhei e falei “nossa, se dá pra falar de todos esses assuntos eu também posso fazer um zine com todos os meus textos”. Aí eu me juntei com uma das integrantes e começamos a publicar, foi um zine chamado “Musa Por Que Te Quero”, minha ideia era tirar o “musa”, tirar o feminino de musa, e tirar o feminino do lugar de musa e colocar como observador no lugar de sujeito e não de predicado.(…)”

---

68 Ambos entrevistados para esta pesquisa

69 Fato que pude constatar durante todo o período que trabalhei na assessoria jurídica da Secretaria de Cultura.

70 É o caso da entrevistada Raquel Almeida, em entrevista realizada em 07/21. Nas palavras da escritora: “Eu vejo a literatura periférica como o quinto elemento do hip-hop. Mas isso eu não tô falando de alegre, não. Chegou uma época mesmo que a gente considerava que era o conhecimento o quinto elemento, e aí a gente falava que era a literatura periférica, isso em 2008, 2007.”

É inegável que o hip hop funciona como um elo que une o antirracismo à literatura periférica. Por tal razão, é que esta pesquisa rendeu tanta atenção para os processos históricos de formação do hip hop na cidade de São Paulo. Para este trabalho, a ideia expressa no adjetivo periférico que acompanha a literatura aqui estudada precisaria de uma investigação sobre seus principais precedentes históricos: os estudos urbanos e o hip hop.

No entanto, importante observar que me parece um equívoco considerar o antirracismo da literatura periférica um mero desdobramento do hip hop. Desde seu início, a literatura marginal periférica enuncia sua intencionalidade de se vincular à cultura negra nas mais variadas linguagens, de modo que considerar apenas o histórico do hip hop para explicar o antirracismo na literatura periférica implicaria em obter uma resposta insuficiente.

A afirmação positiva e ressignificação dos marcadores raciais negros bebem muito das matrizes afro-brasileiras as quais não provém necessariamente do hip hop. É possível ver o mesmo fenômeno na revivência simbólica de alguns rituais, como o rufar de atabaques nas aberturas dos Saraus da Brasa, D'Quilo e Elo da Corrente. Essa evocação vem de novas relações estabelecidas com outras linguagens, com movimentos culturais e políticos negros, além da busca por estabelecer um diálogo com a afirmatividade negra.

O Sarau D'Quilo, por exemplo, como Fofão relata, é de iniciativa do Quilombaque, uma organização cultural antirracista que tem por orientação estabelecer vínculos com a ancestralidade afro-brasileira. Os tambores participam na abertura e fechamento de todas as suas atividades, e não foi diferente quando criaram o Sarau D'Quilo. O jongo<sup>71</sup> é uma de suas tradições culturais que figuram desde sua fundação tendo presença nas apresentações do sarau. Mas a ordem das ações também se invertem dentro da organização, que agora inicia o projeto de um Sarau Jongado, que se dá por uma sessão de jongo em que os pontos são improvisados.

O nome Quilombaque vem da junção das palavras Quilombo e baque (dos tambores). É um nome que nos leva a pensar sobre um dos principais símbolos

---

<sup>71</sup> Dança afro-brasileira que ocorre ao som de tambores e pelo canto cantigas ou “pontos”.

mobilizados no antirracismo brasileiro. Guimarães (2012) lembra que é próprio do antirracismo no Brasil utilizar a ideia do quilombo como a terra a ser recuperada ou a partir de uma transformação simbólica “de bairros urbanos empobrecidos”. Esta última vai ao encontro do que seria mobilizado comumente no movimento hip hop (Carril, 2006). Mas, como se vê nos novos movimentos culturais, a ideia de quilombo também é utilizada para expressar uma forma de organização coletiva.

É nesse sentido, de uma forma específica de organização coletiva inspirada na resistência dos quilombos, que acredito se encaixar melhor o Quilombaque e também a Cooperifa, por exemplo, ao se identificar como um quilombo cultural. Essa aproximação com os quilombos, expressariam então um sentido próximo da plataforma quilombista de Abdias do Nascimento, da qual trataremos adiante. Seja nos sentidos enunciados por Guimarães (2012) e Carril (2006), seja no sentido quilombista, a relação entre esses termos, periferia e quilombo vem se mostrando como importante significante.

Não caberia no âmbito deste trabalho a enumeração e reflexão a respeito de cada significante simbólico afirmativo negro. Como já citado no capítulo 1, há o trabalho de Santos, E. (2015) que adentra nessa questão e faz uma boa reflexão sob o enfoque da construção da identidade negra. Balbino (2016), por sua vez, traz rico detalhamento sobre como a evocação da ancestralidade é um fator importante de mobilização das poetas periféricas negras, tanto para se afirmarem enquanto mulheres negras como para impulsionarem a luta das mulheres no âmbito da literatura periférica.

Aqui, importa colocar que esses símbolos surgem de uma rede de conexões de diversos atores sociais que inclui o movimento negro, em especial suas vertentes culturais, e a produção acadêmica. Me alicerçando nas ideias de Mário Augusto Medeiros da Silva (2011), tratadas no primeiro capítulo, arrisco afirmar que o que ocorreu com a literatura negra se aplica à literatura periférica no tocante à um permanente diálogo com a explicação sociológica e com o protesto negro.

Para essa afirmação, é importante notar que uma parte considerável das gerações do movimento de literatura periférica, gozaram das políticas públicas durante os anos do governo PT que ampliaram sensivelmente o acesso ao ensino médio e superior por pessoas negras. Nesse sentido, Márcia Lima e Ian Prates (2015) demonstram que a partir dos anos 90, há um considerável incremento na taxa de escolarização da população brasileira como um todo, ainda que mantida a desigualdade das pessoas negras em relação às pessoas brancas.

Esse movimento coincide com a influência que demandas históricas da luta negra no Brasil começaram a exercer de diretamente sobre políticas públicas nacionais, graças à pressão do movimento negro que se inicia no governo FHC e segue no governo Lula. Especialmente a partir dos anos do governo do PT, políticas como ProUni e Fies contribuíram para ampliação e acesso de pessoas negras no ensino Superior (Lima, 2010). Vale lembrar também que, em 2012, entra em vigor a lei federal n.º 12.711, que estabelece cotas raciais para instituições federais de ensino superior, favorecendo ainda mais o acesso ao ensino superior de pessoas negras.

Esses dados vão ao encontro do constatado por Livia Lima (2017), de que os níveis gerais de escolaridade dos frequentadores dos saraus (ensino médio e superior) são sensivelmente mais altos do que a média da população dos bairros periféricos onde ocorrem. Diante desse quadro, não é difícil imaginar uma nova leva de jovens com grande contato com os debates acadêmicos sobre a questão racial e luta antirracista, o que também contribuirá para formar as percepções no movimento de literatura periférica.

Tais possibilidades encontram eco na fala do poeta Thiago Peixoto, que vê na internet um importante veículo de circulação de ideias, mas não dispensa atenção às cotas, especialmente em relação às gerações mais novas:

Eu lembro de ter uma aluna, por exemplo, no ano passado, uma aluna preta que ela fazia escova, ela tinha 16 anos e ela odiava fazer escova, ela falava “professor eu não vejo a hora de eu ter 18 anos e aí a minha mãe não vai poder falar nada” tipo assim. Então, quer dizer, ela, a família dela era preta, a mãe dela não queria que ela usasse o cabelo crespo por medo do preconceito e tudo mais que ela pudesse sofrer, mas ela já sabia que ela podia usar e que ela vai usar, ela só não quer brigar com a mãe dela. Então eu acho que isso é muito significativo, a coisa surtiu efeito, os movimentos de cultura, de poesia, de poesia

falada, lá no começo dos anos 2000 surtiu efeito. O slam ele é isso, as políticas de cota surtiram efeito e a gente tá vendo isso tudo agora assim, e vai ver cada vez mais porque a coisa não parou de ser plantada, o discurso não parou de ser difundido, pelo contrário tá cada vez mais, não é mais as pessoas, só as pessoas mais velhas, conscientes. Fico pensando, por exemplo, voltando lá pro Ferrez, pro Vaz, pro Binho, pro Pezão, esses caras quando começaram isso, eles já tinham os seus 30 anos, falando isso que eles falam. Hoje você vai ver uma criança de 13 anos falando isso, sabe? Então eu acho que, enfim como eu falei não dá pra prever, mas que a coisa está modificando e que cada vez mais o brasileiro negro e o brasileiro branco tá percebendo um outro lugar pra se existir, pra poder ser quem se é e lógico que tá encontrando um bloqueio forte porque os caras não iam dar isso de graça, mas é uma luta que tá posta que não tá ganha pro lado dos caras também não mano. Eu acho que, enfim, é continuar no trabalho de formiguinha mesmo do dia a dia pra ver aonde que vai.

A fala de Sandro Indaiz vai na mesma toada, que ao falar de onde vinha suas ideias sobre o seu antirracismo, menciona o curso que teve na faculdade de música sobre religiões africanas, que o influenciou muito. Sérgio Vaz também parece perceber uma diferença para as novas gerações diante do ingresso na faculdade, enquanto explica porque criou um espaço voltado para a literatura:

“É aí você já traz essa coisa da poesia, porque eu estava locado no Hip-Hop, mas o movimento era do Hip-Hop, da literatura era outra coisa, outra fita, porque a gente que gosta de ler tá ligado que é difícil você chegar na quebrada e ter alguém pra falar de literatura. Não tô tirando, mas infelizmente essa é a real, principalmente na minha geração, eu acho que essa geração hoje é melhor, já tá na universidade, tem que ler, fazer Sociologia, tem que ler os livros pelo menos pra passar de ano, então tem que ler.(...)”

A constatação dessas influências da cultura negra e do acesso à escolaridade no antirracismo traz à tona, então, duas das principais questões iniciais que me motivaram a realizar este trabalho: por que as manifestações culturais negras estão constantemente imbuídas de uma forte carga política? Como se forma essa cultura tão politizada em torno do mote do antirracismo?

Na tentativa de obter respostas, o que constatei é que o encontro entre política e cultura não é um tema novo nos estudos das relações raciais e de cultura negra.

Historicamente, a cultura assume uma posição relevante na estratégia de resistência contra opressão racial para os mais diversos grupos negros. Ela funciona de pilar à construção de identidade, ao agrupamento defensivo e de autoafirmação. Ademais, muitas das manifestações culturais negras são utilizadas como ferramentas para expressar a experiência racializada do grupo, bem como ferramenta de pronúncia política. Este fenômeno é bem notado

por estudiosos de diversas áreas das ciências humanas, notadamente da sociologia e da antropologia.

Para Clóvis Moura (1977), o processo de politização antirracista da cultura tem início nos mais tenros períodos da escravidão no Brasil e prossegue com a atualização do processo de exploração e segregação racial ocorrido com a abolição, o qual garantiu um sistema de barragem contra os negros e concentração de bens de riqueza e *status* entre os brancos. Como contraposição, negros se organizaram em “grupos específicos”, para se protegerem. Por esse processo se explicariam grupos como confrarias religiosas, associações recreativas, culturais e esportivas, centros de macumba, xangôs, centros de umbanda/quimbanda, pagelaças, escolas de samba, grupos teatrais ou políticos e, uma imprensa negra, que desenvolverá importante papel na difusão dos ideais de grupo. São estratégias de defesa, que visariam ao mesmo tempo defender o negro da anomia e forçar sua passagem através da barragem social criada pelo grupo branco (Moura, 1977).

A reação cultural à supremacia branca também será explorada por Paul Gilroy, em sua famosa obra *O Atlântico Negro* (2012) de maneira bastante original ao abordá-la de uma perspectiva transnacional. O autor utiliza o conceito de diáspora para descrever uma rede de interesses intelectuais e culturais recíprocos entre os povos negros da América, Europa e África. Tal rede teria iniciado seu desenvolvimento a partir de meados do séc XVIII, especialmente a partir da América, por uma resposta à brutalidade e dominação imposta pelo tráfico transatlântico de escravos e pelo sistema escravista. Mas não tarda para circular também entre os continentes Europeu e Africano.

As ideias de Gilroy problematizam uma concepção monolítica de modernidade mostrando uma construção alternativa para o sujeito negro a partir do Atlântico Negro, que seria o espaço marítimo-continental por onde circulavam a rede de interesses culturais e intelectuais da diáspora negra<sup>72</sup>. No Atlântico

---

<sup>72</sup> Nas palavras de Gilroy: “A especificidade da formação política e cultural moderna a que pretendo chamar Atlântico Negro pode ser definida, em um nível, por este desejo de transcender tanto as estruturas do estado-nação como os limites da etnia e da particularidade nacional. Estes desejos são pertinentes ao entendimento da organização política e da crítica cultural. Eles sempre se sentiram pouco à vontade com as escolhas estratégicas impostas aos movimentos negros e com indivíduos imbricados em culturas políticas nacionais e estados-nações na América, no Caribe e na Europa.” (p.65) Apesar de sua definição, bem como a análise do livro se centrar em comunidades anglófonas, ainda assim, entendo que as constatações são

Negro se gestaria uma construção literária e filosófica que parte de um sentido bem desenvolvido da relação estabelecida entre a razão racializada e o terror da supremacia branca. Dentro dessa construção, a manifestação política seria uma constante, dado que formuladas também em resposta à brutalidade da supremacia branca.

Abdias do Nascimento (2019) parte igualmente de uma perspectiva transnacional para tratar do entrelaçamento entre cultura negra e política. Ele entende a cultura como uma das principais trincheiras da luta por emancipação da população negra mundial. Ao longo da obra *O Quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista*, publicado pela primeira vez em 1980, alerta para a necessidade do negro brasileiro retomar sua memória e construir um projeto de revolução a partir das construções da própria intelectualidade negra.

Nesse sentido, promove um esforço de demonstrar não apenas que a cultura afro-brasileira sempre esteve comprometida com a libertação do povo negro, mas que também essa produção cultural, especialmente pela figura de artistas e instituições das mais diversas ordens (políticas, religiosas, culturais) é dotada da consciência de que a luta contra a opressão branca tem caráter transnacional, sendo imprescindível o apoio a luta negra internacional. A partir dessa visão, Nascimento propõe o Quilombismo como uma plataforma política com princípios e orientação definidos. Extraí sua ideia de práticas organizativas culturais inauguradas pelos quilombos, mas que prosseguiriam hodiernamente como tática de enfrentamento ao terror branco.

Na mesma trilha, Lélia Gonzalez (2020), desenvolve a categoria político-cultural de amefricanidade, a partir do fenômeno transnacional. Amefricano é o termo defendido pela a autora que melhor definiria a comunidade negra na América que desenvolveu formas culturais novas, a partir de uma experiência histórica comum, com forte influência da herança cultural africana. Embora de sociedades diferentes, os amefricanos estariam submetidos igualmente ao sistema de dominação branco, o que seria um dos elementos unificadores dessa cultura comum. Essas manifestações de resistência também se pronunciariam na atualidade tanto por meio de produções científicas como culturais.

---

plenamente aplicáveis para pensar o caso brasileiro, ponto que desenvolverei melhor no próximo capítulo.

Por esses autores, é possível ter a ideia de que, ao lado da forte transnacionalidade, as expressões artísticas negras, nas mais diversas linguagens, mas, especialmente, nas musical e literária, têm sido objeto de interesse em relação a sua composição amalgamada com a política.

Essas manifestações não expressam apenas a experiência passada coletiva, mas também a formação de uma identidade, a denúncia e, muitas vezes, apontam para a saída política a ser adotada. Porém, como Rios (2014) observa, as narrativas sobre o sentido e experiência de negritude nos meios culturais concorrem principalmente entre duas principais: o de valorização da imagem negra e o de denúncia.<sup>73</sup>

Na região nordeste, blocos como Ilê Ayê e Olodum, através de suas performances, simbologias, indumentária e músicas que ora reivindicam a oralidade de matriz africana ora enaltecem a raça negra, suas contribuições culturais e suas origens ancestrais, são exemplos dessa narrativa positiva atuando desde a década de 70. Esses blocos, desde sua criação, demonstravam uma forte consciência de ação racial, promovendo ações políticas de atendimento à população, se identificando, inclusive, enquanto movimento negro (Rios, 2014; Hanchard, 2001)

Já no sudeste, produções e movimentos estadunidenses levaram à constituição da mobilização cultural da juventude negra em tornos dos já mencionados bailes blacks. Como já explicado no tópico 3.3, essas festas constituem em certa medida uma reação à segregação racial, gerando agrupamentos que parecem se enquadrar bem nas ideias de Moura sobre grupos específicos.

No caso de São Paulo, os pontos de divulgação dessas festas estavam na área central da cidade, formando pontos de troca de informações sobre os bailes, mas também sobre a cena cultural efervescente nos diversos cantos da cidade. Era através dessas redes que muitos desses jovens tinham seus primeiros contatos com ideias antirracistas que circulavam mundo a fora pela diáspora a partir de uma rede mais restrita do movimento negro politicamente organizado.

---

<sup>73</sup> p. 188



Márcio Barbosa, escritor auto-declarado que serve de influência para diversos escritores periféricos, como veremos adiante, participava do movimento *soul* e organizava bailes que chegavam a atrair milhares de pessoas. Ele conta que teve os primeiros contatos com as questões de negritude a partir de sua participação nesses movimentos.

Os encontros no centro para distribuição de panfletos das festas geravam encontros nos quais também circulavam as ideias antirracistas. As produções culturais com suas imagens e estética proporcionavam a construção da identidade daqueles jovens, mas também atuava nesse processo a circulação de livros, jornais e revistas<sup>74</sup>:

“(…)Então, a partir do movimento soul é que eu tomei mais contato com questões de negritude, da ideia de auto-estima negra, cultura afro. A gente se reunia ali no centro na frente da IRB para pegar panfleto, para saber dos próximos bailes, mas também, ao mesmo tempo, rolava informações do que estava acontecendo com a população negra no mundo. Tipo, pintava uma revista *Ébano*<sup>75</sup> que circulava lá nos Estados Unidos e passava de mão em mão, pintava um jornal de Angola, às vezes até de Moçambique e esse jornal circulava de mão em mão também, pintava jornal do movimento negro brasileiro também, o pessoal ia lá e levava jornal mimeografado e distribuía para o pessoal. O Hamilton Cardoso, o jornalista, estava sempre presente nos nossos encontros, então a gente recebia as informações desse modo, através dessas pessoas, que iam lá com livros, como o do Eldrige Cleaver, *Alma no Exílio*: “olha, você tem que ler esse livro”. Então, a gente trocava informações nesse ponto de encontro que era para falar dos bailes, mas aí acabava sendo ponto de encontro em que rolavam outras informações.(…)”

Assim, me parece que a atuação política antirracista da literatura periférica, para além do protagonismo de seus autores e da influência do hip hop, encontra também explicação na herança de uma longa tradição presente nas culturas negras da dita diáspora africana. Num intenso diálogo de fontes e linguagens cada arte assume suas características, uma técnica antropofágica de formação das manifestações culturais brasileiras muito anterior ao manifesto de Oswald de Andrade.

#### **4.3. Negociações, conexões e alianças: o pacto de construção do antirracismo dentro da ideia de literatura periférica.**

---

<sup>74</sup> Entrevista realizada com o autor em 08/10/2021.

<sup>75</sup> Revista *Ebony*

“Those who tell you ‘Do not put too much politics in your art’ are not being honest. If you look very carefully you will see that they are the same people who are quite happy with the situation as it is... What they are saying is don’t upset the system.”<sup>76</sup>

James Baldwin

O tópico acima buscou explicações do antirracismo tanto no hip hop como na tradição cultural afroatlântica. Entretanto, ponto importante a se enfrentar é que a literatura periférica não pode ser considerada uma cultura essencialmente negra. A presença maciça de pessoas negras no movimento, bem como as influências culturais expressas e também declarada pelos entrevistados nos permite a aposta de que o antirracismo bebe especialmente desse fazer cultural negro que não dissocia cultura de política.

Essa característica está expressa na manifestação literária e nos encontros dos saraus. Mas, quando consideramos os atores brancos e não negros do movimento, cabe então a pergunta: a questão racial foi tranquilamente aceita e assimilada?

Essa pergunta não é trivial principalmente quando pensamos nas características do racismo no Brasil, tal qual tratado no capítulo 1. Entre suas práticas está a negação das diferenças, de modo a escamotear através do discurso universalista a discriminação encontrada na prática.

Nessa trilha, não podemos esquecer que é antiga construção no Brasil quanto à negação da discriminação de raça, de modo que só haveria no país o preconceito contra pobres.

Essa é uma concepção que soma à própria característica do discurso racial brasileiro de negação da existência da construção social de raças com tratamento desigual. Sua reprodução não depende necessariamente de uma ideologia que pregue conscientemente a superioridade de raças. Muito pelo

---

<sup>76</sup> Tradução livre: “Aqueles que lhe falam “não ponha muita política na sua arte” não estão sendo honestos. Se você olhar muito atentamente você verá que eles são as mesmas pessoas que estão bem felizes com a situação como ela é... O que eles estão dizendo é não desaponte o sistema.” Extraído de <https://www.brainpickings.org/2016/09/21/james-baldwin-chinua-achebe-art/>

contrário, seu reprodutor pode mesmo se considerar contrário a qualquer tipo de discriminação racial, mas promover uma invisibilidade discursiva da raça que impede justamente o que é importante ao antirracismo brasileiro: afirmar a raça para enfrentar o racismo.

É o que se pode ver com o desenvolvimento do marxismo no Brasil, o qual influenciou parte da classe média nas décadas pós-segunda guerra, mas se desenvolveu nos meios hegemônicos de modo a caracterizar as raças como fenômeno secundário da luta de classes, acabando por dialogar com o ideal de democracia racial. “Para ser mais preciso, transformaram a democracia racial num ideal a ser conquistado pelas lutas de classes. O evolucionismo subjacente ao pensamento marxista adaptou-se bem à ideia de que o capitalismo (ele próprio código para “europeidade”) seria uma força civilizadora que os povos de todo o mundo teriam forçosamente de experimentar antes de atingir o socialismo” (Guimarães, 2012)<sup>77</sup>.

A suspeita de que a literatura periférica também era atravessada por essa questão acabou por ser bem localizada na fala de Raquel Almeida, em sua justificativa para ter criado um sarau necessariamente com ênfase na cultura negra. Embora longo o trecho, me parece muito profícuo reproduzi-lo:

Eu não tô dizendo que isso era proposital nos saraus, mas às vezes quando a gente chegava com as nossas poesias temáticas causava um choque, causava um choque no sentido das pessoas brancas que estavam ali, se incomodar. Por exemplo, eu tinha um poema nesse meu primeiro livro, que é um poema que eu fiz pras minhas sobrinhas, uma delas sofreu racismo e eu fiz um poema chamado *Menina Princesa*. Tem um determinado momento nesse poema que fala assim “oh menina princesa, seus olhos que não são azuis, me transmitem calma”. Uma vez eu recitando isso, uma moça loira dos olhos azuis ficou muito incomodada, tipo “ah, mas eu sou loira do olho azul, mas eu sou legal”, tipo isso, essa foi a discussão. E aí a gente tinha que parar e tentar fazer – hoje em dia a gente não tem mais paciência pra ser pedagogo de racista – mas na época a gente parava, a gente explicava “não são vocês, a gente tá fazendo alusão”, “olha o acontecimento, pega as princesas, olha as meninas pretas”. Então eram coisas que aconteciam com muita frequência, pessoas se incomodarem com os nossos poemas, pessoas frequentadoras de saraus e no Elo a gente tinha um fechamento muito grande, tanto com os poetas que iam quanto com a comunidade, a galera ficava lá frequentando. Tinham discussões? Tinham discussões, mas passou a ser tão corriqueiro porque o nosso sarau era semanal, então toda semana a gente tava ali falando o mesmo poema, tipo sabe gente insistente, chata mesmo? De questões raciais assim, mas tinha determinados lugares que a gente passava, determinados saraus que tinha esse incômodo, tipo “ah pega leve, olha essas pessoas aqui são brancas, mas elas são legais, são nossas amigas. Então quando vocês falam, elas se sentem ofendidas”. Aí eu comecei a falar “ué se elas se sentem ofendidas é porque o racismo ainda mora nelas, alguma coisa de racista ainda tem. Então elas não são tão legais assim né?” Por que a gente tem que se explicar o tempo todo? A gente tem que

---

<sup>77</sup> P.60

pedir permissão pra falar nossos poemas de cunho racial. Então eu reparava que tinha um pouco dessas frestas assim em alguns saraus, mas isso foi parando com o tempo ou as pessoas paravam de ir no nosso sarau definitivamente porque se sentiam incomodadas ou quando a gente chegava, elas saíam ou [risos]... Era assim desse nível! Ou a gente ficava ali tudo junto, um com a cara de cu, olhando feio pro outro e tava tudo certo. Era o que acontecia um pouco assim.”

Ao longo das falas de algumas entrevistas, o que se percebe é que esse conflito foi duramente travado a partir da segunda metade dos anos 2010, conseguindo a questão racial se impor com o tempo. Luan Luando conta assim:

A minha literatura é preta né, desde o começo. E na verdade, no começo não era fácil não, viu. Você via nego com olho feio mesmo, e nós fechava o olho também. Eu mesmo tive vários conflitos com pessoas mais claras, às vezes preta mesmo. A gente levantava essas coisas e nego falava “não esse bagulho de cota, isso aí já era...” Vários falou isso pra gente, vários. Então a gente entendeu que nosso povo não entendia o processo social dele mesmo. Então, não foi uma coisa que quando surgiu foi. Algumas pessoas sempre trouxeram essa narrativa também, muitos influenciados pelo movimento hip hop, que na nossa região é forte, mas era uma coisa de algumas pessoas, depois foi crescendo até virar um espaço majoritariamente de literatura negra. Entendeu?

As tensões narradas ilustram que foram necessários conflitos e negociações para que o antirracismo pudesse se afirmar na literatura periférica. Parte do processo exigiu, inclusive, a criação de saraus com a chamada ênfase negra, como o Sarau Elo da Corrente. Esse sarau influenciará a criação de outros com essa temática, como o Sarau da Brasa e o Sarau no Kintal. Mas há ainda os saraus que já nascem a partir de organizações ligadas ao movimento negro, como o Sarau D’Quilo e o Sarau Palmarino, o que obviamente trará uma outra receptividade para questões raciais.

Disputas e negociações nesse sentido também estiveram presentes no hip hop. Um caso curioso relatado por Félix (2005) diz respeito a discussões que originaram a posse de hip hop Força Ativa, a qual teria sido originada de um racha da posse Aliança Negra por discordância quanto à centralidade que esta dava a questão racial. Para os fundadores da posse, as questões sociais deveriam ser privilegiadas frente à questão racial, a qual certamente não seria o principal problema social brasileiro. Esse debate tomou considerável repercussão no meio, refletindo mesmo nas produções musicais, como na letra do rap, de 1993, *A cor da pele não influencia nada* do grupo Filosofia de Rua, pertencente à posse Força Ativa. A postura da posse Força Ativa naquele

momento causou forte reação no movimento hip hop até o ponto de ser hostilizada pelos demais (Félix, 2005).<sup>78</sup>

Posteriormente, a posse foi reorganizada por Nando Komunista, que mudou sua sede da zona norte para a Cohab Cidade Tiradentes e revisou drasticamente suas posições. Assumiu a questão racial como um fator central de suas formulações, em uma postura fortemente anticapitalista e um forte intercâmbio com o Movimento Negro Unificado - MNU. Com o tempo, suas atuações ampliaram-se para além do hip hop a ponto de se tornar núcleo cultural (Félix, 2005). Atualmente, suas atividades prosseguem com forte atuação antirracista mas agora se intitulando Coletivo de Esquerda Força Ativa, que organiza o Slam Letra Preta.<sup>79</sup>

O fato do Força Ativa organizar hoje um slam, apresenta uma interessante costura que o coloca em duas pontas dessa linha histórica, ao menos se considerarmos a leitura da poeta Jenyffer Nascimento. Ela reconhece as disputas que eram travadas no sentido descrito por Raquel e Luan Luando, dentro do pacto firmado sob o guarda-chuva da periferia, pelo qual seriam todos iguais (negando assim o racismo), mas acredita, contudo, que os slams superaram de vez a questão racial. De fato, da conversa com os slammers e de nossas visitas, pudemos perceber que a questão racial é muito pronunciada nesses espaços, o que nos permite imaginar que a luta de uma geração possivelmente facilitou a entrada da outra:

“(...) A questão racial vai se afirmar, de fato, ainda mais para frente, com os slams. Os slams são tipo a tomada de “não há poesia sem discurso racializado”. E eu acho que é essa juventude que vai estar menos, assim, negociando. A gente, em alguma medida negociou com esse espaço, entende? É a juventude que vai falar “vocês são racistas, vocês são brancos” e etc., e tal., independente dos brancos serem da quebrada ou não, entende? Então, eu acho que é outra geração, na minha leitura, que dá essa cara e os outros atores acabam tendo que absorver o discurso racial sem tanto isso de “ah!, mas é fulano que faz esse tipo de poesia”, não é todo mundo que vai falar sobre isso. É geral!”

Em uma sociedade como a nossa, a afirmação da racialização no âmbito discursivo dificilmente se coloca sem a necessidade prévia de uma intensa disputa perpetrada pelo antirracismo. Se, por um lado, a superação de muitas

---

78 P. 92.

79 Para uma entrevista com Nando Komunista a respeito do Núcleo Força, consultar: <https://youtu.be/RvnqL0Igt8>

especificidades é o caminho para o fortalecimento do grupo, por outro, a falta de reconhecimento das especificidades sensíveis deixam fissuras na aglutinação, que é onde surgirá o conflito. São nessas fricções que observamos o pano de fundo das conexões entre agentes culturais, políticos e acadêmicos nas lutas (muitas vezes silenciosas) travadas em seus respectivos campos.

#### **4.4. Literatura negra, literatura periférica, literatura negra periférica**

O tópico anterior apresentou a disputa necessária para que o antirracismo se firmasse dentro da literatura periférica. A mobilização antirracista saiu vitoriosa no sentido de garantir que o elemento raça permanecesse dentro do sentido do adjetivo periférico. No entanto, não é possível afirmar que isso tenha automaticamente garantido um equilíbrio de prestígio e destaque entre escritores e brancos e negros.

A bem da verdade, como esse tópico demonstrará, escritoras e escritores negros precisaram desenvolver estratégias para firmarem sua posição no campo literário. A principal delas, pode se dizer foi a auto-enunciação como escritoras e escritores negros, trazendo assim novas possibilidades de atuação.

Nesse sentido, uma iniciativa literária da década de 70 exercerá papel de alta relevância para grupo de escritores periféricos negros de São Paulo. Não são poucos os estudos de saraus periféricos que traçam uma ponte entre estes e os eventos burgueses de saraus do século XIX. Por estas leituras, a forma arcaica teria sido reativada e ressignificada pelo movimento de literatura periférica iniciado nos anos 2000. Porém, há um antecedente bem mais recente, pouco lembrado, por exceção de Elisabete Figueroa dos Santos e Mário Medeiros, que são as rodas de poesia da literatura negra promovida pelo Quilombhoje, coletivo responsável pela publicação dos Cadernos Negros.

Há 42 anos, os Cadernos Negros são publicados anualmente, alternando-se entre coletânea de contos e poesias de autores negros estreantes e iniciantes. Através dos Cadernos, o Quilombhoje conduz o longo projeto de estabelecer um conceito de literatura negra no Brasil. Muitos escritores negros de diversos lugares do Brasil já passaram pelos cadernos, entre estreantes e mais

experientes. Entre os nomes que já publicaram lá, estão autores que alcançaram reconhecimento público como Conceição Evaristo e Eliana Alves Cruz, ou seus fundadores (com algum reconhecimento, ainda que menor) como Oswaldo de Camargo e Cuti<sup>80</sup>. Talvez seja deveras exagerado reduzir a literatura negra ao corpus dos Cadernos, porém, é inegável que é a principal publicação que busca firmar a literatura auto-declarada negra.

Nesse sentido, se a relação da literatura periférica com o hip hop é um ponto fora de questão, a herança da literatura negra ocupa uma posição muito vacilante. Ao mesmo passo que desde a publicação das edições especiais da Caros Amigos, a Literatura Marginal reivindica figuras como Carolina Maria de Jesus e Lima Barreto, não há a mesma relação com os Cadernos. Por outro lado, o escritor Akins Kinté tem nos Cadernos e seus principais autores uma de suas maiores inspirações. Já vimos aqui que a fundação do Sarau Elo da Corrente teve entre seus motivadores temáticos a necessidade da afirmação negra e, entre seus fundadores, os Cadernos Negros são uma autêntica inspiração, como conta Raquel Almeida.

Em 2011, Mário Augusto Medeiros da Silva tratou das relações de então entre literatura negra e periférica nos seguintes termos:

“A tensão constitutiva entre as relações estabelecidas com as esferas do mercado de bens culturais, o interesse maior por uma confecção estética em detrimento da outra, levam a fricções na possibilidade de aliança de um projeto comum, literário e político-social. Embora exista uma troca mútua de referências, participações em eventos (saraus e debates), citação de escritores e ativistas do passado na forja de um cânone comum (tanto para negros como para periféricos), edição comum de textos nas publicações de ambos os grupos (periféricos publicam nos Cadernos Negros tanto quanto esses escritores lançam seus textos em espaços periféricos) etc. ainda existe um descompasso e desencontro entre as proposições. Aparentados pelas relações histórico-sociais de seus grupos enunciadores de éticas e protocolos criativos muito parecidos; preocupados seriamente com as possibilidades de um futuro, tanto para suas confecções estéticas quanto para os dilemas sociais de seus grupos, o trânsito das ideias entre ambos ainda não encontra um perfeito acoplamento.

Talvez o pesquisador devesse perguntar antes de tudo: deveria? Em caso positivo, novamente se questionaria: qual o sentido assumido a partir de então? Que fariam com isso? Articularam um projeto coeso, social e literário, capaz de atingir seus objetivos? Em caso negativo, talvez seja interessante pensar que é justamente a fricção e desencontro que promove a invenção na rotina. Não existe

---

<sup>80</sup> Oswaldo de Camargo, embora tenha contribuído para a fundação dos cadernos abandonou o projeto junto com [nomes] após desavenças com o grupo sobre os critérios de seleção daqueles que iriam publicar. Em Silva (2011), há uma boa descrição dessa questão, que também escutei de Cuti e Márcio Barbosa em conversa.

oposição direta; antes um deslocamento parcial de perspectivas político-literários, os artistas devem percorrer os caminhos que forem capazes de forjar individual e coletivamente, independente da latência dos processos históricos ou das expectativas das análises sociológicas.<sup>81</sup>

A reflexão, ao meu ver, é acertada. Os escritores seguem o caminho do possível dentro de seus objetivos. Contudo, passados onze anos, arrisco acrescentar que há limites bem estabelecidos entre os dois projetos que se encontram exatamente na linha da cor: onde um projeto deseja se afirmar racialmente mais amplo, a fim de aglutinar grupos que, no limite, se encontram nas mazelas materiais, o outro projeto busca justamente manter-se mais restrito, com o fim de lembrar que nem mesmo as mazelas sociais são suficientes para suplantarem as diferenças decorrentes do racismo.

Hoje, as tensões e fricções entre os dois movimentos parecem menores ao que depreendi das entrevistas com Márcio Barbosa e Esmeralda, organizadores dos Cadernos Negros, que veem com bons olhos as iniciativas da literatura periférica, embora necessária a diferenciação.

É importante considerar que o Cadernos, ainda que tenha uma proposta firme de oferecer a oportunidade a escritoras e escritores negros publicarem e se motivarem a escrever, exige um controle mínimo da qualidade dos textos<sup>82</sup>. Ademais é um projeto que não deseja a marginalidade na literatura e, nesse sentido, nunca se colocou em oposição ao campo literário como um todo. É verdade que tampouco a literatura periférica se encontra na marginalidade do campo literário voluntariamente, mas a apresentação desses escritores auto-declarados negros ainda dialogam com a figura do escritor enquanto um intelectual afastado do cidadão comum.

Nesse sentido, voluntária ou involuntariamente, a literatura negra criará uma barreira de entrada que a literatura periférica irá romper. Qualquer um é bem-vindo para recitar no sarau feito no bar do território, com o microfone aberto e a cultura de aplaudir efusivamente a todos que recitam, sem distinção. Foi essa

---

81 p. 433

82 Os textos apresentados para publicação são avaliados por uma comissão, cuja parte é selecionada entre os próprios escritores ou leitores dos cadernos, parte é composta dos organizadores, Márcio Barbosa, Esmeralda Ribeiro e Cuti. O intuito é auxiliar os escritores a aprimorarem a escrita, de modo que é dada uma segunda chance para modificarem o texto no que foi considerado necessário, como uma espécie de oficina de escrita.



atmosfera que convidou Jenyffer Nascimento a se ver como escritora. Por essa razão, é importante para ela manter a identidade periférica:

“(...) pensando num lugar de literatura, por exemplo, hoje, acho que muitas dessas mulheres que vêm desse movimento da minha geração, a gente se coloca enquanto literatura negra feminina, mas a gente também se coloca como literatura periférica, porque a gente também reconhece que a trajetória da literatura negra desde então não passava por esses espaços, talvez mais ligada a uma elite negra ou pessoas ligadas ao movimento negro que não necessariamente se identificam com esse lugar periférico. (...)”

O mesmo sentimento aparece para Raquel Almeida, apesar da inspiração que tem com o Cadernos Negros, foi o movimento de literatura periférica que lhe franqueou as portas da escrita. O distanciamento que lhe provocava o Cadernos Negros se revela na própria narração de sua aproximação com os escritores negros:

Olha, eu conheci os Cadernos Negros em 2005, mas eu achava os Cadernos Negros, assim, também muito longe da minha realidade. Eu falava “Nossa! São escritores negros! Uau!”, mas nunca imaginei na minha vida que eu ia publicar nos Cadernos Negros, nem que eu ia ter amizade com alguém dos Cadernos Negros porque eu colocava, como eu tô falando, eu colocava escritores no lugar sagrado da literatura, “nossa a gente não vai ter acesso nunca!”. E aí antes de organizar o sarau, o sarau passou a ser organizado em Junho, passou a fundação do sarau em Junho de 2007. Aí o Michel falou assim “ah, abriu inscrição aí pra publicar no Cadernos Negros, contos”, eu falei “imagina, nunca!”, “ah não vamo mandar, vamo mandar, vamo mandar. Vai que a gente passa? Só vamo mandar”. Tá bom preparei o conto e mandei. Aí eles têm a avaliação. Nossa gente! Que dificuldade foi aquela avaliação na minha vida porque uns amaram, outros odiaram, outros falaram que as questões que eu tava falando não fazia mais parte do assunto pra Cadernos Negros porque era um conto que falava de identidade – era uma menina que ela ficava se perguntando que cor ela era, e aí ela fazia todo um trajeto pra poder se identificar – até reconheço que eu era bem proprietária na época, no finalzinho desse conto principalmente. Aí uns amaram “nossa! Isso mesmo!” e outros falaram “que bosta! Para! Não tem que falar mais disso. Acabou! A gente não está falando mais disso”. Só que eu percebia que do lugar de onde eu vinha a gente precisava sim falar disso porque tinha muita confusão racial e ainda tem, parece que não, mas ainda tem. E aí eu publiquei no Cadernos em 2007, que foi o volume 30. E nossa gente, que maravilha! Nossa! Cadernos Negros!

Mas, se o movimento da literatura periférica franqueia a porta de maneira mais acolhedora, a aclamação e o reconhecimento não parecem ser distribuídos tão democraticamente. O destaque, oportunidade e reconhecimento parece também depender do crivo racial. Nas palavras de Luan Luando:

A literatura periférica é uma literatura preta e que traz questões pretas, mas são poucas as pessoas pretas que estão se destacando na literatura da periferia, são pessoas brancas, com estrutura de vida melhor do que as pessoas pretas. Então, a gente começa a ver como que o sistema é configurado para que cada coisa fique no seu lugar.

Como demonstrado no tópico anterior, os atritos decorrentes das aglutinações de sentidos dentro da ideia de “periferia” - nem sempre bem-ajambradas - revelam para muitos dos periféricos o caminho da afirmação negra como uma necessidade antirracista. Ao mesmo tempo, esses que assim se auto-afirmam, acabam por perceber, de um modo ou de outro, o sentido dos cadernos negros como uma estratégia de garantia de existência, reconhecimento e publicação de seus escritores através de um projeto coletivo. Jenyffer define bem essa percepção:

Eu acho que politicamente a gente vai se alinhando dentro da literatura negra para amplificar as vozes negras e criar um corpo massivo de produtores de literatura negra na atualidade. Porque eu acho que isso é que dá força para que tantas mulheres negras sejam lidas, estejam escrevendo. Isso é mérito da literatura negra, porque se nós estivéssemos só no nicho de literatura periférica, eu acho que nossos trabalhos também não teriam ganhado a projeção que ganharam. Porque também existe um marcador de que a literatura periférica talvez seja branca. E branca no sentido de quem são as pessoas que conseguiram ser os expoentes da literatura periférica, tal como o Ferréz, o Sérgio Vaz, o Rodrigo Ciríaco e alguns outros expoentes, assim, que ganharam notoriedade né. Aí você tem uma notoriedade ligada à literatura periférica que é branca. Como eu entendo, tá? Então, Dentro das narrativas de periferia você continua tendo o grupo dos brancos que se dão melhor. É a própria condição racial dentro da periferia que continua privilegiando uns em detrimento de outros, ainda que as pessoas que se destacaram sejam realmente produções memoráveis! A produção do Sérgio, a produção do Ferréz que, porra, é o primeiro escritor que coloca Capão Redondo no mapa, acho que, pô, tem uma relevância gigantesca. Mas acho que isso perdura aí no universo literário de privilégios, etc. Tanto que você tem vários autores negros, como o próprio Luan Luando, que é um homem preto, que publicou dois livros e que o trabalho dele não tem uma notoriedade e é super discutido e tá sendo estudado por todo mundo. Talvez se ele, enquanto escritor preto, tivesse se aliado como parte da literatura negra contemporânea, talvez ele tivesse conseguido circular mais, porque isso é quase o circuito da sobrevivência também. A gente criou esse outro circuito também para sobreviver paralelamente a esse circuito de literatura periférica.

Vê-se que a afirmação negra gerou uma importante aproximação entre as duas literaturas, com proveitos importantes para ambos os lados. Saraus como Elo da Corrente e da Brasa tem um incontestado reconhecimento da literatura negra dos Cadernos. Vagnão, por exemplo, conta com enorme orgulho a homenagem que prestaram à Carlos de Assunção<sup>83</sup> publicando uma antologia de suas obras através do edital do programa municipal de São Paulo VAI. Um dos organizadores do sarau conheceu Carlos acidentalmente em Franca, o que levou a turma da Brasa à empreitada que culminou em um badalado lançamento:

---

<sup>83</sup> Importante escritor negro que também publicava nos Cadernos.

“Então, no final de 2009, em 19 de novembro a gente traz o Carlos para São Paulo para fazer o lançamento em 19, 20 e 21. Foi no CCJ, Sarau da Corrente e Sarau da Brasa. Um monte de gente veio porque achou que o Carlos estava morto. Ai falaram “mano, esses moleques tão de onda? O Carlos já morreu”. E aí, na hora que eles viram o Carlos falaram, “mano, que porra é essa?” Inclusive, o Liberto, filho do Solano [Trindade] foi um dos que vieram, e aí quando ele viu o Carlos foi linda cena né, porque o Liberto se parece muito com o Solano e o Solano era amigo do Carlos né.”

Assim, são os escritores periféricos e negros que não apenas compreenderão a necessidade desses limites entre um movimento e outro, como também serão os responsáveis por criar pontes que hoje tornam as fricções entre as duas literaturas mais amenas. A fala da poeta Dinha Caminha nesse sentido:

Olha, antes da literatura periférica a gente tem a literatura negra. Então a gente teve Carolina antes, outras mulheres também e homens que nos esqueceram de dizer que não eram brancos, e que eram negros. Mas a gente tem o Quilombhoje também, os Cadernos Negros - primeiro volume saiu 70 e alguma coisa e não era uma atividade individual, já era uma atividade coletiva. Só que apesar de ter vindo antes, a literatura negra não chegou nas favelas, e a literatura periférica sim, e ela foi produzida e ela circulou e ficou. E isso só foi possível porque entre essa literatura e a literatura periférica existiu o rap, que juntou. E aí fez a ponte entre uma e outra, e daí a gente começa a estudar os Cadernos Negros e começa a ter contato, e aí a gente se mistura. Hoje o que a gente faz o que eu faço, eu no caso, é a literatura feminina, negra e periférica. É isso e eu não sei, né... Se possivelmente, eu ainda tô decidindo isso, sabe? Não é uma coisa que tá fechada, eu estou ainda descobrindo, mas possivelmente não heteronormativa.”

#### **4.5. A interseccionalidade enquanto conteúdo do antirracismo na literatura periférica**

Por meio da disputa interna dentro da literatura periférica, por meio de contornos e alianças de apoio mútuo na literatura negra, escritoras e escritores negros buscaram seu caminho para firmar o antirracismo na literatura periférica e garantirem sua visibilidade. Usam para isso não apenas a herança do hip hop, mas todas as fontes oriundas da cultura negra, ao mesmo tempo que expressam a experiência racial em suas poesias.

O esforço contínuo, especialmente do grupo negro, assegurou que a questão racial permanecesse dentro da ideia de periferia. Entretanto, a vitória não foi suficiente para que escritoras e escritores negros garantissem sua visibilidade e se firmassem no campo literário, sendo as principais oportunidades de publicação e aparição reservadas aos escritores brancos. Eis que, então, a auto-declaração negra surge também como uma estratégia de sobrevivência no

campo. A ideia de periferia contém a questão racial, mas este epíteto não é suficiente para escritoras e escritores negros, sendo necessário afirmarem-se enquanto escritores negros e periféricos.

Tais caminhos e estratégias informam o conteúdo do antirracismo nessa literatura, tema que este tópico busca enfrentar. Os atores que se empenharam nas estratégias para firmar o antirracismo são pessoas concretas e, como tais, detentoras não apenas nos marcadores sociais de raça, mas também de sexualidade, gênero e corporais. Carregando as bandeiras dessas outras identidades, é possível dizer que atribuíram ao antirracismo um amálgama com a interseccionalidade tão indissociável quanto aquele que descreve cultura e política nas manifestações negras.

Interseccionalidade é o termo mais utilizado para definir a ferramenta analítica que considera diversas categorias sociais – tais como raça, gênero, sexualidade, classe, capacidade, idade, etc. – como inter-relacionadas e moldando-se mutuamente (Collins, 2021). Nesse sentido, a interseccionalidade propõe um olhar que considere a intersecção entre as diversas marcas discriminatórias que agem sobre um determinado sujeito, de forma que não sejam consideradas enquanto categorias estanques.

A história do pensamento interseccional data dos movimentos das décadas de 1960 e 1971, quando diversos movimentos de mulheres, negras, latinas, indígenas começaram a desenvolver ideias que expressassem as formas de discriminação múltiplas a que estavam sujeitas, as quais não poderiam ser compreendidas de forma apartada, demandando uma consideração conjunta (Collins, 2021).

A ideia de interseccionalidade envolveu a produção de muitos textos, livros e documentos ao longo desse período de gestação, sendo que o termo em questão passou a ser utilizado no fim da década de 80, após seu emprego por Kimberlé Crenshaw (Collins, 2021). Esta, em 1989, escreve o artigo *Desmarginalizando a intersecção de raça e sexo: um crítica feminista negra da doutrina antidiscriminatória, teoria feminista e política antirracista*<sup>84</sup>, onde procura mostrar que os paradigmas de direito antidiscriminatório tinham a ideia de feminismo centrada na falta de direitos para mulheres brancas de classe média,

---

<sup>84</sup> Tradução própria. Título original, *Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics*

enquanto a ideia de racismo estaria pautada na violação de direitos de homens negros de classe privilegiada. Disto, propõe modelos que englobem as intersecções dos diversos fatores discriminatórios de modo a abarcar grupos que sofrem discriminações múltiplas (Crenshaw, 1989).

Ao longo das entrevistas realizadas, fatores como gênero, região de procedência e sexualidade se mostraram fortemente associados ao discurso antirracista. Tais pontos não surgem por acaso, dado que os mesmos atores quem põe em marcha a estratégia do antirracismo aproveitam também a janela para impor os diversos elementos discriminatórios que os atravessam.

A seguir farei uma análise mais detalhada dos dois fatores que mais marcadamente se revelaram nas entrevistas, a questão de gênero e de procedência ou ascendência regional.

#### 4.5.1 – As mulhere e o antirracismo na literatura periférica

Sei que você tem muitos nomes

Muitas caras

Mora em muitos lugares

Mas não tem pra onde fugir.

Se correr as mina pega

Se ficar as mina come.

Chegou a nossa hora.

Não foi a esperança que venceu o medo

Foi o feminismo.

Só assim construiremos o amor.

(Jenyffer Nascimento. Trecho do poema *Mimimi de Mulher*)<sup>85</sup>

Da parte de todas as mulheres entrevistadas, a questão do machismo apareceu como um fator ainda existente, estando em andamento a disputa, apesar de melhoras. A questão aparece não apenas em relação a falta de representação em publicações como também nas temáticas literárias, e em situações que tiveram que ser enfrentadas ao longo dos saraus.

---

<sup>85</sup> Presente em publicação do Facebook em: <https://www.facebook.com/hashtag/n%C3%A3opoetizeomachismo> , consultado em 03/2022.

A falta de representatividade das mulheres nas publicações e espaços de literatura periférica foi tema da dissertação de mestrado da pesquisadora Jessica Balbino (2016), na qual ela demonstrou uma exagerada sub representação de mulheres nas publicações de literatura periférica. Não apenas isso, há registro de situações recorrentes de machismo nos saraus (Balbino, 2016; Tennina, 2017).

Mulheres estão presentes desde o início do movimento e desde então precisam enfrentar dificuldades para nele se manterem. Dinha, por exemplo, aponta que a dificuldade já se iniciou a partir da própria presença nos saraus dado o fato de serem em bares:

“(...). Todo santo domingo, não interessa, podia tá chovendo canivete, a gente levantava de dentro de casa e ia lá para a salinha da Posse para fazer reunião. Teve um momento que a gente precisava muito, né. Tipo, violência extrema e tal. Então, aquilo era um espaço de construção e desconstrução, então tudo era muito tranquilo; tinha uns embates por questões de gênero, por questão de raça, mas fora isso tudo caminhava bem; agora quando a gente vai pra literatura no zine, quando eu começo a circular fora desses espaços originais, que são as Posses, daí vem os saraus. Aí percebi que foi mais dolorido, sabe? Essa questão de gênero. Primeiro porque os saraus não espontâneos, como os nossos, eram em bares. E as mulheres ainda não frequentavam os bares, frequentavam pouco, principalmente boteco: a gente não vê mulher sentada em boteco, qualquer boteco. Você vê lá uma, duas, três, sozinha ou acompanhada. Hoje a gente vê isso, mas no início dos anos 2000 não, então primeiro a quantidade de mulheres era menor e a gente tinha que conviver com milhões de falas machistas e homofóbicas sempre. Então era bem dolorido nessa época, mas é como o rap. Também o rap é bem machista, e o que a gente fazia era reconhecer que o machismo está aí, o que não presta a gente joga fora, pula as partes se for preciso e tudo que tá ali que fortalece a nossa imagem, a nossa classe, nosso conjunto, a gente mantém, a gente aproveita, a gente divulga, enfim, a gente ama sem deixar que os defeitos nos transforme.

A possibilidade de Dinha figurar entre o grupo de escritores periféricos inaugurais, segundo ela própria, foi favorecida pelo fato de que já publicava em sua fanzines que circulavam no meio do hip hop antes do surgimento da cena da literatura periférica. Raquel Almeida, para quem Dinha era uma referência, enfrentou a dupla dificuldade de frequentar os espaços dos bares e de se firmar enquanto escritora:

Eu ouvia, por exemplo, fazia o sarau, eu organizava o sarau junto com o Michel – o Michel era meu companheiro na época, a gente morava junto. Então eu ficava na ‘casinha da esposa do Michel’, da esposa que ajuda o cara a organizar. Então eu tinha que chegar em lugares às vezes e meter o dois pé no peito mesmo, por exemplo, às vezes eu ia em sarau as pessoas falavam “ai, está aqui a Raquel” – que o Michel não estava presente – “tá aqui a Raquel que veio representar o Michel”. E aí quando eu ouvia isso... Ahhh aí fechava o tempo mesmo! Fechava o tempo mesmo! Teve um fato desse que aconteceu comigo, eu tava com a minha filha pequenininha, tava com a Yakini pequenininha assim no colo. Eu tinha saído de Pirituba, pegado dois ônibus com a menina no colo,

fui porque eu gosto de sarau e chega lá eu ouvir isso?! Falei “ah não, é demais!” Peguei a Yakini e falei “segura aqui” e vaaaa [risos], despejei um monte de coisas! Mas assim, foram coisas importantes pra gente ir adquirindo respeito mesmo, porque não era só comigo eram com outras meninas, tinha conotação muito sexual – “ah vocês estão no bar, então vocês estão aqui querendo alguma coisa” – eu ouvi muito disso. “Ah tá no bar, então vem aqui tá bebendo cerveja, tá alegrinha, então tá querendo”, sabe? “Tá me olhando porque quer me dar”, igual o Catra cantava. Tipo as coisas assim que parece muito longe, eu acho que pela construção que se tomou hoje em dia – muitas, muitas mulheres poetas, muitas mulheres escritoras, muitas mulheres organizando sarau, slam – parece bobagem, mas acontecia e nem é tão distante assim, não faz tanto tempo assim.

As mulheres ocuparam os espaços dos bares, escreviam, e participavam da produção e como público. Após enfrentarem tais barreiras, se depararam também com a dificuldade de se ocupar o palco. Como conta Jenyffer Nascimento, havia muitas mulheres envolvidas na produção e como público para aplaudir, mas poucas para ocupar o palco.

Para enfrentamento de todas essas dificuldades, diversas estratégias foram utilizadas, tais como criação de coletivos de mulheres dentro do movimento, realização de eventos em que só mulheres recitavam, lançamento de coletâneas exclusivas para mulheres e mesmo campanhas públicas de enfrentamento ao machismo (Balbino, 2016). Quanto a esta última estratégia, duas campanhas se destacaram, sendo elas **#nãopoetizeomachismo** e o movimento **MORDAÇA**. Ambas campanhas digitais que denunciavam o machismo. A primeira relatava casos ocorridos e buscava conscientizar a respeito da questão que ocorria no âmbito do movimento de literatura periférica (Balbino, 2016)<sup>86</sup>; a segunda, como forma de denúncia, as mulheres colocavam em seus perfis do facebook fotos de si amordaçadas (Balbino, 2016; Tennina, 2017). Jenyffer Nascimento, dá um testemunho ilustrativo da luta travada:

“Cara, o gênero pra mim a gente fez [um rompimento], aí eu acho que aí a gente rompeu mesmo, aí eu acho que já tá mais ligado a nossa geração [em relação a raça, que estaria na geração dos slams]. A gente fez uma cisão de gênero ao ponto de você ter situações em que as pessoas ficavam em pânico quando algumas pessoas chegavam porque sabia que ia ter textão, sabia que iam ter muitas coisas, rolou uma campanha chamada “Não poetize o machismo”, que movimentou muita coisa nas redes sociais e que trouxe à tona comportamentos particulares daqueles homens que eram “os homens dos saraus” e enfim, acho que cê tem aí, começa a ter um cuidado dos homens para com as mulheres que não existia. Então os homens passavam a mão em você, tiravam lasquinha, eles

---

<sup>86</sup> Sobre a campanha, **#naopoetizeomachismo**, Balbino (2016), cita a reportagem: <https://nosmulheresdaperiferia.com.br/mulheres-criam-campanha-contra-machismo-na-cena-cultural-periferica/>

falavam bobajadas, um monte de coisa que eu acho que hoje isso pelo menos é muito diferente comportamentalmente, manifesto expresso mesmo e acho que você tem uma valorização da produção intelectual das mulheres, por exemplo. As mulheres não são só alegóricas ou não só bonitas, eu acho que eles tiveram que reconhecer a produção intelectual dessas mulheres dentro desses saraus e acho que não só pra poetas, pras próprias professoras e essas outras manas. E aí tem um episódio emblemático porque no Sarau da Cooperifa rolava um evento chamado "Arrualhaço", que era no dia 8 de Março, em que os homens se ajoelhavam e faziam uma espécie de reza pedindo perdão as mulheres por todos os pecados cometidos [risos]. Então é isso, é esse tipo de coisa, que até no Dia das Mulheres, os homens que eram os protagonistas pedindo perdão por serem filhos da... filhos da mãe assim, né?"

As estratégias adotadas conquistaram vitórias importantes ao longo do tempo, conforme percebemos nas entrevistas e por pesquisas analisadas. Balbino (2016), inclusive, constata que a partir de 2012 há um considerável incremento de publicações de mulheres. Por essa mobilização coletiva, há também um importante encontro com a questão antirracista, como conta Jenyffer Nascimento:

“Então, fazendo uma ponte passado-presente, a gente precisou se reconhecer enquanto poetas periféricos, para entender que nós tínhamos um lugar enquanto ponto de partida. Mas, depois, na voz narrativa dos seus textos, isso ecoa de uma outra maneira mesmo. Aí, junto a isso, você tem um movimento também de mulheres negras falando sobre questões ligadas ao feminismo, ou talvez sobre o combate ao machismo que foi uma luta travada nesses espaços de saraus. Mas ao mesmo tempo muitas dessas agentes que estavam movimentando essas discussões, eram mulheres negras. E mulheres negras falando do machismo, mas falando a partir de ser uma mulher preta. Falando da sexualização dos corpos e etc. Então eu acho que há aí também uma outra ligação com esses grupos de mulheres negras que se afirmam enquanto poetas, porque era uma afirmação mais dadas aos homens do que as mulheres, essa apropriação de eu sou uma poeta. (...)”

Como relata Balbino (2016), de fato, as publicações de coletâneas exclusivas foram essenciais para a ampliação de participação de mulheres nas publicações, sendo que a maioria delas foram organizadas por e para mulheres negras. Esses volumes, como apresenta a pesquisa de Balbino, representaram não apenas um divisor de águas para as mulheres que participaram se afirmarem enquanto poetas periféricas, mas também enquanto escritoras negras.

Sob esse aspecto, é de se notar duas características importantes que Rios e Maciel (2018) apontam na luta das mulheres negras de geração mais contemporânea no Brasil: a relevância do ativismo digital, e a mobilização da ideia de interseccionalidade, em especial no tocante ao gênero e raça. Num outro



giro, Medeiros (2019) destaca também que mulheres ligadas a coletivos culturais, em especial aqueles relacionados à literatura periférica, têm exercido papel de protagonismo na concepção do feminismo periférico. Me parece que esses fatores se encontram na marcha das literatas periféricas rumo a construção da ideia de antirracismo e periferia naquela literatura.

Como dito acima, Jenyffer Nascimento atribui aos slams o completo rompimento com barreiras raciais, sendo que a afirmação feminista foi a principal conquista de sua geração. A assertividade de sua impressão pessoal para a elaboração sociológica pode não oferecer um perfeito acoplamento, porém é certo que nos slams se presencia, cada vez mais, uma predominância de mulheres negras, como poetisas e campeãs das disputas, como aponta Rios (2020).

Ao que parece, da mesma forma que as primeiras gerações do hip hop lutaram para implementar a dimensão racial como uma questão central na ideia de periferia, as mulheres agora lutam para acrescentar a essa centralidade racial a ideia da questão de gênero. Um elemento muito importante desse fator é a percepção de que essa luta é protagonizada pelas mulheres negras, de modo os embates e negociação levam a interseccionalidade de raça e gênero ao centro das questões periféricas, algo que pode ser visto como um impressionante e muito importante avanço para o campo das lutas populares.

Essa luta, contudo, não se encontra, de maneira nenhuma, descolada da marcha das mulheres dentro do movimento hip hop. Na verdade, como apresenta Tennina (2017), as lutas travadas no meio hip hop constituíram um precedente determinante para afirmação das mulheres na literatura periférica. Do mesmo modo, Balbino (2016) coloca entre a coletânea *Perifemininas* e as lançadas pelo coletivo Louva Deusas, entre as publicações exclusivas de mulheres que entrelaçam a literatura periférica e o hip hop.

O conjunto desses elementos me permite afirmar que nos últimos anos as mulheres vêm, cada vez mais, alçando um lugar de protagonismo na luta antirracista dentro da literatura periférica, enriquecendo a ideia de periferia e de antirracismo com novas camadas e dimensões. Mesmo em relação ao

antirracismo sua militância vem contribuindo para a ressignificação do protesto negro dentro da ideia de periferia, de modo que não se admite mais que a ideia de antirracismo esteja desacoplada do feminismo. A consideração das especificidades de problemas das mulheres negras e, por decorrência, das mulheres não brancas, cada vez mais, assume uma posição de imprescindibilidade na luta antirracista dentro da cultura periférica, graças a movimentação dessas mulheres. Assim, a nova narrativa política da periferia vem sendo paulatinamente moldada pela narrativa forjada no meio cultural.

#### **4.5.2. A afirmação nordestida e o antirracismo**

E começaram a derrubar os barracos, chegou no meu, eu resisti. Tinha uns três barracos ali na resistência. (...) Aí chegou a assistente social e falou, é o seguinte pega esse dinheiro e volta para o nordeste. (..) Aí, eu falei para ela: mano, eu vou para onde eu quiser, não é você que vai me ensinar. E outra: porque você tá falando em nordeste? Pra mim, nem fronteira tem aqui. É tudo uma coisa só. É Brasil, caralho! (...) Mano, eu levo minha vida onde eu quiser!

(Sandro Indaiz contando da discussão com uma assistente social)<sup>87</sup>

A fala na epígrafe do tópico é de Sandro Indaíz, pernambucano de Jaboatão dos Guararapes, músico e organizador do Sarau Segunda Negra. É um trecho do episódio em que ele narra a segunda vez que o estado entrevistou para desalojar sua família da casa em que moravam em uma ocupação irregular. A assistente social que acompanhava o processo de negociação para que as famílias saíssem da área propôs que ele recebesse o dinheiro oferecido para os desalojados e aproveitasse para voltar para o nordeste. A reação dele, mostra que percebe prontamente uma discriminação em razão de sua procedência, levando a afirmação de sua autonomia enquanto cidadão brasileiro.

---

87 Entrevista realizada em 08.2021

Assim como diversos dos entrevistados, entre as primeiras coisas Sandro que falou, espontaneamente, foi apresentar suas raízes. Chama atenção de sua fala que enfatiza essa identidade mais do que sua negritude. Porém não declarou relação com a literatura de cordel, atribuindo ao rap seu orgulho de se afirmar enquanto nordestino: “o rap é fundamental na minha formação como ser humano, como um brasileiro, um nordestino, um periférico.(...)”<sup>88</sup>. Já no caso do Sarau Elo da Corrente, como Raquel Almeida conta, a literatura de cordel influencia sua criação e a de outros poetas daquele sarau, além de haver cordelistas frequentadores<sup>89</sup>. Nas suas palavras:

(...)Então o Elo começou a se identificar como sarau com três eixos: Cultura Periférica, Cultura Nordestina e Cultura Negra. Por que a nordestina? Porque somos filhos de baianos e “filho de baiano”, como diz o Mano Brown e Douglas filho de Pernambucano, Michel filho de Pernambucano com Mineiro ali. Então a gente começou a observar na nossa identidade racial e nordestina o quanto que a gente sofreu vários tipos de preconceito na infância e adolescência assim, por ser filho de baiano. Então a gente começou a reafirmar isso dentro dos saraus, então a gente lia muita literatura de cordel lá, a gente lia livros de todos os autores negros que você imaginar que lançava livro na periferia – Allan, Akins, Elizandra, sabe?(...)

A revisão bibliográfica apresentada no capítulo 2 sobre estudos urbanos demonstrou que a questão da migração sempre ocupou um papel importante na explicação da formação das periferias. A crescente industrialização de São Paulo tornou a cidade um grande polo de atração de trabalhadores de todo o país, mas mais especificamente da região nordeste do Brasil. A chegada dessas ondas migratórias não apenas coincidiu, mas fazia parte do sistema de produção da periferia e do chamado processo de espoliação urbana. Desde aquele momento se formava também um processo de discriminação contra nordestinos, associando-os à pobreza, ignorância e irracionalidade, criminalidade e decadência na pujança da cidade.

No entanto, é importante considerar que essa discriminação estava intimamente associada ao fator racial. Os imigrantes que vieram para cá em boa parte eram negros, assim como negros são boa parte desses literatos periféricos que se declaram nordestinos. A discriminação contra nordestinos construída no

---

88 Entrevista realizada em 08.2021

89 Em entrevista realizada 07.2021

imaginário brasileiro só ganha pleno sentido quando articulada com mais dois elementos: pobreza, raça ou ambos.

É uma manifestação cujas chaves para a discriminação são a linha da cor e a diferença cultural. Algo muito comum na Europa pós-segunda guerra, que já havia então rejeitado o racismo cientificista, mas se deparou com as fortes ondas imigratórias oriundas de suas colônias, como cita Guimarães (2012). Vale ainda trazer as palavras deste autor, sobre a assimilação das correntes imigratórias européias mais recentes no Brasil, as quais tiveram uma recepção muito positiva quando comparada à população negra nativa<sup>90</sup>:

“De qualquer modo, o fato é que as comunidades étnicas formadas por imigrantes e seus descendentes, vistas pelos brasileiros de quatro costados como “estrangeiros” e que, por sua vez, desdenharam dos “brasileiros”, uma vez absorvidas nas “elites” sulistas ou nas classes médias nacionais passaram a redefinir os demais, sobretudo os trabalhadores e a “ralé”, marcadamente mestiça, como “bairanos”, “paraibas, ou “nordestinos”. Dito de outro modo, “baiano” e “nordestinos” passaram a ser, neste contexto uma codificação neutra para os “pretos”, “mulatos” ou “pardos” das classes subalternas, transformados, assim, nos alvos principais do “novo racismo” brasileiro.

Vê-se, assim, que a ideia da discriminação regional tendo como base velada a ideia de raça não passou despercebida pelo campo das relações raciais. O movimento hip hop também evocou a questão da procedência ou ascendência nordestina, enquanto fator de orgulho. Não apenas isso, a partir do momento em que raça é um elemento central para a periferia narrada pelo hip hop, a questão regional deixa de ser lida de forma abstrata colando-se a um grupo racial, o grupo negro e não branco.

Se, por um lado, a literatura periférica retoma tais ideias já trabalhadas pelo hip hop e pelos estudos urbanos, por outro, isso não significa que não traz um aprofundamento da associação e uma evolução a respeito do tema, dando novos contornos para a questão da raça a partir da procedência regional. Em resumo, deixam cada vez mais evidente que o nordestino periférico é discriminado por sua classe, sua cultura regional e por sua cor.

Seja pela porta do rap ou pela porta do cordel ou por qualquer outra razão, a auto-afirmação positiva da origem e cultura do nordeste, neste caso, mostra-

---

90 P. 58

se fortemente associada ao antirracismo na literatura periférica. Assim, muito embora a questão da migração nordestina estar contida na periferia desde seus primórdios este elemento é renovado na literatura periférica. A partir da literatura periférica a interseccionalidade da procedência regional com questão racial fica explícita, não deixando dúvidas de sua existência. A expressão do antirracismo passa a ser também feita pela valorização da origem nordestina. A condição da migração e a recepção social do migrante também é uma questão que deve ser interpretada com a chave da cor e essa necessidade é expressada pela literatura periférica.

#### 4.5.3. Outras interseccionalidades

Meu país é uma criança rica e mimada

E a tua babá é motivo de piada

Então diga-me o que você sugere

Sem olhar para gênero, orientação sexual ou cor da pele?

(Santos Drummond, trecho do poema Vômito)

Para além da questão de gênero e raça, outros marcadores sociais surgiram como relevantes para identidade, poesia e posição assumida no movimento de literatura periférica entre os entrevistados.

Questões de sexualidade, como para Dinha que traz esse tema em sua entrevistas como um ponto que a influencia, ou como Santos Drummond que recita no Slam do 13 sobre o tema da bissexualidade. Questões sobre deficiência, como traz Luan Luando<sup>91</sup>. Ou questões de sexualidade e idade, como traz King Abraba. Essas e outros marcadores aparecem em maior recorrência e às vezes de forma implícita nas falas, porém, o que fica expresso no antirracismo que vem sendo construído pela literatura periférica é que ele compreende a multidimensionalidade da discriminação que pode acometer os

---

<sup>91</sup> Luana Luando tem deficiência em um dos braços.

indivíduos de forma que ser periférico, implica ser antirracista e ser antirracista implica em enfrentar todas formas de opressão com base em marcadores sociais. É um princípio que norteia tanto a produção literária como a organização dos espaços de saraus e slams. É válido para ilustrar a fala de Cocão Avoz, que expressamente se diz influenciado por sua cor e pela ascendência nordestina de seus pais. Quando perguntado se considera o sarau um espaço antirracista, responde:

Sim! Ela é antirracista, antihomofóbico e não produzimos nenhum tipo de preconceito lá dentro. Já é falado lá que racistas, homofóbicos e xenofóbicos não são bem-vindos. Pessoas que tratam pessoas mal e agressores não são bem-vindos no ambiente.

Essa compreensão do antirracismo alcança acaba por extravasar o racismo anti-negro, alcançando também a pauta indígena. Como colocado no primeiro capítulo, desde o início os povos indígenas são considerados em alguma medida entre os marginais/periféricos, figurando inclusive representantes na publicação da Caros Amigos Literatura Marginal. Para além disso, o discurso antirracista de militantes e escritores negros, com uma razoável habitualidade, traz em seu conjunto a menção à questão indígena. Tais postura se refletem na ação prática a partir de articulações do movimento de literatura periférica com lutas do movimento indígena.

A relação existe de maneira mais pronunciada no Quilombaque e no Sarau Segunda Negra, embora poetas como Luan Luando também tenham relação direta com grupos indígenas e com suas lutas.

O Quilombaque desde sua fundação atua de maneira fortemente integrada com o protesto negro, de modo que essa articulação com o movimento indígena é oriunda de uma rede de lutas sociais, da qual a literatura periférica é um elemento. O Sarau Segunda Negra, por outro lado, inciou sua relação com a Comunidade Guarani dos Jaraguás por inspiração da articulação já estabelecida com o movimento punk, uma conexão de recorrência menor, mas digna de nota por seu papel relevante na constituição de alguns saraus. O Segunda Negra ocorre no Fofão Rock Bar com a ajuda também do próprio dono, Fofão, um homem formado pelo movimento punk.

Em slams, os temas de enfrentamento a discriminações múltiplas são recorrentes junto com a questão racial, incentivando mesmo a gestação de

novas experiência (ainda que não periféricas), como aquelas gestadas pelo Slam do Corpo, onde duplas de poetas surdo e ouvinte, realizam construção na língua portuguesa e língua de sinais, ou o TRANSarau focado nas questões LGBTQIA+.

#### **4.6. Considerações da análise: de categoria territorial a categoria social, de categoria analítica a categoria política**

“O termo PERIFERIA convocado neste manifesto representa um ato político. Assumi-la como marca identitária significa evidenciar as disparidades sociais, econômicas, geográficas e culturais historicamente impostas, assim como, neste contexto, considerar a desproporção de verbas públicas destinadas à produção cultural das quebradas.”

(Trecho do Manifesto Periférico pela Lei de Fomento às Periferias)

Ao longo do Capítulo 3, pudemos ver como a ideia de periferia vai gradativamente se transformando de uma categoria territorial para uma categoria social. Esse processo se inicia no âmbito da própria academia conforme avançam os objetos de estudos privilegiados sobre o tema. No entanto, a metamorfose atinge seu ápice com a apropriação do termo pelo movimento hip hop, quando o nome periferia passa a ser amplamente utilizado enquanto a designação de um grupo e seus atributos característicos.

Com a disseminação do termo periferia para outros movimentos culturais, especialmente o de literatura periférica, o que percebemos da análise das entrevistas é que este está longe de alcançar um significado unívoco ou estático. Em verdade, o termo continua em movimento tão dinâmico quanto a própria literatura periférica e suas transformações.

A ideia de periferia herdada do hip hop assegura um forte conteúdo antirracista. Mas esse conteúdo não se encontra livre de disputas. Assim como ocorreu no próprio circuito do hip hop, não faltam aqueles que, voluntária ou involuntariamente, continuam flertando com a negação das diferenças do

racismo brasileiro, reproduzindo o ideal de democracia racial ao querer retirar o conteúdo racial da ideia de periferia.

No entanto, o que se vê é que a luta antirracista vem prevalecendo nos embates e acrescentando novas camadas a ela. É o que se percebe com a luta das mulheres, capitaneada pelas mulheres negras, que seguem dando impulso ao antirracismo e acoplando a este, de maneira indissociável, a interseccionalidade. Da mesma maneira, vemos que as articulações que surgem do movimento de literatura periférica conexões criativas com o passado e o presente surgem, como as relações que se estabelecem com o movimento punk<sup>92</sup>, a resignificação da ocupação do espaço do bar (onde mulheres forçaram sua entrada, permanência e respeito) e, cada vez mais, o uso da internet como modo de propagação da literatura periférica, como ferramenta de protesto político-cultural e também para contornar dificuldades como as impostas pela pandemia de COVID-19.

A ideia de periferia se transforma e se desloca. Há muito tempo que nem todos os saraus são realizados nas regiões de periferia, e com a internet o sentido de localidade se esvai ainda mais, valendo mais o “quem” do que o “onde” para a definição de periférico. E o “quem”, através de conflitos e negociações se redefine, se adicionando-se cada vez mais camadas.

A seguir, apresentamos dois mapas que mostram localizações variadas com características igualmente variadas dos territórios em que estão os saraus<sup>93</sup>. Antes, apresento a lista dos saraus e slams, com os respectivos endereços:

Copeerifa	R. Bartolomeu dos Santos, 797 - Jardim Leticia, São Paulo - SP, 05821-030
Sarau do Binho	R: Santa Luzia 96 - Vila Santa Luzia, Taboão da Serra - Espaço Clariô

<sup>92</sup> O Fofão Rock Bar, sede do Sarau Segunda Negra é um bar punk, sendo o seu proprietário o Fofão, um dos organizadores também do sarau. Viveu em sua juventude o movimento punk, que informa sua identidade até hoje. Vagnão também teve intensa vivência no movimento punk que influenciou em suas elaborações para o sarau da Brasa. O movimento punk chegou em São Paulo no fim da década de 70, atingindo o auge ao longo da década de 80. Teve grande penetração nas regiões periféricas de São Paulo<sup>92</sup>, onde serviu como importante canal de veiculação política, permitindo aquela juventude expressar seus dilemas e sua falta de perspectivas diante da conjuntura social. Um de seus polos mais fortes foi a na zona norte de São Paulo, nas regiões de Vila Carolina, Limão e Freguesia do Ó (Santos, D. 2015). Provavelmente a localidade explique a razão que essa seja uma das influências de Vagnão, poeta e organizador do sarau da Brasa, no bairro de Brasilândia, onde ele morou a maior parte de sua vida.

Há semelhanças intrigantes entre as dinâmicas do movimento punk e hip hop. Agrupavam-se em gangues que tinha direcionamento político, o intercâmbio entre diversas periferias levava os jovens a circularem pela cidade e a região do centro. Inclusive, o Largo São Bento, assim como para o hip hop, era um de seus principais pontos de encontro (Santos, D. 2015). Para Vagnão, entre os aprendizados que foram importantes com o movimento está desenvolvimento do hábito de leitura.

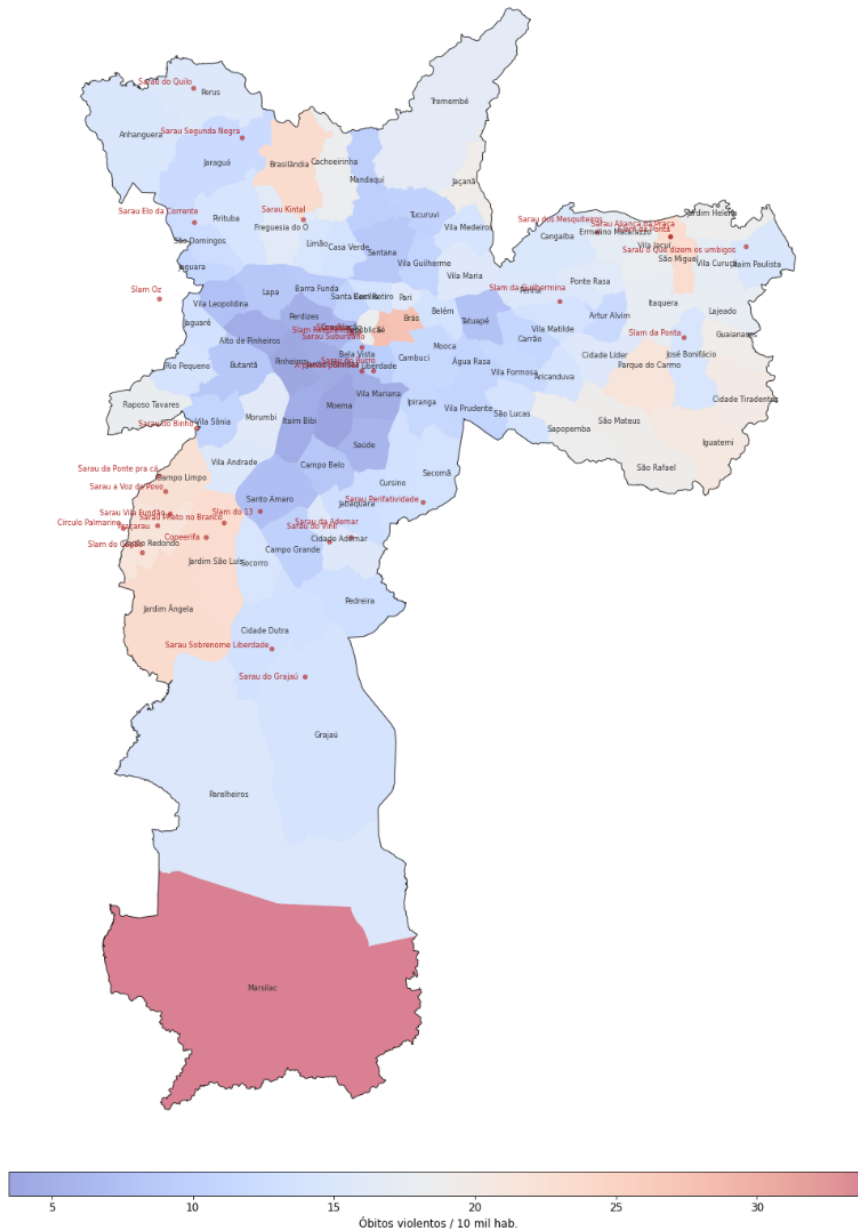
<sup>93</sup> Agradeço a Henrique Skems Xavier pela elaboração dos mapas. Os espaços indicados no mapa foram escolhidos entre aqueles que os entrevistados frequentam e outros que conseguimos mapear.



Sarau da Brasa	Rua Manoel de Souza Azevedo, 48
Sarau Elo da Corrente	R. Jurubim, 788 - Recanto Monte Alegre, São Paulo - SP, 05170-100, Brasil
Sarau do Quilo	Travessa Cambaratiba, 05 – Perus/SP
Slam do 13	Metrô Largo 13
Sarau Segunda Negra	Estrada das Taipas 3827 02989-140, São Paulo, SP
Sarau Suburbano	Giostrí Livraria, Rua Rui Barbosa, 20
Slam da Guilhermina	Rua Astorga, 774, São Paulo, SP - ao lado do metrô Guilhermina-Esperança
Sarau da Ademar	Rua Professor Felício Cintra do Prado, 152
Sarau Vila Fundão	Rua Glenn s/nº - Capão Redondo Próximo ao Metrô Capão Redondo
Sarau do Burro	R. Nilo, 132 - Aclimação
Sarau o Que dizem os umbigos	Av. Barão de Alagoas, 340 - Itaim Paulista
A plenos pulmões	Casa das Rosas
Círculo Palmarino	Rua Campos Sales, 43, Jardim Presidente Kennedy, Embu - SP
Sarau Perifatividade	Rua José Pereira Cruz, 81, Pq Bristol
Slam do Capão	Rua Bacia de São Francisco, s/n
Sarau do Vinil	Avenida Yervant Kissajikian, 1439
Sarau da Quebrada	Não delimita território pelo Estado de São Paulo
Sarau dos Mesquiteiros	E.E. Jornalista Francisco Mesquita, em Ermelino Matarazzo - Av. Venceslau Guimarães, 581 - Parque Cisper, 03823-000 São Paulo, SP
Slam Resistência	Praça Roosevelt
Slam Rua	Casa Amarela Quilombo Afroguarany, Rua Consolação, 1047
Sarau Aliança da Praça	Praça Padre Aleixo Monteiro Mafra (Praça do Forró), SN, São Miguel Paulista
Slam Oz	Estação Osasco da CPTM – Linha 9 Esmeralda – praça Antônio Menck, sn, Centro, Osasco
Sarau Kintal	Rua Antonio Ramos da Cruz, 51 - Alt 3140, av. Itaberaba
Sarau Sobrenome Liberdade	Rua Manoel de Lima, 178, Jordanópolis
Praçarau	Rua Domingos Peixoto da Silva
Sarau a Voz do Povo	Rua Bernardo Nunes, 93 Jd. Helga Campo Limpo; Rua José Viriato de Castro, 78 Campo Limpo
Sarau do Grajaú	Rua Antônio Comenale, 166, Parque Cocaia, 04850-010, São Paulo - SP
Slam da Ponta	<a href="#">Av. João Batista Conti, 1245 08255-210 São Paulo, SP</a> ; Praça Padre Aleixo Monteiro Mafra, São Miguel, São Paulo - SP, 08011-010, Brasil

Sarau Preto no Branco	<a href="#">Rua Bento Barroso Pereira 2 05815 085 São Paulo, SP</a>
Sarau Aliança da Praça	Praça do Forró - Encontro da Av. São Miguel e a Av. Nordestina

O primeiro mapa mostra a posição desses espaços em relação aos óbitos violentos na cidade<sup>94</sup>:



<sup>94</sup> Fontes dos dados para óbitos violentos, Sistema de Informações sobre Mortalidade – SIM/PRO-AIM – CEInfo –SMS-SP  
<http://tabnet.saude.prefeitura.sp.gov.br/cgi/deftohtm3.exe?secretarias/saude/TABNET/SIM/obito.o.def>



Esses mapas mostram que muitos saraus e slams coincidem sua localização com áreas periféricas da cidade e em regiões críticas de grande incidência de óbitos violentos. Por outro lado, há também uma considerável concentração de saraus e slams na região central de São Paulo.

Aqui, vê-se que a localização não é necessariamente um fator de determinação da característica periférica da produção literária periférica. O deslocamento do termo periferia de uma categoria territorial para uma categoria social, fica incontestemente nessa situação. Porém há novas dimensões agregadas ao termo periferia que me fazem crer novos deslocamentos.

Nesse sentido a forte compreensão interseccional que vem sendo dada ao antirracismo no âmbito da literatura periférica e nos espaços de saraus e slams vêm fazendo da ideia de periferia uma verdadeira categoria política.

As ideias expostas no tópico 4.2 deste capítulo, a respeito da cultura negra como ferramenta política, traz algumas respostas sobre como não seria surpresa essa evolução do termo e sua utilização enquanto mote aglutinador de pautas políticas. Aqui, considero necessário trazer que a fusão de cultura e política já foi também objeto de crítica.

O brasilianista Hanchard (2001), ao estudar a trajetória do movimento negro no Rio de Janeiro e São Paulo entre o período de 1945 e 1988, aplica o conceito de *famílias de semelhanças*<sup>96</sup> para a questão da política racial nessas duas regiões. Ele decompõe a ideia em duas categorias de vinculação: semelhanças fortes e fracas. As semelhanças fracas se baseariam em padrões de identificação, cuja memória visual despertaria uma ideia instintiva de origem comum ou história de experiência compartilhada de opressão. É despertada de maneira simples, sendo uma simples questão de disposição. Já a semelhança forte, partiria da semelhança fraca, mas estaria ligada a critérios mais críticos e estratégicos, de modo que a disposição inicial sairia do campo afetivo, havendo a possibilidade de superar eventuais diferenças para atingir objetivos políticos concretos (mobilização social).

Em sua tese, Hanchard tentava responder o porquê de não haver um movimento negro massificado no Brasil capaz de fazer frente ao bloco de

---

<sup>96</sup> Como Hanchard explica em seu livro, o conceito é emprestado de Fischer, que o criou para aplicar na análise de etnias.

hegemonia branca<sup>97</sup>. Entre as razões, estaria a preponderância exagerada do culturalismo em detrimento de posturas ideológicas coerentes<sup>98</sup> e uma prática política mais estratégica, determinada a um fim próprio. Assim, pautadas excessivamente no culturalismo, as mobilizações negras estariam, em sua maioria, baseadas em semelhanças fracas, havendo falta de elementos de coesão para a semelhanças fortes.

A crítica de Hanchard decorre de sua posição em um determinado momento histórico dos movimentos que estudou, quando esse debate de fato estava intensamente colocado pelos grupos negros. Também de se considerar que a crítica é direcionada às manifestações essencialistas e pautadas na construção de uma identidade originária de uma África mítica, baseadas em uma negritude depurada da intenção uma organização voltada para a reação efetiva contra a negação de direitos e à submissão social a que os negros estariam sujeitos. Por isso, naquele momento, propôs um rompimento com o “culturalismo”.

As críticas de Hanchard fomentaram amplo debate no Brasil, e não passaram ilesas de problematizações. Embora referentes a um período determinado, me parece válida trazê-la por ser um ponto importante para refletir a relação da cultura com a política nos dias atuais.

Vinte anos se passaram desde a crítica feita por Michael Hanchard (2001) sobre o culturalismo, e agora parece oportuno resgatá-la para algumas considerações. Isso porque a análise de Hanchard oferece uma plataforma firme o suficiente para refletir sobre as possibilidades políticas do antirracismo na literatura periférica.

Hanchard considerava o excesso de ênfase nas manifestações culturais e essencialistas um equívoco do movimento negro ante a alternativa de se adotar políticas de estratégia direta de tomada do poder no Brasil. Para ele, o problema

---

<sup>97</sup> No caso, Hanchard utiliza mesmo o conceito de Bloco de Hegemonia, Antônio Gramsci, que constituiria o conjunto de adornos culturais, políticos e ideológicos que asseguram a legitimação do domínio de grupo social sobre o outro. “*Portanto, a questão global para as duas situações que Gramsci pretendeu abordar era a seguinte: como é que os indivíduos (grupos) subalternos forjam valores contra-hegemônicos a partir dos valores reacionários existente, sem reproduzi-los sob novas formas? Essa questão se encontra na maioria das lutas pela dominação em escala nacional e prevalece nas lutas entre os ativistas afro-brasileiro e uma sociedade racista que, historicamente, tem negado a existência da discriminação racial em seu seio.(...)*”(Hanchard, 2001, p. 37)

<sup>98</sup> P.118

estava não apenas na afirmação cultural, mas nas tensões geradas entre o “culturalismo estrito e uma política cultural mais ampla”, gerando um impasse no âmbito do movimento negro.

Desde seu lançamento, o livro *Orfeu e Poder* passou por diversas críticas e fomentou acalorados debates, e acredito que muitos dos argumentos de Hanchard ainda se sustentam. Em relação ao culturalismo, entretanto, se, por um lado, há de fato mobilizações culturais encapsuladas e avessas à ação política direta, o movimento da literatura periférica parece testar as possibilidades de uma associação entre política e cultura com bastante potencial.

É certo que ao falarmos de cultura periférica não estamos mais falando de movimento negro estritamente, mas isso não impede relações com as mobilizações negras e com o protesto negro como vimos até aqui. A cena da literatura periférica está presente nos mais diversos movimentos sociais, se imiscuindo também em partidos políticos, e não é diferente nas mobilizações negras. Vemos a presença dos literatos periféricos, negros ou não, em diversos atos do protesto negro, mostrando um potencial de configuração extremamente positivo ao se tornar também um polo atrativo de pessoa não negras para a estratégia direta de fortalecimento da agenda do movimento negro.

Em relação ao movimento negro, o fluxo é intenso. Há muitos agentes que se interseccionam no campo do movimento negro e da literatura periférica, como Akins Kinté, Allan da Rosa, Dinha, Santos Drummond. Essa intersecção pode se dar com uma participação consistente e contributiva em atos e ações do movimento negro, como é o caso de Akins e Allan; ou com uma participação mais orgânica, como Dinha que faz parte da Rede de Proteção e Resistência Contra o Genocídio. Já Santos Drummond participa do grupo Maloka Socialista, uma corrente do Partido Socialismo e Solidariedade - PSOL, voltada à luta antirracista e defesa dos direitos da periferia. Ademais, como apresentado ao longo da dissertação, há saraus e slams que se iniciam no âmbito de organizações do movimento negro, como o Sarau D’Quilo, o Slam Letra Preta e o Sarau Palmarino.

Na mesma toada, mas com sinal invertido, há agentes dos saraus que estabelecem uma vinculação inequívoca com o movimento negro. Um bom exemplo deste último caso é o sarau da Cooperifa, cujos organizadores

frequentemente aparecem em manifestações do movimento negro. A respeito dessa integração, Sergio Vaz, presente em muitas ações do protesto negro, afirma que essa participação é promovida pelos próprios poetas e outros artistas negros que provocam, por suas poesias, os cooperiféricos. Mas a provocação também ocorre por outros frequentadores, militantes do movimento negro, que igualmente instigam à participação:

É, porque, assim, você tem mulheres e homens do sarau da Cooperifa que não são ativistas, são militantes. Ativista vai quando pode, militante é de segunda a segunda, não é? E que chegam lá cara, a gente tem parceria com o Movimento Negro da Bahia - Reaja ou será morto, reaja ou será morta do Hamilton Borges. Hamilton Borges é um frequentador do sarau que chega lá e nos levanta. Vem o Douglas Belchior nos levanta, vem a Bianca Santana, vem a Sueli Carneiro. Aí é isso que eu to te falando, eu não lembro como foi que essa simbiose [aconteceu], entendeu? Porque é muito legal isso porque na periferia, no sarau da Cooperifa, a branquitude do sarau da Cooperifa ela é antirracista porque ela aprendeu também, cê tá ligado? É didático, cê entendeu? É didático. Então por isso que eu falo que a conversa, o diálogo ela é muito importante, entendeu? Talvez se o sarau fosse só da negritude eu não sei se seria tão pedagógico como é sendo os brancos poderem ir, cê tá ligado? Porque ali que o cara ouve aquilo e tem que falar “mano ou eu me encaixo ou eu tenho que sair fora, mas se eu sair fora eu vou perder esse bagulho que é daora”, cê tá ligado?

Ademais, há muitas mostras de que a partir dos anos 2000 os movimentos culturais têm exercido um relevante papel na cultura política dos movimentos sociais. As explicações para esse fenômeno, entre um efeito colateral do neoliberalismo e transformações criativas proporcionadas pela juventude, não caberiam de ser avaliadas neste momento. Porém, é válido lembrar alguns efeitos práticos que essa mobilização através da cultura pode proporcionar.

A começar pelo Movimento Cultural das Periferias - MCP, uma coalizão de coletivos culturais de periferias dos quatro cantos da cidade, que, além de citado nas entrevistas realizadas, é uma força muito conhecida nos meios políticos, principalmente por sua atuação a partir de 2013 a respeito do orçamento da prefeitura de São Paulo. A epígrafe que abre este tópico foi retirada do manifesto do MCP de quando reivindicava uma lei que garantisse fomento às periferias.<sup>99</sup> Sua forte atuação, pautada na ideia de periferia forjada no âmbito dos movimentos culturais, levou, de fato, à desejada aprovação da Lei de Fomento às Periferias, Lei Municipal n.º 16.496/16, que fomenta projetos culturais desenvolvidos nas periferias de São Paulo.

---

<sup>99</sup> O Movimento Cultural das Periferias surgiu em 2013, na sua página de facebook, pode-se ver o Manifesto pela aprovação da Lei de Fomento às Periferias: <https://www.facebook.com/MovimentoCulturaldasPeriferias/posts/1619762388237216/>

A outra mobilização, muito interessante por sua conjugação expressa com a pauta racial, é a eleição em 2020 do Quilombo Periférico para a Câmara dos Vereadores de São Paulo. Esta, uma bancada coletiva formada por lideranças do movimento negro e periférico, composta pelos vereadores Elaine Mineiro, Samara Sosthenes, Alex Barcelos, Debora Dias, Erick Ovelha e Júlio Cezar. A co-vereadora Elaine Mineiro é a cabeça de chapa, uma mulher negra e que também participou das lutas por aprovação da Lei de Fomento às Periferias.

Um efeito de grande relevância, quando estamos tratando de politização, que é produzido principalmente pelos saraus é a inserção de jovens no universo das letras. É a partir dos saraus e do sequente envolvimento com a literatura periférica que muitos jovens têm um envolvimento com o mundo letrado para além de sua utilidade pragmática (ler o itinerário do ônibus, preencher um formulário, etc.). Uma vez que a relação com mundo das letras se estabelece de forma mais profunda em cada novo integrante, fica aberta uma porta para uma reflexão crítica a respeito do mundo e para a criação de laços com a dimensão política da narrativa do mundo.<sup>100</sup>

Esses exemplos, não servem para uma resposta definitiva a respeito das possibilidades e limites do antirracismo na literatura periférica, mas certamente apontam as potencialidades da cultura enquanto veículo de comunicação política, como a luta negra vem utilizando por séculos. Ideias e posturas que circulam em intenso diálogo com academia e meios políticos, desde a década de 70, apresentam frutos aprovando leis e elegendo vereadores. É claro que é pouco perto do que almeja a luta por emancipação negra, mas são resultados concretos e relevantes. Essa trajetória demonstra também que o termo periferia passa cada vez mais de uma categoria social, tal qual usada no hip hop, para uma categoria política, a qual aglutina uma série de pautas ligadas as próprias identidades que são construídas no âmbito do movimento cultural.

É também bastante significativa a ampla atuação que o movimento de literatura periférica vem empreendendo no cenário escolar. Há uma forte presença de educadores nos espaços dos saraus, e rotineiramente os saraus fazem apresentações especiais nas escolas. Hoje, há até um campeonato de

---

<sup>100</sup> Agradeço à Professora Jaqueline Lima Santos pelas observações a respeito da questão da introdução em um universo mais profundo ao mundo das letras.



slams interescolar<sup>101</sup>. A circulação de poderosos discursos antirracistas, antimachistas, defensores da causa LGBTQIA+ e de afiada crítica social certamente contribuem para uma disseminação na juventude de novas ideias, de onde mobilizações políticas podem se potencializar. A literatura periférica segue trabalhando, todos seus efeitos políticos e culturais ainda estão por se desvelar.

## CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho, procurei demonstrar alguns aspectos do antirracismo no movimento de literatura periférica. Através de pesquisa bibliográfica e realização de entrevistas em profundidade, procurei compreender o sentido do antirracismo nessa literatura, a gênese de sua inserção na ideia de periferia, bem como alguns de seus principais aspectos e conexões com outras iniciativas políticas antirracistas.

No primeiro capítulo se operou uma revisão bibliográfica a respeito da literatura periférica, com o intuito de traçar um panorama de sua trajetória vintenária e identificar o que já foi dito a respeito da questão racial.

A presença negra e a afirmação racial é, desde o início, um fato muito manifesto que não passa despercebido por nenhuma das pesquisas. A raça é

---

<sup>101</sup> O Slam Interescolar é organizado pelo Coletivo Slam da Guilhermina. Segunda a página de facebook do coletivo, trata-se de Campeonato de poesias faladas entre alunos representantes de escolas do estado de São Paulo. Para participar e representar a escola o aluno precisa ter no mínimo 3 poesias autorais que não ultrapassem 3 minutos de duração, participar do Slam Escolar (organizados nas escolas inscritas) e estar entre os dois finalistas. Disponível em: [https://www.facebook.com/slaminterescolarsp/about/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/slaminterescolarsp/about/?ref=page_internal)

sempre levada em consideração nos trabalhos sobre literatura periférica, e alguns inclusive apontam sua interseccionalidade com a questão de gênero. Este fator é bastante relevante dado que nem sempre o elemento racial é considerado como chave de explicação dos fenômenos, mesmo em situações de elevada racialização, como no caso de muitos trabalhos dos estudos urbanos que têm a periferia como objeto.

Este último fator, inclusive, é o objeto de análise do segundo capítulo. Nele, uma revisão bibliográfica não exauriente, mas que considera obras de grande repercussão, buscou analisar os processos estudados que passaram a compor a ideia do termo periferia. A leitura permitiu uma divisão em ciclos de concentração por períodos. No primeiro período, da década de 70, os interesses se concentravam no processo de formação da periferia e suas relações com as práticas capitalistas exploratórias sobre a classe trabalhadora. No segundo ciclo, a partir da década de 80, os estudos centram sua atenção nas organizações de movimentos sociais originados naqueles territórios em articulação com a luta operária e movimentos pela reabertura democrática. O terceiro ciclo centra seus interesses na criminalidade crescente e suas relações com outras regiões da cidade.

Todos esses ciclos aparecem como as camadas da ideia de periferia: territórios carentes de infraestrutura adequada, ausência de serviços públicos ou prestados com péssima qualidade; um território com potencialidade para mobilização política pela revolta, mas assolado por altos índices de violência, com uma massa de população trabalhadora desagregada como consequência das práticas neoliberais. O ponto comum dos ciclos é que para nenhum deles considera raça como um elemento chave para compreensão dos processos descritos. Isso não significa um completo desconhecimento ou desconsideração do fator racial, especialmente no ciclo referente ao começo dos anos 2000. Entretanto, a racialidade, quando aparece, é colocada apenas um elemento secundários nas descrições e análises.

Num outro prisma, ao longo do mesmo período, percebemos que o campo brasileiro das relações raciais produziu abundantemente estudos correlacionando desigualdade e exclusão social com o racismo. Assim, é possível afirmar que houve um desencontro entre os estudos raciais e urbanos, uma das conclusões do segundo capítulo.

A adição da questão racial na centralidade da ideia de periferia foi objeto do terceiro capítulo, onde se apresentou o movimento hip hop e como este se apropriou e ressignificou o termo periferia. A partir principalmente das letras de rap, a ideia de periferia vai adquirindo novas características, sendo a principal delas a atribuição de carga positiva para o termo periferia e seus residentes. Seria um lugar de grandes adversidades, que levam muitos a sucumbirem. Porém, os moradores que superam tais adversidades, têm caráter resistente, com bastante humanidade e com uma conduta ética e capacidades morais que seus opositores - o centro político, econômico e institucional - não têm condições de adquirir. A outra característica essencial declarada pelo hip hop é que a periferia é um território altamente racializado, com uma população de maioria negra, cujo racismo é um fator de sua condição marginalizada.

Comparando as visões da academia e do hip hop sobre periferia, as chamei, respectivamente, de “visão de fora” e “visão de dentro”. Essa expressão buscou dialogar com a ideia de legitimidade construída pelo hip hop, pela qual só é legitimado para pertencer ao movimento e, por decorrência, falar da periferia, quem vivesse nela e conhecesse intimamente seu cotidiano. Logo, para os integrantes do hip hop, a visão da academia seria uma visão de fora, vez que os pesquisadores, em sua grande maioria, não são provenientes da periferia. Apesar disso, não se pode descartar que o discurso hip hop e do rap aproveita muito do que já havia sido construído pelos estudos urbanos a respeito de periferia. Conhecimento que informou, inclusive, muitos dos movimentos políticos territoriais das décadas anteriores à década de 90.

Tanto a ideia de periferia ressignificada pelo hip hop quanto a ideia de legitimidade serão incorporadas pelo movimento de literatura periférica, de modo a garantir centralidade à prática antirracista. É legítimo para falar de periferia quem é preto e da periferia (o que gera uma quase identificação entre raça e classe). Isto é o que apresentei no capítulo 4, o qual também mostrará que a herança do hip hop não livrou escritores e escritoras negros de conflitos e negociações para garantir essa centralidade do antirracismo. Pelo contrário, a afirmação negra e o enfrentamento ao racismo dependeram de embates internos e até mesmo a criação de saraus específicos de afirmação negra.

O capítulo 4 também apresentou outros aspectos do antirracismo na literatura periférica. As entrevistas realizadas identificaram, além dos percalços

descritos acima, conexões importantes que ajudam a explicar como se estrutura o antirracismo nesse movimento. Os participantes são preocupados não apenas com a afirmação da origem negra, mas também nordestina. Embora o hip hop seja a principal matriz do antirracismo, o desenvolvimento do movimento, seja por ampliação das redes seja por pesquisa dos próprios participantes, levou a outras influências e aprendizados que passaram a contribuir com o léxico antirracista tanto no produto literário como nas ações políticas e demais produções culturais. Conexões com organizações e militantes do movimento negro passaram a incentivar a participação ativa em marchas e manifestações antirracistas, bem como o apoio virtual ou presencial em ações de organizações negras. Da mesma forma a potencialidade de afirmação negra pela via literária incentivou organizações do movimento negro a realizarem seus próprios saraus. Nessa dinâmica, influências das mais diversas manifestações culturais afro-brasileiras são paulatinamente incorporadas ao movimento de literatura periférica.

Mas as conexões antirracistas não se atém apenas à questão negra. Há saraus e participantes do movimento com intenso intercâmbio com grupos indígenas e atuando em defesa das suas lutas, sendo esse outro aspecto do antirracismo na literatura periférica. Não pude perceber a presença indígena rotineira nos espaços dos saraus, porém sua luta política é constantemente lembrada, e o intercâmbio político com grupos militantes dos direitos indígenas de São Paulo, isso sim, algo frequente.

Uma conexão que tem contornos especiais por estarem ambos no campo literário é a relação estabelecida com a literatura auto-declarada negra, em especial o Cadernos Negros, dada sua posição central na atuação de construção de uma literatura negra em São Paulo. Atualmente, literatura negra e periférica se reconhecem mutuamente e estabelecem uma relação de colaboração e fortalecimento mútuo, porém, a fronteira que as separa aparece nas entrevistas de maneira bastante curiosa: a literatura periférica, principalmente através dos saraus, é um canal de legitimação de literatos independentemente de possuírem ou não domínio das técnicas e estilísticas do campo literário. Por outro lado, os escritores periféricos descobrem a importância e razão de ser da literatura negra ao compreenderem esta como um importante instrumento de legitimação e de oportunidade para escritores negros contornarem as barreiras raciais da

consagração literária tanto no movimento de literatura marginal periférica<sup>102</sup> como no campo literário como um todo.

Outra relação especial é aquela com o movimento de mulheres. Como foi possível perceber através das entrevistas, o enfrentamento ao machismo constituiu uma difícil trincheira de batalha, a qual avançou principalmente pela atuação de mulheres negras que assim se auto-afirmam, dando considerável carga de interseccionalidade na luta racial e acrescentando uma nova camada à ideia de periferia.

Por toda essa atuação política nas práticas do movimento periférico, é possível concluir que o termo periferia detém hoje um contorno altamente politizado. Este, traz um aglomerado de bandeiras colocadas especificamente no espectro político de esquerda, sendo que antirracismo e a denúncia social ocupam posição central. Nesse sentido, me parece que é possível identificar dois movimentos em relação à semântica de periferia: enquanto o hip hop promoveu a mutação de uma categoria analítica para uma categoria social, os movimentos culturais da periferia, tendo a literatura na vanguarda, cada vez mais promovem a mutação de uma categoria social para uma categoria política dotada de fortíssima carga interseccional.

Mas é importante ainda fazer uma reflexão a respeito dos achados nas entrevistas. Como dito, os entrevistados estão dentro de uma rede de conexões próximas. Sobre essa questão, Vinuto (2014), ao tratar da técnica de amostragem em bola de neve adverte do risco de se obter apenas entrevistas com opiniões semelhantes quando aplicada essa metodologia de busca dos entrevistados. Acredito que a advertência se aplique para o caso, pois, embora não utilizado exatamente o método da bola de neve, a forma de alcançar os entrevistados utilizou a mesma metodologia, partindo de duas sementes (que chamei aqui de fontes iniciais) que indicam potenciais entrevistados.<sup>103</sup> O

---

<sup>102</sup> Como explicado no primeiro capítulo, dou preferência no trabalho ao termo literatura marginal. Porém, utilizo aqui o termo literatura marginal periférica, para enfatizar seu caráter marginal em relação ao campo literário como um todo. Isso porque a questão tratada aqui é de que mesmo dentro de uma literatura marginal, escritores negros relatam viver uma certa marginalização.

<sup>103</sup> No caso da técnica de amostragem em bola de neve, é necessário que seja feita uma busca exauriente de entrevistados até que se atinja um ponto de saturação das respostas. Nas palavras de Vinuto (2014, p. 203), "(...) a amostragem em bola de neve mostra-se como um processo de permanente coleta de informações, que procura tirar proveito das redes sociais dos entrevistados identificados para fornecer ao pesquisador com um conjunto cada vez maior de contatos potenciais, sendo que o processo pode ser finalizado a partir do critério de ponto de saturação. Porém, é importante lembrar que para definir o ponto de saturação deve-se estar

problema apontado por Vinuto se justifica pelo fato de que os entrevistados são recolhidos entre pessoas de mesma rede de conexões, de modo que as pessoas tendem a indicar pessoas provavelmente com visão de mundo próximas.

As constatações feitas nesta seara não estão livres de tais riscos, de modo que as constatações podem ser lidas mais como pistas ou fatores relevantes do que como respostas definitivas. Entretanto, há que se considerar que para minimizar esse efeito, utilizei duas fontes iniciais diferentes, que me forneceram indicações de entrevistados situados em territórios diferentes (Jenyffer na zona sul e Tata na zona noroeste). Ademais, a rede de saraus é bem coesa, com intenso intercâmbio dentro do movimento, permitindo crer que as opiniões proferidas levam em ponderação outras visões.

De fato, há muitos saraus e slams espalhados por São Paulo, e o número continua crescendo. É possível que um outro grupo trouxesse informações discrepantes das recolhidas nessa pesquisa, porém, acredito que a revisão bibliográfica acaba por corroborar boa parte do que foi constatado, de modo a dar uma maior segurança às conclusões do trabalho. Talvez, mais fácil que de um outro grupo se revelassem novas conexões de movimentos e aspectos adicionais de antirracismo e da compreensão das relações raciais no movimento do que muitas opiniões frontalmente conflitantes com a dos entrevistados.

A herança do hip hop para o antirracismo é um porto seguro. Mas há pistas que podemos tirar das entrevistas sobre o longo percurso histórico da relação entre cultura e política no antirracismo, levado adiante pela luta negra. Esse percurso envolve a participação de agentes políticos e culturais em suas diversas linguagens, intelectuais, acadêmicos, bem como pessoas simplesmente engajadas em uma postura antirracista que contribuem para a divulgação e circulação de ideias.

Este trabalho procurou focar o aspecto da circulação de ideias do antirracismo e sua reprodução no âmbito de um movimento cultural. Acredito que a questão racial deve ser considerada como central para compreender a periferia e suas dinâmicas políticas, inclusive no âmbito dos movimentos culturais. Com isso acredito adicionar contribuições aos aspectos tão importantes expostos em

---

atento às sutilezas da pesquisa de campo, já que muitas vezes o pesquisador tem dificuldades para compreender as informações novas narradas por seus informantes e, por isso, acaba por finalizar a pesquisa mais cedo do que poderia.”

outros estudos sobre literatura periférica, como o processo de formação da própria identidade periférica, a luta por direitos culturais, a disputa por reconhecimento no campo literário, as potencialidades de articulação política em geral.

Também importante considerar que a constatação de ausência da chave racial em determinadas leituras da periferia não visa invalidar outros aspectos muito importantes que têm sido bem evidenciados. É inegável que a classe e a condição social são fatores de extrema importância para explicar não apenas a literatura, mas os mais diversos problemas da periferia e da desigualdade presentes em São Paulo e na sociedade brasileira. A finalidade desse trabalho não é de negar esse aspecto, mas antes, na trilha de Carlos Hasenbalg (2005), mostrar que raça deve ser considerada para a explicação da sociedade brasileira e sua dinâmica, sob pena de gerarmos imensos pontos cegos.

São os pontos cegos que autorizam pesquisas darem a denominação de literatura Hip Hop a um período da literatura periférica, sob a justificativa de que a temática concentra questões de criminalidade, misoginia e rebaixamento do povo. Um critério que obviamente reduz a contribuição e influência do hip hop para as mais variadas gerações da literatura periférica, gerações que hodiernamente ainda enfrentam problemas de machismo no movimento, e que, apesar disso, atribuem ao hip hop (homens e mulheres) não a misoginia, mas sim o orgulho periférico e a tradição de enfrentamento ao racismo.

A tradição negra de utilizar a cultura como uma ferramenta política e canal de afirmação racial e expressão das experiências de desrespeito aparece, ao meu ver, como uma real contribuição para o movimento de literatura periférica e se espalha para outras linguagens culturais, na medida que a ideia de periferia vai se metamorfoseando numa categoria política de luta por direitos.

A afirmação racial, como exposto ao longo do trabalho, não se legitimou sem disputas e negociações com outros participantes do movimento literário periférico. Entretanto, o saldo se mostra altamente positivo até aqui, pois, sem necessariamente criar uma cisão definitiva, grupos não negros e brancos empreendem a marcha da literatura periférica com o antirracismo no centro das pautas. O processo ainda pode sofrer disputas, mas até aqui o antirracismo segue firme como uma das primeiras bandeiras, o que se pode ver

indiscutivelmente nos slams, que avançam também com a pauta de gênero, colocando cada vez mais mulheres em destaque.

Inclusive, penso que uma possibilidade importante de estudo a ser explorada são disputas, avanços e negociações empenhados por mulheres. O papel protagonizado pelas mulheres no desenvolvimento político e cultural da literatura periférica está indiscutivelmente entre as constatações deste trabalho. Mas, o aprofundamento de redes, relações, desafios de legitimação podem trazer uma grande contribuição para uma melhor compreensão do movimento de literatura periférica e para a luta das mulheres, que, como exposto no capítulo 4, têm se desenvolvido nas periferias de São Paulo a partir de coletivos culturais.

O mesmo se diga de grupos LGBTQIA+, que vêm tendo presença crescente nos saraus com poesias que tratam do tema expressamente. Há conexões de escritores com política, como King a Braba que articula um coletivo em sua cidade, Taboão da Serra. Contudo creio que uma pesquisa com esse foco poderá trazer muitos elementos importantes a respeito das possibilidades, limitações e potencialidades da literatura periférica e a luta contra a homofobia.

Em todo caso o horizonte que se apresenta é amplo e promissor. Não é nenhuma novidade a dificuldade que pessoas negras, mulheres e grupos LGBTQIA+ têm de inserir suas pautas na agenda política de grupos e partidos políticos, inclusive no chamado espectro progressista. O que se destaca no presente caso é que, mesmo considerando os percalços, a ideia de periferia vem se mostrando como um potente aglutinador político mais permeável a pautas tradicionalmente marginalizadas.

É claro que há um contexto atual em que partidos dos mais variados espectros políticos têm se deparado com a necessidade de alguma permeabilidade para a ideia de “diversidade”, mas em geral, o que se verifica na maioria dos casos é uma mera encenação de representatividade de quadros, com figuras portadoras de marcadores sociais diversos, mas que performam de maneira totalmente desacoplada de uma real agenda política de direitos. Esse não parece ser ainda o caso dos movimentos que surgem com o mote da periferia, capitaneados especialmente por coletivos culturais. Que essa experiência, ainda em andamento, possa falar por si sobre o que é capaz de promover.



## REFERÊNCIAS

- BALBINO, Jéssica. *Pelas margens: vozes femininas na literatura periférica*. Dissertação de Mestrado em Comunicação, UNICAMP, 2016.
- BARRETO, Paula; LIMA, Márcia; LOPES, Andrea; SOTERO, Edilza. “Entre o isolamento e a dispersão: a temática racial nos estudos sociológicos no Brasil.” *Revista Brasileira de Sociologia*. Vol. 05, n. 11, set/dez, 2017.
- BOLAFFI, Gabriel. *Habitação e urbanismo: o problema e o falso problema*, in MARICATO, E., (1982) *A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil Industrial*. 2ª Edição, São Paulo, Editora Alfa-Omega.
- BONDUKI, Nabil Georges e ROLNIK, Raquel. *Periferias: ocupação do espaço e reprodução da força de trabalho*. 1ª ed. São Paulo, 1979. Programa de Estudos em Demografia e Urbanização. Cadernos de Estudo e Pesquisa 2.
- BOURDIEU, Pierre. (2015) *A distinção: crítica social do julgamento*. Tradução de Daniela Kern. Porto Alegre, Zouk, 2ª ed. rev, 2ª reimpr.
- \_\_\_\_\_. (1968) *Campo Intelectual e Projeto Criador*. Rio de Janeiro, Zahar Editores.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de muros. Crime, segregação e cidadania em São Paulo*. 3ª ed. São Paulo: Editora 34/Edusp, 2011. 1ª Reimpressão, 2016.
- CAMARGO, C. P. F. de; CARDOSO, F. H.; MAZZUCHELLI, F.; MOISÉS, J. A.; KOWARICK, L.; ALMEIDA, M. H. T. de; SINGER, P. I.; BRANT, V. C., (1982) *São Paulo 1975: crescimento e pobreza*. São Paulo, Edições Loyola.
- CARRIL, Lourdes. (2009, 1ª reimpressão), *Quilombo, Favela e Periferia: A longa busca da cidadania*. São Paulo, Annablume.
- CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA GUAIANÁS. *Coletivo de Esquerda Força Ativa*, in *TV Memória e Periféria*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RvnqLOlgt8> , consultado em janeiro de 2022.
- COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma, (2021) *Interseccionalidade*. Tradução de Rane Souza. São Paulo, Boitempo.
- CRENSHAW, Kimberle, (1989) *Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics*, University of Chicago Legal Forum: Vol. 1989: Iss 1, Article 8. Disponível em: <http://chicagounbound.uchicago.edu/uclf/vol1989/iss1/8>

DALCASTAGNÉ, Regina. *Literatura Brasileira Contemporânea: um território contestado*. São Paulo, Editora Horizonte, 2012.

D'ALVA, Roberta Estrela. *Declama-te ou te devoro*. O Menelick 2ºato: afrobrasilidades e afins, outubro de 2011. Disponível em: <https://omenelicksegundoato.blogspot.com/2011/10/declama-te-ou-te-devoro.html> , consulta feita em janeiro de 2022.

D'ANDREA, Tiaraju Pablo. *A Formação do Sujeito Periférico: Cultura e Política na Cidade de São Paulo*. Tese de Doutorado em Sociologia, USP, 2013.

DUARTE, Diego Elias Santana Duarte. *Sarau do Binho Vive! Identidades alteradas e o sarau como processo de identificação periférica*. Dissertação de Mestrado (Geografia Humana). FFLCH-USP, São Paulo, 2016.

DU BOIS, Edward Burghardt. (1903), *The souls of the black folk*. Waxkeep publishing.

FÉLIX, João Batista de Jesus. *Hip hop: Cultura e Política no Contexto Paulistano*. Tese de Doutorado (Antropologia Social). FFLCH-USP, São Paulo, 2005.

FELTRAN, Gabriel de Santis. *Fronteiras de Tensão: Política e violência nas periferias de São Paulo*. Ed 2009. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

FERNANDES, Florestan. (2013, 1º reimpressão) *A integração do negro na sociedade de classes: o legado da "raça branca"*. 5ª ed. São Paulo: Globo, 2008.

FONTOURA, Pâmela Amaro; SALOM, Julio Souto Salom; TETTAMANZY, Ana Lúcia. "Sopapo Poético: sarau de poesia negra no extremo sul do Brasil". *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n.49, p.153-181, set./dez. 2016.

FRANÇA, Danilo Sales do Nascimento França. *Segregação Racial em São Paulo: residências, redes pessoais e trajetórias urbanas de negros e brancos no século XXI*. Tese de Doutorado (Sociologia). FFLCH-USP, São Paulo, 2017.

GARCIA, Walter. *Ouvindo Racionais MCs*. Ter esa revista de Literatura Brasileira [4 | 5]; São Paulo, p. 166- 180, 2004.

GILROY, Paul. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. Tradução de Cid Knipel Moreira, 2ª ed. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2012.

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. (1982) *Lugar de Negro*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982. Coleção 2 pontos, v. 3.

\_\_\_\_\_. *Por um feminismo afro-latino-americano*, RIOS, Flávia; LIMA, Márcia. Rio de Janeiro, Zahar.

GUASCO, Pedro Paulo Marques. *Num país chamado periferia: identidade e representação da realidade entre os rappers de São Paulo*. Dissertação de Mestrado (Antropologia Social). FFLCH-USP, 2000

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. (2012) *Racismo e Antirracismo no Brasil*. 3ª ed. São Paulo: Editora 34.

\_\_\_\_\_. (2012), *Classes, Raças e Democracia*. 2ª ed. São Paulo: Editora 34.

HANCHARD, Michael George Hanchard. (2001) *Orfeu e Poder: Movimento Negro no Rio e São Paulo (1945-1988)*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora UERJ.

HASENBALG, Carlos. (2005) *Discriminação e desigualdades raciais no Brasil*. 2.ª ed. Belo Horizonte: UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ.

HOLLANDA, Heloisa Helena Oliveira Buarque de. (2001) *A poesia marginal*. In: RODRIGUES, Klaufe; MAIA, Alexandra. (Org.) *100 anos de poesia: um panorama da poesia brasileira do século XX*. Rio de Janeiro, O Verso Edições, v. 2, p. 159-164. Disponível em: <https://static1.squarespace.com/static/5bcd01c69d414940eeb23b24/t/5c9bfb23e5e5f05126de558e/1553726243951/a+poesia+marginal-texto.pdf> . Consultado em dezembro de 2021.

KOWARICK, Lucio. *A espoliação urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LAHIRE, Bernard (2017) *Habitus*, verbete in CATANI, A.; NOGUEIRA, M.; HEY, A.; MEDEIROS, C. (2017) *Vocabulário Bourdieu*. Belo Horizonte, Autêntica.

LEAL, Sérgio José de Machado (DJ TR). *Acorda hip-hop: despertando um movimento em transformação*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007.

LEITE, Antonio Eleilson. *Mesmo céu, mesmo CEP: produção literária na periferia de São Paulo*. Dissertação de Mestrado (Filosofia - Cultura). EACH-USP, São Paulo, 2014.

\_\_\_\_\_. (2014) *Marcos fundamentais da literatura periférica em São Paulo*. Revista Estudos Culturais, n.1 (1), 1-20

LIMA, Márcia. (2010) *Desigualdades raciais e políticas públicas: ações afirmativas no governo Lula*. Novos Estudos, ( 87), 77-95.

\_\_\_\_\_; PRATES, Ian. (2015) *Desigualdades raciais no Brasil: um desafio persistente*, in ARRETCHE, Marta (org.), *Trajetória das Desigualdades: como o Brasil mudou nos últimos cinquenta anos*, São Paulo, Unesp.

MARICATO, Erminia (org.). *A produção capitalista da casa (e da cidade) no Brasil industrial*. São Paulo: Alfa-Omega, 1982.

MEDEIROS, Jonas. *Do “feminismo popular” ao “feminismo periférico”: mudanças estruturais em contrapúblicos da zona leste de São Paulo*. Revista Novos Rumos Sociológicos, vol. 07, n.º11, p. 300-335, jan/ago/2019.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. (2022) *Resumo Técnico Censo Escolar da Educação Básica*. Brasília.

MOURA, Clóvis. (2014), *Dialética Radical do Brasil Negro*. 2ª Edição, São Paulo, Anita.

\_\_\_\_\_. (1977) *O Negro - De bom escravo a mau cidadão?* São Paulo, Conquista.

MOVIMENTO CULTURAL DAS PERIFERIAS. *Manifesto Periférico pela Lei de Fomento às Periferias*. Disponível em: <https://www.facebook.com/MovimentoCulturalDasPeriferias/posts/1619762388237216/> Consultado em março de 2022.

NASCIMENTO, Abdias. (2019) *O Quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista*. 3ª ed. São Paulo: Perspectivas; Rio de Janeiro: Ipeafro.

\_\_\_\_\_. (2016) *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. 1ª ed. São Paulo: Perspectivas.

NASCIMENTO, Beatriz. (1985) *O conceito de quilombo e a resistência cultural negra*. *Afrodíaspóra*, 6 e 7: 41-49.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. *Literatura marginal: os escritores da periferia entram em cena*. Dissertação de Mestrado (Antropologia Social). FFLCH-USP, São Paulo, 2006.

\_\_\_\_\_. *É imprescindível que a produção dos escritores da periferia seja reconhecida como literatura*. Entrevista concedida a Ingrid Hapke. *Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea*, v. 2, n.3, 2010, p.215-223, 2010.

\_\_\_\_\_. *É tudo nosso! Produção cultural na periferia paulistana*. Tese de Doutorado (Antropologia Social). FFLCH-USP, São Paulo, 2011.

OLIVEIRA, Francisco de. *Crítica à razão dualista/O ornitorrinco*. 1ª ed. São Paulo, Boitempo, 2003. 3ª reimpressão, 2011.

OLIVEIRA, Lucas Amaral de. *Experiências Estéticas em Movimento: Produção literária nas Periferias Paulistas*. Tese de Doutorado em Sociologia. FFLCH-USP, São Paulo, 2018.

PAIXÃO, Marcelo; CARVANO, Luiz M. (Orgs.) *Relatório Anual das Desigualdades no Brasil (2007-2008)*, disponível em: [RADR 2007-2008.pdf \(utexas.edu\)](https://www.utexas.edu/radr/2007-2008.pdf), consulta em março de 2021.

RAMOS, Alberto Guerreiro. (1995) *Introdução Crítica à sociologia brasileira*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 1ª ed. Rio de Janeiro, Ed. ANDES, 1957.

RAMOS, Paulo César. *Gramática negra contra a violência do Estado: da discriminação racial ao genocídio negro (1978-2018)*. Tese de Doutorado (Sociologia). FFLCH-USP, São Paulo, 2021.

REYES, Alejandro. *Vozes dos porões: aliteratura periférica/marginal do Brasil*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013.

RIOS, Flávia. (2012) *O protesto negro no Brasil contemporâneo*. Lua Nova, São Paulo, 85: 41-79, 2012.

\_\_\_\_\_. *Elite política negra no Brasil: relação entre movimento social, partidos políticos e Estado*. Tese de Doutorado em Sociologia, FFLCH-USP, São Paulo, 2014.

ROLNIK, Raquel. *A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo*. 3ª ed. São Paulo: Studio Nobel: Fapesp, 1997. Reimpressão em 2007.

\_\_\_\_\_. *Elas mandam a letra*. Revista O Menelick, março de 2020. Disponível em: <http://www.omenelick2ato.com/artes-literarias/elas-mandam-a-letra>. Acesso em abril de 2022.

\_\_\_\_\_; MACIEL, Regimeire. *Feminismo negro brasileiro em três tempos: Mulherese negras, negras jovens feministas e feministas interseccionais*. Labrys, étude féministes/estudos feministas, julho/2017- junho/2018. Disponível em: [https://www.labrys.net.br/labrys31/black/flavia.htm#\\_ftnref1](https://www.labrys.net.br/labrys31/black/flavia.htm#_ftnref1) . Acesso em abril de 2022.

ROLNIK, Raquel. *A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo*. 3ª ed. São Paulo: Studio Nobel: Fapesp, 1997. Reimpressão em 2007.

SANTOS, Débora Gomes dos. *Vivo na cidade: a experiência urbana na cultura punk*. Dissertação de mestrado em arquitetura e urbanismo, UFSCar, 2015.

SANTOS, Elisabete Figueroa dos Santos. *Das margens, escritos negos: relações entre literatura periférica e identidade negra*. Tese de Doutorado em Psicologia, UFSCar, 2015.

SADER, Eder. *Quando novos personagens entraram em cena: experiência e luta dos trabalhadores da grande São Paulo 1970 - 1980*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. 5ª reimpressão, 2010.

SCHWARTZ, Roberto. *Prefácio com perguntas*, prefácio in de OLIVEIRA, Francisco, *Crítica à Razão Dualista/O ornintorrinco*. São Paulo, Boitempo, 2003. Reimpressão 2011.

SILVA, Livia Lima. *A literatura fora do lugar: a constituição de poetas e escritores nos saraus das periferias de São Paulo*. Dissertação de Mestrado (Filosofia - Cultura), EACH-USP, São Paulo, 2017.

SILVA, Mário Augusto Medeiros da. *A descoberta do Insólito: Literatura Negra e Literatura Periférica no Brasil (1960-2000)*. Tese de Doutorado em Sociologia, IFCH-Unicamp, Campinas, 2011.

SILVA, Luiz Antonio Machado da Silva; LEITE, Márcia Pereira. "Violência, crime e política: o que os favelados dizem quando falam desses temas?". *Sociedade e Estado*. Brasília, v.22, n. 3, p.545-591, set./dez. 2007

TANAKA, Giselle Megumi Martino. *Periferia: conceito, práticas e discursos. Práticas sociais e processos urbanos na metrópole de São Paulo*. Dissertação de Mestrado (Arquitetura e Urbanismo - Habitat). FAU-USP, São Paulo, 2006.

TELLES, Vera da Silva. (1988, 2ª edição em 1994) *Anos 70: experiência, práticas e espaços políticos*, in KOWARICK, Lúcio (coord.), *As lutas sociais e a cidade: São Paulo passado e presente*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

\_\_\_\_\_. "Mutações do trabalho e experiência urbana." *Tempo Social, revista de sociologia da USP*. São Paulo, vol. 18 n. 1: pp. 173-195.

TENNINA, Lucía. *Cuidado com os Poetas! Literatura e periferia na cidade de São Paulo*, 1ªed., Porto Alegre, Editora Zouk, 2017.

\_\_\_\_\_. *Saraus das periferias de São Paulo: poesia entre tragos, silêncios e aplausos*. Estudos de literatura brasileira contemporânea. Brasília, n.42, p. 11-28.

TEPERMAN, Ricardo. (2015) *Se liga no som: As transformações do Rap no Brasil*. São Paulo, Claro Enigma.

WACQUANT. Loic. (2017) *Habitus*, verbete in CATANI, A.; NOGUEIRA, M.; HEY, A.; MEDEIROS, C. (2017) *Vocabulário Bourdieu*. Belo Horizonte, Autêntica.

WAISELFISZ, Julio J. Mapa da Violência. Flacso. Extraído de <http://flacso.org.br/?project=mapa-da-violencia> consultado em fevereiro 2022

VINUTO, Juliana. (2014) *A Amostragem em Bola de Neve na Pesquisa Qualitativa: um debate em aberto*. Temáticas, Campinas, Vol. 22, n.º44, p. 203-220.

## **POESIAS E MÚSICAS CITADAS**

JENYFFER NASCIMENTO, *Mimimi de Machismo*. Poesia disponível em: <https://www.facebook.com/jenyffer.nascimento/posts/pfbid035W18FL26nyBf1TPXNy8WPxpV7mCgcB25U4BUtMquRvwii3QHRBxh1GMGLtHrmreol>

RACIONAIS MCS, *Nego Drama*. Música disponível no álbum *Nada como um dia após o outros*, 2002.

\_\_\_\_\_. *Pânico na Zona Sul*. Música disponível no álbum *Holocausto Urbano*, 1990.

SANTOS DRUMMOND, *Vômito*. Poesia disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=HiDDC1wvr2Y>

SÉRGIO VAZ, *Na fundação casa*. Poesia publicada em *Flores de Alvenaria*. São Paulo, Global Editora e Distribuidora LTDA, 2015.

### **PAGINA CONSULTADA**

SLAM INTERESCOLAR. Disponível em:  
[https://www.facebook.com/slaminterescolarsp/about/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/slaminterescolarsp/about/?ref=page_internal), consultado em março de 2022.

### **REPORTAGENS CITADAS**

MARIA POPOVA. *James Baldwin and Achinua Achebe forgotten conversation about beauty, morality, and the political power of art*. Disponível em:  
<https://www.themarginalian.org/2016/09/21/james-baldwin-chinua-achebe-art/>

JULIANA DOMINGOS DE LIMA. *Como um apagão em Nova York impulsionou o surgimento do Hip Hop*. Disponível em:  
<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/08/15/Como-um-apag%C3%A3o-em-Nova-York-impulsionou-o-surgimento-do-Hip-Hop>

99% INVISIBLE e DELANEY HALL. *Was the 1977 New York City Blackout a Catalyst for Hip Hop's Growth?* Disponível em:  
[http://www.slate.com/blogs/the\\_eye/2014/10/16/roman\\_mars\\_99\\_percent\\_invisible\\_was\\_the\\_1977\\_nyc\\_wide\\_blackout\\_a\\_catalyst.html](http://www.slate.com/blogs/the_eye/2014/10/16/roman_mars_99_percent_invisible_was_the_1977_nyc_wide_blackout_a_catalyst.html)